

Hoje na Suazilândia

Moçambique e África do Sul iniciaram conversações

A República Popular de Moçambique iniciou hoje na Suazilândia conversações oficiais com a África do Sul, informou esta manhã em Bissau o presidente Samora Machel em encontro

com jornalistas portugueses. «Estas conversações são essenciais para encontrar um modus vivendi com a África do Sul», adiantou o presidente de Moçambique. Samora sintetiza-

ria a necessidade desse «modus vivendi» sublinhando que os vizinhos não se escolhem: «eles são incómodos para nós, nós somos incómodos para eles». O PR moçambicano confirma-

ria ainda que, desde a sua recente viagem a diversas capitais ocidentais tem recebido vários mensageiros, «incluindo de Portugal», trazendo notas de África do Sul. «Ontem recebi um longo

telex dos EUA», confirmaria Machel.

O dirigente de Moçambique adiantou que a África do Sul parte para as conversações «informada que nós não vamos re-

conhecer o apartheid, os bandos, nem destruir o ANC porque o ANC luta pelos direitos, liberdade, justiça e democracia».

Segundo Samora Machel, o

Continua na pág. 24

Enxurrada mata operário no Porto

Chuva pode provocar cheias no rio Douro

Quatro estradas nacionais cortadas devido ao mau tempo

As autoridades marítimas alertaram as populações ribeirinhas do Porto para a possibilidade de cheias, face à «perigosa» subida do nível do rio Douro, a qual poderá atingir o seu ponto crítico, se a chuva continuar a cair com a mesma intensidade, na próxima sexta-feira. Aliás, foi na capital nortenha que se verificou a única vítima mortal, até ao momento conhecida, do temporal desta madrugada. Serafim Novais Pinheiro, de 35 anos, operário da construção civil, foi surpreendido pelas enxurradas

quando dormia na cave de um prédio na zona da Cedofeita. Os serviços do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica consideram no entanto a situação como «tipicamente de Inverno» e «perfeitamente normal» para a época. A situação manter-se-á, com algumas aberturas, até ao Natal, prevendo-se para depois um acentuado arrefecimento de temperatura e a ausência de chuvas e queda de neve.

Pag. 24



Este camião «deixou cair» o seu contentor em plena ponte 25 de Abril, esta manhã, obrigando a mais um condicionamento de trânsito nas ligações Norte-Sul. Cerca das 11 horas, porém, o problema estava já resolvido

Atribuídos os subsídios ao teatro profissional

O Ministério da Cultura vai atribuir mais de 100 mil contos de subsídios ao teatro profissional para a temporada de 1983-84. Os subsídios regulares por um ano contemplam 24 companhias, das quais apenas sete têm sede em Lisboa e metade se encontra localizada fora dos grandes centros de Lisboa e Porto. Além destas verbas, que atingem os 91 mil e cem contos, serão atribuídos mais 10 mil e 800 contos de subsídios de montagem a 16 companhias, três delas da qualidade de «novas entidades». Estas importâncias, considera o Ministério da Cultura, visam «apoiar de forma significativa aqueles grupos cujo trabalho desenvolvido ao longo dos anos apresenta a garantia de profissionalismo e continuidade». Isto, apesar das «carências financeiras conhecidas».

Pág. 9

Exclusivo Memórias de Paradela de Abreu: negócios do terror em Portugal

Esta manhã em Tripoli
Barcos gregos já começaram a receber homens de Arafat

Págs. centrais

APU diz que não vai no "engodo"
Socialistas de Faro demitem-se: cai a Câmara e treme o Governo?

Pág. 11

“Do 25 de Abril

As revelações de Paradela de Abreu

Nesta «Memória do Tempo Perdido», aos (seus) amigos que o deixaram de ser dedicada, Waldemar Paradela de Abreu, em público, e para a História, se confessa. Ele foi, nos termos desta confissão agora dada à estampa, um dos três autores do «Plano Maria da Fonte», designação que «nasceu quase telepaticamente» de um diálogo longo com o engenheiro Jorge Jardim e que se destinou, à margem de qualquer afinidade com «as motivações da revolução histórica» (a **Maria da Fonte** de 1836), a envolver na actividade conspirativa e terrorista «toda a gente unida pelo denominador comum do anticomunismo; desde bases socialistas até pessoas que posteriormente se alistaram no MIRN».

SEGUNDO Paradela de Abreu o «suporte real do **Plano** era o povo simples e individualista do Norte, a sua aversão instintiva ao comunismo e as estruturas da Igreja». E, ao longo das 200 páginas deste espantoso depoimento sobre o «activismo de direita», desfilam figuras da Igreja que patrocinam ou consentem, incentivam ou colaboram, conhecem, ocultam, auxiliam, a actividade de Paradela de Abreu e dos seus «amigos».

Livro de memórias, de revelações sensacionais e inquietantes, este de Paradela de Abreu, escrito oito anos passados sobre o «activismo» a que se entregou. Nas primeiras páginas do livro o autor previne o leitor: «Eu não sou um escritor. Tenho mais facilidade em falar do que em escrever. Mas foi exactamente por ter contado a alguns amigos as aventuras de 1975 e por os ter ajudado a compreender acontecimentos ocorridos alguns anos mais tarde mas cujas raízes remontavam àquele ano, que fui sendo pressionado a registar em livro essa vivência». Ele próprio não silencia um itinerário extravagante de editor de Spínola, de cooperante com Palma Inácio para a obtenção de sede para a LUAR, uma paragem de três dias na «sala de espera» do PS, quinze dias de frequência da sede do PPD no Largo do Rato, participação no projecto de criação de um «Partido Social Democrata Português» com Adelino da Palma Carlos e Adão e Silva, até às aventureiras actividades do «Plano Maria da Fonte». Episódios envoltos no mistério das conspirações, páginas de grande ambiguidade política, com armas, explosivos, sangue, segredos, ajustes de contas. Estas revelações, com a marca dos entrecos romanescos, com o seu acento tónico policalesco e fantomático, adquirem, nestes dias, ressonância dramática. Os processos de dois crimes de morte foram entregues aos tribunais sem a indicação de culpados incrimináveis. São eles os processos relativos aos assassínios do padre Maximino e da jovem que o acompanhava, vítimas da explosão de uma carga explosiva, e o do industrial Joaquim Ferreira Torres, morto a tiro, numa emboscada viária, operação reveladora de uma técnica militar.

As páginas que transcrevemos darão aos leitores uma ideia da matéria explosiva que o livro contém. As revelações de Waldemar Paradela de Abreu não são a **história** completa de um capítulo obscuro das nossas lutas políticas, o relato tem lacunas, quebras de sequência, zonas de silêncio. É, talvez, a justificação de um percurso pessoal de decepção e de desespero. Mas faz luz sobre certas circunstâncias. Uma luz que perturbará algumas consciências e dificultará as omissões dos investigadores policiais e do poder judicial. Porque — não houve só «oposição política» levada até à preparação da «guerra civil» —, houve crimes de roubo e de morte.

A concepção do «Plano Maria da Fonte»

«O Plano Maria da Fonte em termos de concepção, foi o ovo de Colombo. Depois de explicado, como todas as coisas apa-

rentemente complicadas, torna-se óbvio. Com efeito, para fazer frente às estruturas do Partido Comunista só havia, em Portugal, uma única instituição: a Igreja Católica.

A Igreja, ao contrário do que sucedera na 1.ª República, ainda não havia sido tocada fisicamente: as igrejas não tinham sido destruídas, os sacerdotes continuavam nos seus lugares habituais e os católicos desenvolviam as suas actividades normalmente e mais solidários do que nunca. Em todas as paróquias o padre mantinha localmente o seu tradicional prestígio. Em todas as dioceses os bispos mantinham a sua autoridade moral. Os católicos reforçavam a sua determinação e fé. Todas as estruturas da Igreja Católica estavam praticamente intactas.

Em cada paróquia há pelo menos uma igreja e um sacerdote: «igreja» no sentido de edifício concreto, físico, uma «casa»; e «sacerdote» no sentido real de homem, de cidadão português que não podia naturalmente estar alheio ao que se passava. Cada igreja tem pelo menos um sino: antigamente, quando não existiam rádio nem telefones, a forma prática de chamar o povo era o sino. Era... e é.

Cada diocese tem muitas paróquias, logo muitas igrejas, logo muitos sinos. Milhares de sinos ao norte do rio Douro. Centenas de milhares de católicos. Ao pensar nesta **estrutura** em termos de eventual guerra interna, constatei que o país já estava «quadriculado» militarmente. Cada paróquia seria uma «base». Cada igreja de granito ancestral, um reduto. Cada sino um «rádio transmissor». Cada quinta perdida nas serras, um «apoio logístico».

A «revolução de Lisboa» apresentava-se contra a Igreja Católica, contra a sua espiritualidade e moral embora, aparentemente, o único acto ostensivo tivesse sido a ocupação e utilização da Rádio Renascença (propriedade da Igreja) e apresentava-se igualmente contra a propriedade privada, logo contra milhares de pequenos lavradores que proliferam pelo Norte. Raras seriam as famílias de lavradores que não tivessem parentes a trabalhar na Europa Ocidental ou a prestar serviço militar nos quartéis do Norte. Assim, todas as condições objectivas apontavam para a facilidade de realizar a célebre regra maoísta: o guerrilheiro deve mover-se entre o povo como o peixe na água.

Seria apenas necessário dinamizar toda esta estrutura e organizar grupos de «guerrilheiros». Porque eles, naturalmente e sem grande esforço, seriam peixes a nadar no seu próprio aquário, um aquário que tinha três fronteiras: o mar, a fronteira espanhola com Franco ainda vivo, e o rio Douro. Este foi, inicialmente, o território do Plano Maria da Fonte.»

A carta para D. Francisco

«Tinha conseguido o que precisava: uma carta credencial para D. Francisco, Arcebispo de Braga e Primaz das Espanhas. Se aquela credencial fosse aceite eu podia começar a organizar o povo para uma eventual guerra civil, que parecia certa. Antes porém de me entregar a

carta, Jorge Jardim submeteu-me a um teste, uma espécie de «sessão de terror». Durante uma noite inteira, madrugada adentro, eu ouvi as histórias mais horripilantes passadas em África nos primeiros anos de guerra. Terroristas que esventravam à catanada mulheres grávidas, abriam ao meio as crianças, terroristas que eram apanhados e a quem lhes cortavam as cabeças que eram colocadas em paus altos espetados nas picadas e nas aldeias, como marcos sinistros e macabros anunciando a velha lei «olho por olho, dente por dente». Creio que algumas das histórias foram propositalmente exageradas e retocadas com pormenores imagina-

confiada, eu disse com voz firme que trazia uma carta urgente do eng.º Jorge Jardim para o Senhor Arcebispo. Fui imediatamente recebido. Ficámos os dois sozinhos, numa sala pequena. Fiz o movimento protocolar de lhe beijar o anel. Um vago sorriso de ironia benévola surgiu no rosto do prelado: ele percebeu no mesmo instante que, naquela matéria, eu era um desajeitado. Sentámo-nos lado a lado, em cadeiras duras. O Arcebispo leu a carta com uma fisionomia carregada mas que me pareceu de certo alívio. Quase diria que senti bater-lhe o coração. Falámos durante um quarto de hora. Nunca ninguém soube do teor da nossa conversa. Não houve ro-



Spínola no tempo do MDLP, fotografado em Dusseldorf no dia 25 de Março de 1976

dos, destinados a testar a minha sensibilidade. Recordo sentir-me tremendamente cansado e com a sensação de estar a perder tempo. Noutras circunstâncias aquelas histórias ter-me-iam, pelo menos, chocado. Mas eu não estava «ali». Naquele dia já qualquer transformação psicológica muito profunda se tinha verificado no meu subconsciente: tinha pressa em começar a dar vida ao meu plano. Eu queria a carta. A carta era a ponta da meada. Não sabia de que tempo poderia dispor. Estávamos em Julho de 1975, no auge do consulado gonçalvista, e o poder soviético poderia ser proclamado formalmente de um momento para outro. Era urgente organizar o povo para a guerra, se esta se tornasse inevitável, mas fundamentalmente organizá-lo como força dissuasora. Hoje penso que foi esta a verdadeira característica do Plano Maria da Fonte.

Finalmente Jorge Jardim entregou-me a carta para D. Francisco: era curta mas suficiente e significativa. Eu era um homem de confiança e tinha uma missão a cumprir contra a escalada soviética. D. Francisco podia confiar em mim e eu precisava da ajuda dele.»

Onde se fala do cónego Melo

«Ao padre que me recebeu no Paço com uma expressão des-

deios: foi um quarto de hora cheio, conciso, em que as nossas almas se confundiram. Revelarei apenas que no final lhe disse que a minha missão era a de preparar o povo do Norte para a revolta armada e que, para isso, precisava de todo o apoio das estruturas da Igreja. Respondeu-me que me dirigisse a um cónego que eu não conhecia: o cónego Melo. Ele dar-me-ia todo o apoio pois iria receber instruções para isso.

Num estranho fenómeno senti-me sempre em ligação espiritual com D. Francisco. Em tudo o que se passou a seguir, em todas as decisões que tive de tomar, eu pensava sempre se D. Francisco acharia correcto o meu comportamento. Foi em nome dele que abri as portas da Igreja em áreas onde o cónego Melo não podia chegar ou não era sequer conhecido. Eu sabia que várias vezes a hierarquia de outras dioceses (o Plano Maria da Fonte ramificou-se a seis dioceses!) lhe pedia a confirmação das minhas credenciais. Nunca houve problema. Penso que o que fiz foi o que ele gostaria que tivesse sido feito: fundamentalmente não matar e não roubar. O importante era mostrar o repúdio visceral perante uma aventura comunista e exibir a força impressionante do povo caso fosse inevitável chegar a uma solução extrema. Foi esta a verdadeira estratégia do Plano Maria da Fonte. A referência a «não rou-

bar» não é gratuita. Naquela época roubar era fácil. A Polícia e a GNR não funcionavam e a investigação criminal estava praticamente suspensa. Havia a consciência real de que o País estava sem qualquer segurança interna. Isto foi um facto que eu quero salientar para simultaneamente exprimir o meu espanto e a minha admiração pelo civismo do povo do Norte. Muitas vezes discuti este ponto com algumas pessoas que, por serem mais evoluídas, se tornaram naturalmente figuras preponderantes do Plano. Sentia-se na generalidade da população um ostensivo autodomínio e solidariedade. É evidente que não possuía qualquer estatística mas suponho que ao norte do rio Douro, em 1975, a criminalidade marginal foi insignificante, ao contrário do que acontece agora. Naquele ano, assaltar um solar desabitado mas recheado de antiguidades, ou assaltar uma igreja, não oferecia a menor dificuldade e sem deixar rasto. Assaltar um Banco obrigaria apenas a um pouco mais de arrojado: não havia sistemas de alarme nem qualquer policiamento. Entre Julho e Novembro de 1975 as cidades e as vilas nortenhas eram, à noite, povoações fantasmas. Era durante a noite que circulavam, por todas as estradas do Norte, os grupos da Maria da Fonte que iam contactar, mentalizar e ensinar. Em três meses o Norte ficou preparado para a guerra.

Mas eu fiz referência à determinação de D. Francisco de «não matar nem roubar» porque, certa noite, um gerente de um Banco que não vou obviamente identificar, entusiasta do trabalho que estava a ser feito, entendeu que devíamos precisar de dinheiro para comprar armas. E então, numa residência onde habitualmente se juntavam três ou quatro chefes de grupo do movimento, propôs-me mandar assaltar o Banco de que ele era o gerente, num determinado dia em que se encontrariam lá vinte mil contos destinados às fábricas que tinham de pagar salários. Ele facilitaria tudo, pois costumava ir para lá trabalhar à noite sozinho, desde que fosse encontrado amarrado e agredido («não com muita violência», pediu). A intenção do gerente era exclusivamente política: pensava ser uma loucura o que estávamos a fazer se não possuíssemos armamento de guerra, especialmente metralhadoras. Recusei a oferta — todos recusaram. Esse homem ainda hoje é gerente no mesmo Banco.

Interrogo-me muitas vezes sobre o que teria acontecido se esta possibilidade tivesse sido oferecida a certos oficiais do MDLP que roubaram e assaltaram em proveito próprio — não para comprar armas.»

Reunião secreta em Chaves

«Numa reunião secreta em Chaves realizada em casa de um civil intimamente ligado ao comandante Calvão — Rui Castro Lopo — assistiu o conselheiro da Revolução Canto e Castro e alguns retornados que eu tinha

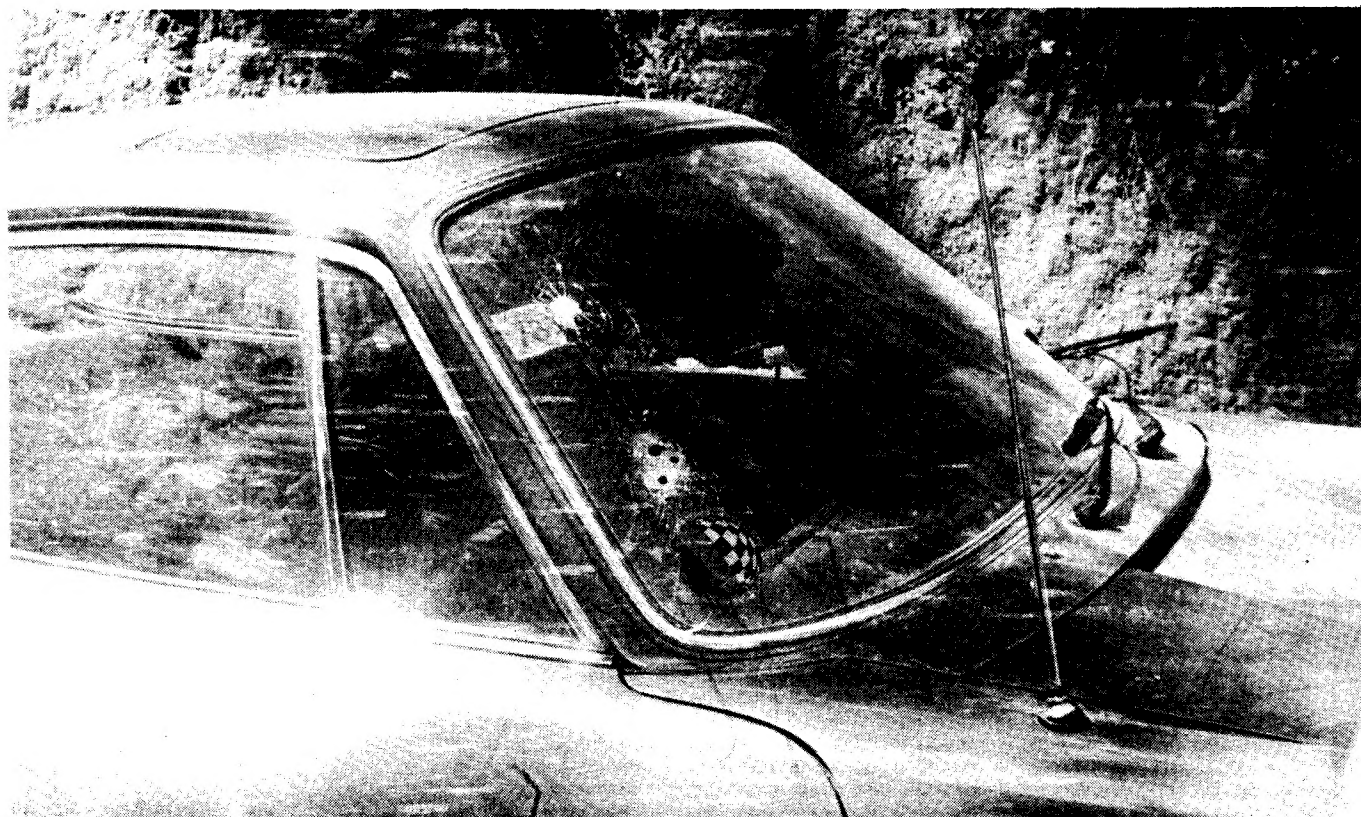
transformado em chefes de grupo de outros retornados, e o homem da minha maior confiança no Plano Maria da Fonte: o Alberto.

O Alberto era «meu irmão». Não era um simples guarda-costas; era meu igual e, simultaneamente o meu protector físico. Discutíamos os dois os assuntos e muitas vezes, sobretudo em matéria de segurança, eu acabava o que ele me dizia. Era o único que compreendia verdadeiramente a minha linguagem a qual, para muitos, era uma «linguagem de esquerda». É que o Alberto tinha sido apoiante, em Braga, da candidatura à presidência da República do general Humberto Delgado. Havia trabalhado como mineiro no Canadá. Era um homem duro e, como todos os duros, secretamente sentimental. Toda a gente o respeitava e sabiam, sabiam exactamente, que ele não hesitaria em disparar para defender a minha vida. Várias vezes me salvou de situações muito difíceis. Em algumas ocasiões bastava a sua presença para desfazer veleidades. O Alberto é um português que já não se usa. Talhado em granito da serra. Imagino que os grandes soldados que fizeram a História de Portugal eram iguais ao Alberto.

Nessa reunião em Chaves propus que, em ligação com parte das Forças Armadas (talvez a Força Aérea, talvez os «Comandos») o povo do Norte se revoltasse abertamente contra o Governo de Lisboa, legitimando a acção que os militares fariam na capital antes do dia 11 de Novembro. A revolta do povo nortenho dependia, naquele mês de Outubro de 1975 da nossa exclusiva vontade. Estava tudo organizado psicológica e materialmente para isso. De notar que o cerco do Seminário foi depois desta reunião, cerco que relatarei a seguir.

Eu tinha porém, sérios receios de uma internacionalização do conflito se este não se resolvesse em poucos dias. Sabia perfeitamente que o exército espanhol tinha colocado a célebre Divisão Blindada Brunete, entre Cáceres e Badajoz, em estado de alerta máximo para entrar em Portugal. Um oficial da Polícia de Segurança espanhola disse-me que atravessando o Alentejo sem qualquer hipótese de resistência dado o estado em que se encontravam as Forças Armadas portuguesas, a Divisão Brunete chegaria a Lisboa em quatro horas. Respondi-lhe sorrindo, pois erámos amigos que se isso sucedesse nos colocaríamos ao lado dos comunistas. Ele também sorriu. Mas o meu receio era essencialmente outro. Os cubanos tinham desembarcado em Angola (os primeiros em Julho na área de Novo Redondo) com o pleno conhecimento do Governo de Vasco Gonçalves. O Governo Pinheiro de Azevedo no Poder nesse mês de Outubro não mandava nada: o poder real continuava nas mãos dos militares comunistas e do Partido Comunista. Qual era a dificuldade para soldados cubanos serem lançados de pára-quedas no Alentejo com eventual escala em Cabo Verde a pedido do Governo cons-

ao 25 de Novembro''



O carro onde seguiu o industrial Ferreira Torres: as balas atravessaram o pára-brisa e atingiram o condutor

tituído? Naquela época, nenhuma.

Assim insisti com Canto e Castro para se fazer o golpe civil-militar antes de 11 de Novembro. O conselheiro foi veemente: não haveria nenhuma independência a favor exclusivo do MPLA. Antes daquela data Luanda seria tomada de assalto pelas forças comandadas pelo coronel Santos e Castro. E se não fosse verdade o que ele estava a dizer — acrescentou — regressaria ao Norte para se entregar nas nossas mãos, nomeadamente para ser fuzilado. Efectivamente no dia 13 ou 14 de Novembro, o conselheiro apresentou-se em Braga, sozinho. Cumpriu a promessa. Só que não éramos assassinos e admiramos a coragem deles. Ambos, eu e ele — lamentámos o sucedido, mas o conselheiro fez-me uma revelação importante: o golpe militar estava marcada para o dia 30 de Novembro! Se fosse necessário pedir a nossa ajuda.

Já várias vezes o secretismo da Maria da Fonte em que nada era escrito mas sim memorizado. Esta foi a única informação que eu escrevi à máquina. Era preciso transmiti-la com a máxima urgência ao cônego Melo, que se encontrava em Espanha. Depois do cerco do Seminário, em 30 de Outubro, o cônego passava a maior parte do tempo em Tuy. Foi para lá que lhe mandei a informação escrita e era lá que ele se encontrava no dia 25 de Novembro.

Um almoço fúnebre

«Aquele almoço estava a ser fúnebre. O que deveria ser um encontro de alegria ou, pelo menos de satisfação revolucionária, de expressão da coragem de cada um, o almoço parecia um velório. A meu pedido tinhamos convidado para aquele almoço o dr. António Souza Machado, pois este advogado já idoso — mas homem sem medo — tinha manifestado o desejo de conhecer pessoalmente o «mito» que era o comandante Calvão. Todos os oficiais do MDLP que actuaram em Portugal bem como o cônego Melo, sabiam que um dos meus apoios logísticos — talvez a partir de certa altura o mais importante — era a família do dr. Souza Machado.

Ainda hoje penso que havia uma única razão para aquele almoço parecer surrealista: a frustração de todas as reuniões ocorridas nessa manhã. Houve três reuniões: a primeira exclusivamente com padres que constituíam nas respectivas paróquias os pilares das estruturas da Maria da Fonte, outra com operacionais e uma terceira com «chefes lo-

cais» vindos de vários pontos (comerciantes ou lavradores que dominavam as áreas onde viviam). Assisti pessoalmente às duas últimas reuniões, com a minha pasta onde guardava uma pequena metralhadora Uzi, e falei posteriormente com um dos padres que assistira à primeira reunião. Os encontros haviam sido todos iguais: desmotivação e desmobilização. Quando todos esperavam — para além de conhecerem pessoalmente o comandante operacional do MDLP e que a Maria da Fonte tinha escolhido, por minha iniciativa, para seu próprio comandante militar — quando todos esperavam, repito, ouvir um plano de acção, uma data para início das operações definitivas (a «profilaxia» em 30 de Outubro de 1975 já estava feita) ou uma estratégia, o que ouviram foi uma voz monocórdica, fria mas inteligente, a desmobilizar, a desmotivar, a pedir paciência, a pedir que se esperasse, a pedir que não se fizesse nada. Foi uma frustração total, um banho de água fria, para aqueles homens que andavam desde Julho a arriscar a vida ou a liberdade na preparação de um plano de acção definitivo contra o Governo de Lisboa e especialmente que esse plano se executasse antes do dia 11 de Novembro. Tínhamos todo o Norte na mão. Tínhamos esquemas suficientemente fortes na zona da Covilhã (onde contávamos com cerca de trezentos homens armados quase todos operários) e dispunhamos de uma pequena Maria da Fonte (com as mesmas estruturas) em Leiria. Sabíamos que a determinação do povo de Rio Maior era igual à nossa. O Plano Maria da Fonte estava em ligação com núcleos organizados e armados em Lisboa. A minha tese era a de que todo este poder popular perfeitamente organizado, nascido e criado com o Plano Maria da Fonte, deveria actuar em ligação com as Forças Armadas anticomunistas (que os oficiais do MDLP diziam existir em Lisboa) de forma a que tudo saísse legitimado pela presença e colaboração populares. Mas não foi isso o que aconteceu, como tentarei explicar neste livro e foi a partir do cerco do Seminário de Braga que eu comecei a ter fortes suspeitas de que havia um conluio entre o MDLP do general Spínola com o «Grupo dos Nove» para neutralizar o movimento popular do Norte, «cortando a cabeça» aos seus chefes que não quisessem «entender». Aliás ao longo da nossa longa história foi quase sempre assim. Só os reis recorriam directamente ao povo: os nobres, que eram e monopolizavam a classe castrense, sempre

tiveram medo de alianças com o povo.»

O cerco do Seminário

«As reuniões do Seminário tinham tido qualquer objectivo sinistro que eu viria a confirmar para mim próprio no dia 25 de Novembro, ou seja pouco mais de três semanas depois. Daí o almoço parecer um quadro de Dalí, simultaneamente surrealista e fúnebre. Foi o que assaltou o meu espírito quando serviram a sopa. E obviamente fiquei petrificado (mas não surpreendido) quando o porteiro anunciou que «estava ali a tropa». Mas houve um pormenor que sempre me fez confusão: a tropa «pedia para entrar». Porque é que não entraram imediatamente? Ter-nos-iam apanhado a todos, até porque a sala de jantar ficava muito próxima da grande porta de entrada. Medo de serem alvejados se entrassem precipitadamente? Ou dar tempo a que alguém em especial se escondesse?

Lembro-me que o comandante Calvão olhou para mim. Fixámos os olhos nos olhos um breve segundo. Todos se levantaram e olharam para o cônego Melo, o «anfitrião» e conhecedor dos cantos da casa — verdadeiramente um enorme casarão que ocupa um quarteirão inteiro, com intermináveis corredores e salas, tão grande que nunca das suas alas viviam, naquela altura, quatrocentos retornados. Peguei na minha pasta onde estava a metralhadora e puxei a pistola que trazia na cintura... Reparei que o Ângelo, um dos dois civis presentes além de mim, tinha igualmente a arma dele na mão. Só que, quase como por encanto, os três oficiais do MDLP desapareceram. E o cônego Melo também. O dr. Sousa Machado disse-nos que não nos preocupássemos com ele: e afastou-se calmamente da sala. Soube depois que tinha saído com toda a dignidade por uma das portas laterais do Seminário, falando em francês ao soldado que a estava a guardar.

Só que eu e o Ângelo ficámos desorientados. Não conhecíamos o labirinto que era o Seminário e não fazíamos a menor ideia para onde tinham ido o comandante Calvão, os outros dois oficiais do MDLP e o cônego Melo. Começámos a correr pelos corredores do Seminário perguntando aos padres que íamos encontrando onde estava o cônego Melo. Entretanto perdi o Ângelo de vista e cruzei-me com um padre alto e forte. Pedi-lhe que me escondes-

se antes que a tropa chegasse àquele corredor. Aconselhou-me nervosamente a esconder primeiro a arma que tinha na mão. «O que é que eu podia fazer sozinho num corredor, de pistola na mão, se entrassem os soldados?», perguntou-me ele. Concordei e pretendi dar-lha, mas o padre indicou-me um móvel enorme que estava mesmo ao lado encostado à parede do corredor. Meti a pistola debaixo do móvel. Só que o bom padre não sabia que dentro da pasta eu tinha a metralhadora. E nesse preciso momento apareceu o cônego Melo: ia a passar por ali.

Levou-me para um quarto com uma antecâmara (mais tarde disseram-me que era o quarto do arcebispo quando ali decidia pernoitar) onde já lá estava o Ângelo. Só que o quarto era uma rateira: tinha uma única porta de entrada, nenhuma saída alternativa e uma ou duas janelas para o largo fronteiro ao Seminário onde se concentrava a tropa e a polícia. O Ângelo, grande, forte, valente, parecia um tigre encurralado e disse ao cônego Melo que não podíamos ficar ali. Perante a determinação de resistirmos a tiro se a tropa entrasse pelo quarto (e esta discussão levou alguns minutos infundáveis) o cônego decidiu levar-nos para o mesmo local onde tinha escondido imediatamente o comandante Calvão. Depois de percorrermos longos corredores, alguém apareceu com uma escada de pedreiro e o cônego indicou-nos um alçapão no tecto que dava acesso ao forro do telhado do velho e enorme Seminário. Não era propriamente um sótão estruturado como tal: era mesmo um forro com as traves à vista, as telhas já desalinhasadas, por onde entravam fios de água (tinha entretanto começado a chover torrencialmente).

O comandante levou algum tempo a aparecer. O forro do telhado era enorme e tinha vários recantos: ele estava escondido atrás de um deles. Quando apareceu, muito calmo, não fez transpore qualquer alegria ou satisfação por nos ver ali. Talvez fosse uma questão de temperamento e autodomínio. Ou talvez não: é uma das interrogações que ainda hoje faço a mim próprio. Mas ao fim e ao cabo eu conhecia-o mal. O Ângelo censurou-me por eu ter deixado a metralhadora no quarto do arcebispo, dentro de uma cómoda. Mas tinha sido uma exigência do cônego. Soube mais tarde que um outro padre, o padre Narciso, a tinha tirado de lá, passando calmamente entre o cerco.

Ouvíamos perfeitamente as vozes dos soldados no local onde minutos antes tínhamos subido

pela escada de pedreiro. Percebi que devíamos estar por cima da zona reservada aos retornados. A certa altura ouvimos com toda a nitidez alguém dizer: «Dois já estão.» Eram os dois outros oficiais do MDLP que acabavam de ser encontrados e presos: o 1.º tenente da Armada Benjamin Abreu e o major da Força Aérea Mira Godinho. Tinham-se escondido debaixo de duas camas, deitados no chão: perfeitamente vulneráveis. Nunca percebi como é que homens que tinham feito a guerra de África podiam ser tão ingénuos em Portugal, num clima de pré-guerra civil, onde toda a experiência de guerrilha era indispensável. Mas esta ingenuidade era comum aos cinco ou seis oficiais que o MDLP mandou para o Norte de Portugal, a meu pedido. Penso que se sentiam amputados: faltava-lhes a cobertura de um Estado-Maior (que legalizava os seus actos), o apoio logístico militar, toda a estrutura de umas Forças Armadas em guerra. E penso ainda que não se sentiam descontraindo no meio do povo e até desprezavam os civis operacionais. Nunca tinham lido Mao Tsé-Tung. Nunca conseguiram entender que eles podiam ser os peixes e o povo a água. Mas que sem água os peixes morrem.»

Joaquim Ferreira Torres podia falar

«Ao contrário de muitos industriais, sobretudo do Sul, que fugiram miseravelmente abandonando tudo, passando à condição cómoda de «exilados políticos» com dinheiro na Suíça, Joaquim Ferreira Torres nunca abandonou Portugal em 1975, mantendo-se à frente das empresas e transformando-se quase num operacional, envolvido em toda a agitação do Norte. Ia a Espanha, como eu e muitos outros, unicamente para estabelecer contactos. Mas a base era Portugal, não era a Calle La Gasca, em Madrid, onde se refugiavam os «comandos» do MDLP. A partir de certa altura, por ironia, dizíamos que o centro das operações do MDLP era na Calle la Rasca.

Ferreira Torres pertencia àqueles que consideraram o «25 de Novembro» como uma traição. De qualquer modo era um facto consumado e aceitou-o, como tanta gente.

Suponho que terá sido um dos maiores traumatismos da vida dele quando soube que ia ser preso sob a acusação de ter pertencido a uma rede bombista, denunciado por um homem que ele tinha contratado.

Em 1975 os «mandados de captura» faziam-nos sorrir. Eu próprio tinha dois. O clima era de sublevação e ninguém, no Norte, se deixaria prender facilmente. Tínhamos, pelo nosso lado, o fundamento e a justificação. Mas em 1976, com um presidente da República já eleito, presidente que ainda por cima tinha sido lançado publicamente pelo dr. Sá Carneiro, com os partidos já a funcionar em termos quase normais, o clima era completamente diferente. Poderíamos continuar a ter o fundamento: mas já não tínhamos a justificação. E assim Ferreira Torres, pela primeira vez, fugiu de Portugal. Foi julgado à revelia. O processo durou mais de dois anos e fez correr rios de tinta na imprensa. Terminado o julgamento, Joaquim Ferreira Torres foi absolvido.

Regressado ao Porto e a Fátima começou a sua vida de industrial. Só que, algum tempo depois, o julgamento foi anulado para ser feito de novo. E Joaquim Ferreira Torres voltava a ser réu da mesma rede bombista, correndo os mesmos riscos de uma longa prisão. E aí Ferreira Torres perdeu a paciência.

Começou a dizer ostensivamente a toda a gente que desta vez não fugiria. E não fugiu. Estava farto de traições. Iria ao tribunal dizer tudo. E o tudo que

Ferreira Torres tinha para contar, não podia ser contado.»

Reuniões com Ferreira Torres e Canto e Castro

«A uma dessas reuniões assisti eu em casa de Joaquim Ferreira Torres, mais exactamente no quarto de cama pois ele estava doente. Bastaria o relato desta reunião para provocar convulsões no seio militar de consequências imprevisíveis, considerando que as declarações seriam feitas em Tribunal Militar.

Ferreira Torres estava doente e meio sentado na cama, encostado a almofadas. No quarto umas oito pessoas, a maior parte das quais eu não conhecia. Das que conhecia, além do dono da casa, encontravam-se o Rui Castro Lopo, de Chaves, o conselheiro da Revolução, Canto e Castro, e creio que o guarda-costas e secretário deste, tenente Avelar. Estávamos em Novembro, a poucos dias do golpe militar.

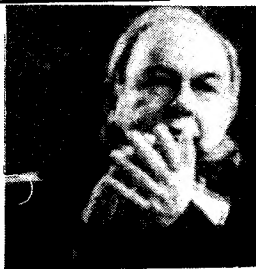
Canto e Castro volta-se para mim e pergunta-me se eu tinha um grupo de homens capaz de matar o major Melo Antunes. Respondi que sim, que dominava muitos grupos operacionais capazes de executar quem quer que fosse, desde que houvesse fundamento e justificação. «Mas porquê?», perguntei. E continuei: «Qual era o esquema? Dou ordem para matar o Melo Antunes e o que é que acontece depois? Quem é o presidente da República que se segue a Costa Gomes? Sim, porque matar Melo Antunes naquela altura, em Novembro de 75, predominando o «Grupo dos Nove» de que ele era o chefe, isso equivalia a um golpe de Estado que provocaria uma luta militar. Não seria assim? Eliminar fosse quem fosse devia inserir-se num plano revolucionário global. Onde estava esse plano? Não bastava chamar um «grupo de Braga». E porquê nós? Não éramos assassinos. Ele não tinha homens em Lisboa para isso?» Canto e Castro não teve resposta para o meu pequeno discurso. E eu disse-lhe redondamente que não. Que nunca daria ordens aos homens da Maria da Fonte para matar Melo Antunes.

Ferreira Torres sorria-se em silêncio, na cama, enterrado nas almofadas. Dei, pela minha parte, a reunião como encerrada e saí furioso. Cheguei a Braga e disse aos chefes de grupo que me esperavam: «O tipo queria que eu desse ordem para vocês matarem o Melo Antunes. Perguntei-lhe porquê e para quê e ele não soube responder. É doido!». Para minha tranquilidade, todos aqueles homens que detestavam politicamente Melo Antunes, deram-me razão. E repetiram as minhas palavras: «O tipo é doido!». Era isto tudo que Joaquim Ferreira Torres ameaçava dizer no Tribunal Militar, além de denunciar toda a porcaria da cúpula do MDLP, nomeadamente contrabando, traições e roubos, um dos quais era o da Igreja-Museu de Guimarães. Muito mais e muito mais grave, Ferreira Torres podia denunciar, por exemplo, o destino das cinco mil espingardas Mauser oferecidas pelo presidente Mobutu, do Zaire, e de vários camiões carregados com metralhadoras Breda, que tinham vindo de França e entregues ao MDLP, bem como o destino de sete mil contos angariados para comprar um camião especial apetrechado com rádio-emissor destinado a emitir programas de propaganda para Portugal, ao longo da fronteira espanhola. E a verdadeira razão pela qual o comandante Calvão foi expulso de Espanha (a Polícia espanhola deu-lhe 48 horas para abandonar o país). E a morte do padre Max: o fornecedor da «bomba eléctrica» e o mandante. Ele sabia tudo.»

No rescaldo do X Congresso

Perez Herrero (Cuba):

Washington e Pretória “querem desarmar Angola”



Foi a segunda vez que Perez Herrero, membro da Comissão Política e do Secretariado do PC de Cuba, esteve presente num congresso do Partido Comunista Português. A primeira presença ocorreu em 1976, no VIII Congresso e, de então para cá, o representante cubano considerou ter observado, com base nos quatro dias passados agora no Porto, «um avanço qualitativo e quantitativo» no trabalho do PCP.

Foram naturalmente, porém, a situação na América Central e em Angola, os temas principais do encontro que mantivemos, num dos intervalos do Congresso.

Sobre a América Central, Perez Herrero pensa que poderá ocorrer, a breve prazo, uma intervenção directa dos norte-americanos na Nicarágua ou em El Salvador. «Em El Salvador é mais fácil pois há um governo que pode favorecer essa intervenção. A questão está na ausência, por agora, de condições políticas para isso. A invasão e ocupação de Granada travou, em parte, os objectivos do Pentágono» — sublinhou.

Relativamente à Nicarágua, o dirigente cubano referiu a verba (20 milhões de dólares) aprovada pelo Congresso dos EUA e «destinada a ajudar directamente a contra-revolução nicaraguense». É nas Honduras — disse — que estão a ser criadas as condições materiais (acampanamentos, aeroportos, manobras militares, etc.) para a intervenção em força contra Manágua.

«A pretexto — contou — de treinos militares, desembarcaram vários milhares de soldados norte-americanos nas Honduras. Dizia-se que apenas ali ficariam seis meses. Esse tempo já passou e eles continuam lá.»

Invasão de Cuba? «Não é impossível, mas custaria muito caro aos Estados Unidos» — frisou. «Uma invasão por terra seria muito pesada para eles. Cuba pode, contando com as milícias territoriais, mobilizar um milhão e meio de homens em armas. Receamos mais um bloqueio naval ou ataques aéreos, tal como fizeram no Vietname do Norte impedindo-nos o acesso a matérias-primas, petróleo, alimentos, etc., bombardeando as nossas fábricas, as nossas colheitas. Mas, mesmo assim, teriam muito a perder, material e politicamente...»

Considerou positivo o esforço dos países do Grupo Contadora (Venezuela, Colômbia, Panamá e México) para uma solução negociada na América Central. «O problema — diz — é que Reagan e a sua equipa recusam isso. Bloqueiam tudo, não querem negociar...»

Dai partimos para a questão da Namíbia e para o apoio militar de Cuba a Angola. Pretória e Washington insistem na retirada cubana. «A jogada está clara. Pretendem desarmar a República Popular de Angola. Eles querem que os cubanos saiam para facilitar a actividade dos grupos fantoches, como a Unita, e dos próprios sul-africanos. Ninguém acredita que Pretória vá facilitar a independência da Namíbia. Eles querem enfraquecer Angola» — acentuou-nos Perez Herrero.

Adiantou por outro lado, que os militares cubanos não participam, em Angola, nas acções contra a Unita. «Esse papel cabe às FAPLA. Nós estamos ali para a eventualidade dos ataques sul-africanos.»

O dirigente cubano assinalou-nos, por outro lado, um importante tipo de cooperação levado a cabo pelo seu país em Angola e noutros países africanos e que é frequentemente minimizado. «Temos milhares de cooperantes civis em África — diz — desde médicos, professores e outros técnicos. Desses o imperialismo não fala...»

A finalizar, Perez Herrero sublinhou-nos que, de momento, «a coisa mais séria, de ameaça contra a Humanidade, é a corrida nuclear. A URSS fez esforços sérios para o desarmamento, mas, de facto, Reagan não quer negociar e os seus euromísseis constituem, além de tudo, uma perigosa chantagem política e militar para os países europeus que os aceitaram instalar. Esses países tornaram-se, assim, reféns atômicos».

E. A.

PCP: “A regra de ouro” continua

DURANTE quatro dias, num cenário imponente, sabiamente concebido e organizado, os comunistas portugueses realizaram o seu quarto Congresso depois do 25 de Abril e décimo desde a fundação do partido. Durante quatro dias, dirigentes, delegados, convidados e jornalistas, tiveram o privilégio de tomar conhecimento de um autêntico Relatório da Nação, através das diferentes e sucessivas intervenções de camponeses, operários, economistas, professores, autarcas, deputados e dirigentes comunistas. Dir-se-á que era, apenas, o ponto de vista do PCP. Mas há que reconhecer a força dos números e factos apresentados e o significado dos depoimentos de um sector importante e influente da sociedade portuguesa.

No plano político, e para além da questão das presidenciais, já conhecida, há que salientar a insistência do PCP na defesa de um governo de consenso nacional, capaz de enfrentar os problemas essenciais do país.

No VIII Congresso (1976, em Lisboa), um ano depois do 25 de Novembro, o relatório de Álvaro Cunhal propunha, na base de um Programa Comum, «um Governo que deveria incluir «membros do PS, do PCP, militares independentes e membros de quaisquer outros partidos que se juntassem ao projecto de assegurar o prosseguimento do processo democrático».

Barreiro, três anos depois, no pavilhão da Quimigal Cunhal denuncia a situação criada pelos Governos do PS e PS-CDS, e manifesta abertura à formação de um Governo de gestão, que suceda ao Executivo Mota Pinto, e que inclua ministros dos quatro maiores partidos parlamentares.

No Porto — 1983 — e apesar das fortes críticas ao Executivo PS-PSD, a intervenção do secretário-geral e a Resolução Política aprovada, apontam, como saída imediata para os problemas do país, a formação de um Governo Democrático de Salvação Nacional, composto por democratas, «independentemente da sua filiação partidária».

Objectivo ilusório este, de um Governo de consenso nacional? A evolução política, o desenvolvimento acelerado da crise económica e social e a necessidade de um reforço colectivo que terá de contar com a participação e responsabilidade do mundo do trabalho, ditarão inevitavelmente, pensamos, a sua lei. A não ser que se recue, politicamente, aos tempos da ditadura...

Voltemos ao Porto. A fortíssima «máquina» do PCP, baseada no colectivo extremamente organizado, não deu azo às «brancas», querelas, ou divisões, que habitualmente se revelam noutros congressos partidários. Para tal contou muito os debates prévios (durante semanas) das Teses e onde não rarearam as discussões vivas e aprofundadas dos diferentes temas. Por isso, para o espectador menos prevenido, o «espectáculo» de um congresso do PCP surge, aparentemente, como demasiado «monolítico», rígido e sem outras novidades que as intervenções sucessivas sobre os diferentes temas da vida nacional.

Tal facto tem, ainda, a ver com a natureza de classe totalmente assumida pela direcção, programa e prática do PCP. Há centenas de milhares de portugueses que não votam nos comunistas — repete com frequência, o secretário-geral do PCP, sublinhando, até, que o seu partido não tem a pretensão de

representar todos os portugueses.

Dai que a regra de ouro da maioria operária continue a pautar a «renovação gradual» dos órgãos dirigentes. E, significativamente, se a generalidade dos 48 novos membros do CC e dos 23 militantes que se tornaram efectivos do órgão, está na casa dos trinta anos mais de 70 por cento desses novos dirigentes, incluindo os que ascenderam à Comissão Política e ao Secretariado, são operários trabalhadores agrícolas e empregados.

Não basta a capacidade. A dedicação e a disponibilidade são fundamentais também — dizia — Blanqui Teixeira, domingo passado, aos jornalistas, ao explicar a larga maioria de funcionários no CC. Este é, talvez, um dos problemas básicos do PCP.

Cunhal, ele próprio, alertou na sua intervenção para o «excesso de praticismo» e para as manifestações de dirigismo, e burocratismo.

Muitos dos melhores quadros, ascendem pelas provas dadas nas diferentes tarefas «em estreita ligação com a classe operária e as massas». Porém, a ascensão e a actividade posterior, na qualidade básica de funcionários pode afastar parte desses quadros dos sectores ou zonas sociais onde, antes, eram extremamente influentes e mobilizadores.

Tais critérios explicam, certamente, a ascensão de quadros provenientes da área da Reforma Agrária, dos meios operários e dos sectores de serviços. Em contrapartida, na frente parlamentar, donde saiu Veiga de Oliveira, não subiram ao CC prestigiados deputados como Ilda Figueiredo, João Amaral, José Magalhães e Odete Santos.

No plano cultural, apenas

um nome saliente, não funcionário: ascendeu ao CC: o pintor Rogério Ribeiro, com ligação ao PCP desde os anos 50 e com papel destacado nas iniciativas culturais dos comunistas, como é o caso da Festa do Avante.

«Os intelectuais nunca foram, não são, nem serão, uma classe social autónoma, nem uma camada social homogênea; são antes um grupo relativamente coeso e que das condições e exigências específicas do seu trabalho retiravam um sentimento, um estatuto precário e uma frequente reivindicação de independência face aos outros grupos sociais. Mas na realidade efectiva, os intelectuais sempre estiveram ao serviço de — venceu (e explicou) Abolim Inglês, na sua intervenção ao Congresso.

Mas essa disciplina, coesão e alguma rigidez que caracterizam o PCP não impedem a adesão sensível e emotiva em situações, por vezes inesperadas. Espantado ficou, certamente, o delegado do PCI, Piero Fassino, quando depois de dizer que falaria em Português como homenagem aos portugueses e ao congresso do PCP levantou os delegados e a mesa. E quando transmitiu as saudações de Berlinguer aos comunistas portugueses, ouviu também aplausos significativos.

Mesmo a sua crítica aos mísseis americanos e soviéticos (responsabilidade por Cunhal no domingo, no comício) se motivou um momento de frio silêncio não impediu os prolongados aplausos do final.

E poucos, repararam, por exemplo, na saída do representante holandês quando subiu à tribuna o convidado polaco. Nem causaram maiores perturbações as frequentes deambulações e questões postas pelo jornalista da China Popular, cuja embaixada se fez representar no congresso.

Enfim, Abu Jaafar, director do Departamento Político da OLP, veio de Tunes com passagem por Madrid. Passou dois dias no Congresso do PCE e dois no do PCP. Estou espantado. Em Madrid havia divergências muito fortes. Aqui a coesão e o entusiasmo são um espanto...

EA

Dirigente do BAAS (Síria) fala-nos da divisão na OLP

‘Arafat acha que pode obter algo dos norte-americanos’

Outra presença significativa no X Congresso do PCP foi a do representante do Partido Baas da Síria, no poder. Graças ao nosso camarada Artur Queiroz do «Correio do Minho» e ex-jornalista do «Portugal Hoje» (ainda à espera dos salários em dívida) que nos facilitou em exclusivo a conversa que manteve com Fawaz Suyagh, do «Bureau Político» do Baas, os leitores do «DL» poderão, ouvir, pela primeira vez, directamente de um dirigente sírio, a versão pormenorizada de Damasco sobre Arafat e a divisão na OLP.

«DL» — Ficou claro que na sua intervenção durante o congresso, situação que se vive no Médio Oriente é da responsabilidade dos EUA a coberto da chamada «Força Multinacional de Paz. Ficou também claro que a Síria apoia as forças progressistas libanesas e a OLP no combate contra as agressões dos EUA e de Israel. Mas fez um silêncio absoluto quando à situação do Arafat no seio da OLP. Nós gostaríamos de saber o que se passa no seio dessa organização e qual é o papel da Síria no conflito que opõem grupos palestinos da Fatah ao líder Yasser Arafat.

FS — Trata-se de um problema interno dos palestinos numa base exclusivamente política.

Depois do Congresso palestino em Argel a situação agudizou-se. Como se sabe os delegados ao Congresso aprovaram por unanimidade entre muitas outras, esta resolução política muito importante: a recusa do Plano Reagan para o Médio Oriente.

Arafat: «Único a votar contra...»

«DL» — Qual é o aspecto mais negativo do projecto e que levou a essa unanimidade na rejeição?

FS — O Plano Reagan visa fundamentalmente acabar com a luta da OLP. Repare que o plano trata os palestinos como refugiados e não como um povo. E como os trata desta forma, apenas lhes confere os direitos dos refugiados e não lhes reconhece sequer o direito a regressar à sua terra. Vou mais longe: este plano apenas reconhece o estado de Israel.

Nestas condições, o Congresso dos palestinos que decorreu em Argel rejeitou por unanimidade o Plano Reagan.

«DL» — Certo. Quer isso dizer que Arafat não aceitou a resolução do Congresso de Argel?

FS — A questão é outra. Na altura decorriam negociações entre Arafat e o rei Hussein da

Jordânia. Esta negociação estava consignada no Plano Reagan e inclusive ali se afirmava que a Jordânia é que entrava nas negociações.

O rei Hussein é que representava a OLP.

Nestas condições, foi aprovada no Congresso de Argel uma resolução conectada com a que rejeitou o Plano Reagan e que dizia que deviam acabar, imediatamente, as negociações com a Jordânia e não se devia mandar o rei Hussein para falar em nome da OLP. Todos os delegados aprovaram esta resolução, excepto o senhor Yasser Arafat. É claro que os seus camaradas da Fatah que votaram favoravelmente esta resolução se puseram contra ele...

Note que foi o único que votou contra! E muitos dos que apoiam Arafat votaram favoravelmente esta resolução que impedia o rei da Jordânia de falar em nome da OLP. Não tiveram coragem de dizer que estavam contra. Por isso a revolta que hoje se verifica contra Arafat.

«DL» — Então qual é o papel da Síria no conflito interno da OLP?

FS — A Síria está a favor das resoluções aprovadas no Congresso de Argel, apoiamos o povo palestino e a OLP. Isso quer dizer que estamos com aqueles que aceitaram as resoluções aprovadas no congresso.

«DL» — De qualquer forma, reconhece que há uma parte importante da OLP que apoia Arafat...

FS — Todas as organizações palestinas aceitaram as moções do Congresso de Argel, e muito especialmente as que dizem respeito à rejeição do Plano Reagan e apoiam sem hesitações o movimento revolucionário dentro da Fatah.

Arafat-EUA

«DL» — Quando fala em «movimento revolucionário» quer dizer que Arafat não pertence a esse movimento ou se conluiou com os israelitas?

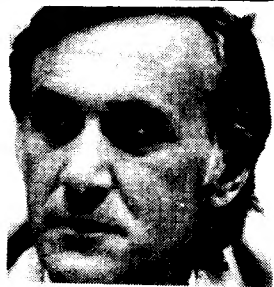
FS — Não com os israelitas mas com os Estados Unidos da América. De qualquer forma, ambos recusam as negociações com a OLP. Americanos e israelitas só querem negociar com o rei Hussein da Jordânia. Desde sempre que eles não reconhecem a OLP nem estão dispostos a reconhecer. O que se passa, portanto, com Arafat, é que todos os palestinos sabem que não rião obter nada dos americanos e israelitas. E ele acha que sim...

«DL» — Yasser Arafat é partidário de negociações com os EUA porque entende que é possível obter resultados positivos para a causa palestina. E acha que essa posição é apenas dele, quer dizer, individual e à revelia das resoluções do Congresso de Argel?

FS — Exactamente. É uma posição pessoal dele à revelia das resoluções do Congresso de Argel.



ao telefone com

António
Campos

“Aumentamos reformas e demos medicamentos. Para um país como o nosso...”

António Campos, secretário de Estado adjunto do Primeiro-Ministro para os Assuntos Políticos, anunciou no dia 10 de Julho passado, durante uma entrevista que concedeu ao programa «De fio a pavio», da Rádio Renascença que, num prazo de um a dois meses a partir daquela data o Governo iria tomar medidas compensatórias da austeridade que estava a cair sobre o povo português.

Passaram já cinco meses. Perguntámos António Campos por essas anunciadas medidas. Do outro lado do fio (sem pavio), o secretário de Estado, bem humorado, respondeu:

«Aumentamos as reformas agora no mês de Dezembro, abrangendo o 13.º mês, o que é muito para um país que não tem nada, como o nosso».

Só isso?

Não. Também foi dado, gratuitamente, um conjunto de medicamentos para algumas doenças crónicas, o que é igualmente um esforço importante. De qualquer modo o que eu penso ser importante é o facto de as reformas terem subido muito mais do que subiram os níveis dos salários em geral.

E tudo?

Não terá sido o desejável, mas foi o possível.

Nesse programa radiofónico, em Julho passado, o senhor afirmou também que em muitas empresas públicas teria de haver alterações porque existiam casos de corrupção que eram do seu conhecimento. Passado tanto tempo ainda não apontou publicamente um caso que fosse dessa corrupção. Não o quer fazer agora?

Não. Há uma Alta Autoridade...

... de nome, de nome...

... deve tomar posse ainda esta semana, descanse. Portanto não vou ser eu o julgador, não vou ser eu a vir publicamente apontar casos de corrupção.

Mas confirma que conhece casos desses. Certo?

É óbvio que confirmo

Ainda e sempre pegando em afirmações suas na referida entrevista. Nessa altura disse concordar com a instalação de mísseis da NATO em Portugal «se ela for fundamental para a manutenção da segurança do Ocidente a que nós pertencemos». Essa do Ocidente não lhe cheira assim a uma frase feita que já há longos anos nos anda a ser repetida?

Sabe, eu sou contra todos os mísseis. De um lado ou do outro. O que acontece é que não aceito que eles sejam instalados só de um lado.

Certo, mas não era disso que estava a falar. Não lhe parece que se autorizarmos mísseis NATO no nosso território passaremos a ser um alvo para os mísseis do Pacto de Varsóvia? E que me conste não há em Portugal mísseis do Pacto de Varsóvia — nem se prevê a sua instalação. Que eu saiba, evidentemente.

Dir-lhe-ei somente que aquilo que eu gostaria é que ninguém fosse alvo de ninguém.

Bonitas intenções. Mudando de assunto o senhor disse, ainda em Julho, que o seu partido ia arrancar em Outubro com uma grande campanha de dinamização interna, em todas as comunidades residenciais e laborais, ao nível da militância activa. Acrescentou que esperava que o PS tivesse, até ao fim do ano, cerca de 70 mil militantes inscritos. Que se passa de concreto?

Bom, essa campanha está um pouco atrasada. Vamos começar no dia 6 de Janeiro. Arrancaremos com reuniões com ministros, cabeças de listas distritais e um membro da Comissão Permanente. Em 6 e 7 de Janeiro reuniremos em todos os distritos.

E quanto a militantes? Já chegaram aos propalados 70 000? De memória não sei os números exactos. Posso é adiantar-lhe que entraram alguns milhares.

Quanto às eleições no Marco de Canaveses. O chamado bloco central sofreu uma grande derrota. Que significado tem esse resultado?

Bem vê, qualquer câmara que caia por antecipação acaba por beneficiar quem lá está. Além disso as eleições do Marco foram fortemente marcadas pelo cunho pessoal dos candidatos. Até houve juntas PS a apoiar o candidato do CDS... Portanto o significado é eminentemente local. De resto o CDS não tem um candidato igual em todos os concelhos...

Quanto à falada remodelação governamental. É agora, vai demorar mais algum tempo ou não se fará?

Estamos em período de Natal (António Campos deu uma gargalhada)

Então é depois do Natal passar... É isso?

Estamos num período de paz, de festa. Não se pensa nessas questões...

Ai não? Então quando é que se pensa?

Não faço ideia.

Ribeiro Cardoso

Alberto João Jardim reafirma

“O CDS na Madeira é um bando fascista”

«Não estou preocupado com o conceito de prestígio do CDS e reafirmo, e faço questão de acentuar, que mantenho a acusação que fiz ao CDS madeirense, de que se trata de um bando de fascistas». Quem assim fala é Alberto João Jardim, líder do PSD madeirense, em declarações prestadas à ANOP, no Funchal, a propósito de acusações feitas, no sábado, pela Comissão Política regional do CDS sobre a NATO.

«O desespero do CDS é de tal forma enorme — diz João Jardim — que vai ao ponto caricato de me

judgar conivente com a URSS e anti-NATO, quando toda a gente sabe que se há pessoas em Portugal que mais se têm oposto à política expansionista da URSS eu sou uma delas.

Em sua opinião; o Governo Regional da Madeira sempre se afirmou a favor da existência da NATO desde que «os países e regiões mais fracas e mais pobres tirem proveitos palpáveis dessa aliança, para que não estejamos sempre ao serviço da NATO». Acrescenta João Jardim que «a denúncia pelo CDS, de uma política de arruaça e de

chantagens da minha parte em relação à Aliança Atlântica deve ser apenas imaginação desse partido, apesar de eu entender que devo utilizar todos os métodos para poder obter benefícios para a Madeira».

Interrogado sobre a acusação do que tem um bom relacionamento com o PCP, o líder social-democrata da Madeira comentou: «O CDS tem aqui razão na medida em que os responsáveis do PCP na Madeira nunca tiveram para comigo um comportamento incorrecto ao contrário do que sucede com os

dirigentes democratas-cristãos».

Ainda sobre esta questão, João Jardim acrescentou que a União Soviética «é um país com o qual Portugal mantém relações diplomáticas, pelo que, independentemente das discordâncias que tenhamos com os países nessa situação, entendemos que a Madeira, como parcela do território nacional deve exercer essas relações, fazendo-o também em seu proveito próprio».

Em Fevereiro o embaixador soviético em Lisboa desloca-se ao Funchal.

Xadrez eleitoral não deverá ser alterado

A pouco menos de um ano das terceiras eleições regionais para os parlamentos da Madeira e dos Açores, são praticamente inexistentes os argumentos, inclusive políticos, que impeçam a participação isolada das principais forças políticas.

Afastada a hipótese «bloco central», lançada para a cena política madeirense por Alberto João Jardim, na madrugada de 26 de Abril último, e colocada fora de questão uma eventual coligação entre democratas-cristãos e sociais-democratas, cujas posições se vêm radicalizando nos últimos três meses, tudo indica que PSD, PS, CDS, UDP e PCP procurarão em Outubro de 1984 manter ou ampliar a sua representatividade no parlamento regional.

A «porta aberta» por João Jardim à eventual constituição na região de um «bloco central» no continente e pelo facto da crise económica no país ter, inevitavelmente, repercussões na Madeira, seria definitivamente «encerrada» com a realização dos congressos regionais do PSD e PS no Funchal.

Uma fonte socialista recordou recentemente à ANOP que a proposta do líder madeirense «surgiu numa altura em que os socialistas estiveram na iminência de conseguir a eleição do segundo deputado, facto que aconteceria pela primeira vez e que poderia ter um significado particularmente grande na evolução da conjuntura política regional».

PSD abre a porta...

Se, por um lado, foi Alberto João Jardim e o PSD quem abriu essa «porta» ao PS, também é um facto que a ambos se deveu o seu encerramento, sobretudo numa altura em que os socialistas insistiam que a sua eventual ida para o governo «teria de depender de uma indicação clara do eleitorado» o que, de certo modo, «adiava» a questão.

Foi durante o congresso regional do PSD, realizado em Novembro, que uma moção de João Jardim, criticando o PS devido a posições assumidas relativamente ao processo autonómico, e propondo a participação isolada do PSD nas próximas eleições («em busca de novo triunfo eleitoral e de uma maioria absoluta com apoio dos madeirenses») que o «bloco central» morreu.

A grande interrogação que ainda hoje se coloca é a seguinte: «terá realmente, o «bloco central» na Madeira, como hipótese de coligação pré-eleitoral, nascido?»

A moção do presidente do PSD foi aprovada por unanimidade e, quer durante a intervenção de apresentação do texto aos congressistas, quer na comunicação proferida na sessão de encerramento, João Jardim manteve posições altamente críticas face ao PS.

Recorda-se que, quando esta questão surgiu, todos os partidos da oposição regional foram unânimes em condenar a «submissão» dos socialistas acusando os seus responsáveis de apenas pretenderem chegar ao poder (governo regional).

Democratas cristãos, democratas-populares e comunistas, talvez porque convencidos de que a «transferência» do PS retiraria à oposição força no seu combate anti-PSD e anti-governação social-democrata, denunciaram a «indefinição» dos socialistas que, afirmavam, «perdiam assim qualquer idoneidade moral para se afirmarem como os líderes da oposição madeirense e a alternativa ao PSD».

PS fecha...

Seria Emanuel Jardim Fernandes, líder do PS local, quem apresentaria ao quarto congresso regional do partido uma moção, subscrita pelos principais dirigentes socialistas madeirenses, propondo a participação isolada do PS no acto eleitoral de 1984.

Nesse documento frisava-se a necessidade de «viabilizar uma alternativa ao Governo do PSD», quer no poder regional quer no poder autárquico.

Denunciando a «irresponsabilidade» da governação do PSD, a moção sublinhava: «a pretensão da participação do PS no executivo regional, afirmada pelo líder do PSD, é o reconhecimento do interesse e da importância para a região e para as populações, da participação dos socialistas nos destinos da região, e o próprio crescimento da votação do partido tem também esse sentido».

«A medida da responsabilidade e da solidariedade do PS na gestão da região e na definição do futuro das suas populações deve resultar da vontade do eleitorado, cabendo-lhe decidir a quem deve dar esse reforço, se a um ou se a mais do que um partido», acrescentava a moção de Jardim Fernandes.

Aí era proposta a participação isolada dos socialistas, com a sua proposta de acção, com os seus candidatos próprios escolhidos em função da sua capacidade para vencer a crise do momento e continuar o futuro.

Estava assim «encerrado» todo o processo relativo ao eventual entendimento entre o PSD e o PS e, actualmente, qualquer outro tipo de coligação ou acordo parece estar posto fora de causa, atendendo sobretudo à evolução verificada nos últimos dois meses, onde cada partido procura afirmar-se como alternativa ao poder regional.

CDS critica

Os centristas, acusados recentemente por João Jardim de «bando fascista» vem mantendo uma posição fortemente crítica,

não apenas ao Governo Regional e ao PSD, mas principalmente em relação ao presidente do executivo.

Acusam-no de «irresponsabilidade, de política de arruaça e de chantagem, de prejudicar a região, de favorecer a URSS e o Pacto de Varsóvia, em vez de defender a NATO e o Ocidente», além de criticarem a situação financeira do executivo e das autarquias.

O CDS anunciou já que definirá, durante uma cimeira insular (Madeira e Açores) de dirigentes democratas-cristãos, a «estratégia combinada a seguir no próximo acto eleitoral».

A JSD aprovou em congresso regional a criação de um gabinete de campanha eleitoral «permanente» e o conselho regional do PSD, reunido sábado em Santana, «congratula-se com a acti-

de uma campanha eleitoral regional, a qual deverá ser conduzida com absoluta firmeza e sem qualquer tipo de abdicção ante pontos de vista totalitários, antiautonomista retrógrados e incompetentes dos nossos adversários».

PS, UDP e PCP, igualmente representados na Assembleia Regional definirão as suas estrat-

tégias provavelmente durante o mês de Janeiro, apesar de desenvolverem já uma campanha antiovergonamental e anti-PSD, onde a situação financeira, a «crise» interna no PSD e as dificuldades com que se depara o Governo de João Jardim no campo do investimento, por falta de disponibilidades financeiras, merecem já particular atenção por aquelas forças políticas.

Daí que se possa afirmar que a pouco menos de um ano das eleições regionais, que deverão realizar-se em Outubro de 1984, são praticamente nulas as perspectivas e os argumentos, inclusive políticos, que impeçam que todos os principais partidos locais se apresentem ao eleitorado isoladamente.

A Assembleia Regional da Madeira, recorda-se, cumpre neste momento a sua terceira legislatura, tendo-se realizado em 1976 e 1980 os primeiros actos eleitorais. Actualmente o Parlamento, constituído por 44 deputados, tem apenas representações do PSD (35 deputados, maioria absoluta), do PS (5 deputados), da UDP (2 deputados) e do CDS e PCP (ambos com apenas 1 deputado).

Luís Filipe Malheiro
ANOP/«DL»



MONTEPIO GERAL
CAIXA ECONÓMICA DE LISBOA

ASSEMBLEIA GERAL
SESSÃO EXTRAORDINÁRIA

A realizar, por motivo de obras no edifício da Sede, na Associação Comercial de Lisboa, na Rua das Portas de Santo Antão, 89, em Lisboa.

Reúne-se no próximo dia 21, no local acima indicado, pelas 21 horas, em segunda convocatória, com a seguinte ordem do dia:

Apreciar e votar a proposta do Conselho de Administração, para integração da Lutuosa Nacional, Associação de Socorros Mútuos, com Sede em Lisboa, no Montepio Geral e as bases em que a mesma se poderá efectuar.

*Mota Amaral
descontente com o OGE*

“A mesquinhez de uma conta deve e haver”

Mota Amaral não está satisfeito com o OGE, no que se refere à Região Autónoma dos Açores e considerou «injusta e inconstitucional» a política orçamental do Governo da República para 1984. Expressou-o claramente no início de uma visita do seu Governo a Santa Maria, onde afirmou que o OGE reduz para menos de metade o financiamento dos «custos de insularidade e representa uma discriminação no apoio às autarquias açorianas».

O chefe do executivo açoriano disse que o OGE aumentou 10 por cento as dotações às autarquias do continente e no que respeita aos Açores o aumento atinge apenas dois por cento, e criticou a redução do apoio do Estado às tarefas de reconstrução das ilhas Terceira, Graciosa e São Jorge, atingidas pelo sismo de 1 de Janeiro de 1980.

Segundo Mota Amaral, «a boa-fé (dos açorianos) foi iludida» e esta posição foi já dada a conhe-

cer ao Presidente da República e principais membros do Governo.

Salientando a necessidade da coligação governamental respeitar os compromissos para com a região, o «leader» açoriano rejeitou o conceito «antipatriótico» da redução das relações entre os Açores e o País «à mesquinhez de uma conta deve e haver».

Entretanto, José Humberto Chaves, presidente do único município socialista disse que poucas das promessas feitas o ano passado pelo executivo foram cumpridas, e que «a unidade e o desenvolvimento harmónico de todas as ilhas passa necessariamente pela adopção de procedimentos semelhantes em cada uma delas».

A deslocação de Mota Amaral e do seu Governo decorre de um preceito do estatuto político-administrativo da região autónoma que obriga o governo regional a visitar anualmente todas as ilhas e visa o diálogo com as autarquias locais.

Para analisar a cooperação militar

Mota Pinto partiu para a RFA

Mota Pinto afirmou que irá analisar, com o seu homólogo alemão federal, a cooperação industrial entre os dois países, no domínio da tecnologia de defesa.

O ministro da Defesa português fez esta declaração ontem à partida para Bona, onde se encontrará com os ministros alemães federais da Defesa e dos Negócios Estrangeiros, e individualidades e instituições com as quais o PSD mantém relações.

Mota Pinto adiantou que na reunião com o seu homólogo será analisada a cooperação militar luso-alemã, de modo a que esta se processe em termos mais vantajosos para Portugal.

Negou que nesse encontro fosse abordada a «hipotética utilização pelas forças norte-americanas da Base de Beja».

Quanto à reunião com o ministro dos Negócios Estrangeiros, disse que, entre outros temas, será abordada a

posição do Mercado Comum face ao pedido de adesão de Portugal.

Portugal não tem interesse...

A propósito desta viagem à RFA Mota Pinto deu uma entrevista em Lisboa ao correspondente do jornal alemão federal «Frankfurter Neue Presse» na qual afirma que a instalação de mísseis norte-americanos na Europa representa «uma clara derrota política para a União Soviética».

O vice-primeiro-ministro e ministro da Defesa português considera que a dupla decisão da NATO tomada em 1979 (a instalação de euromísseis) é «uma perspectiva correcta do relacionamento político e militar com o Leste, pois assenta na ideia da criação de uma posição dissuasora forte e firme para, a partir desta posição, se negociar sobre o desarmamento».

Por outro lado Mota Pinto

reafirmou que não está prevista a instalação de euromísseis em Portugal «até porque, por razões técnicas de raio de acção, Portugal não tem interesse para a instalação deste tipo de armas».

Quanto à visita que vai fazer, até dia 21, à RFA, Mota Pinto disse que nos encontros que terá com os ministros da Defesa e dos Negócios Estrangeiros irá tratar de questões relacionadas com a cooperação militar entre os dois países, que tem a ver com a modernização das FAP.

O vice-primeiro-ministro explicou que vai ser debatida a entrega do material correspondente às «tranches» de 18 meses relativas à concessão de facilidades à RFA, designadamente na Base de Beja.

Sobre a recente reunião da NATO em Bruxelas Mota Pinto disse que frisou a necessidade de ser «reanimado o grupo ad hoc» para auxílio militar a Portugal, Grécia e Turquia» que tem estado parado.

«Achamos que Portugal não pode ser prejudicado por haver problemas entre a Grécia e a Turquia» — acrescentou.

Quanto à viagem que fará a Washington na segunda quinzena Janeiro Mota Pinto disse que irá tratar com as autoridades norte-americanas de aspectos ligados à implementação do acordo das Lajes. «Já lhes fornecemos a lista das nossas necessidades e, agora é preciso chegar a acordo quanto a prioridades e datas de entrega, para dar conteúdo ao acordo» — acrescentou.

RFA recusa aumento

A ajuda militar alemão-federal a Portugal — que se eleva actualmente a 45 milhões de marcos por ano — não será aumentada, soube-se, hoje, em Bona, por ocasião da visita de 48 horas que o ministro português da Defesa, Carlos Alberto da Mota Pinto, está a efectuar à RFA.

Passaram os 30 milhões de contos

Receitas com o turismo aumentaram este ano

As receitas portuguesas do turismo ascenderam a 317,8 milhões de dólares (30,9 milhões de contos) NO PRIMEIRO SEMESTRE DESTA ANO — informou hoje o Banco de Portugal.

Estas receitas significam um acréscimo mesmo quando expressas em dólares, pois em igual período de 1982 atingiram 316,01 milhões (22,67 milhões de contos).

Para estes cálculos o Banco de Portugal considerou um câmbio médio de dólar em 1982 de 79,317 escudos e de 106,942

escudos no primeiro semestre deste ano.

As despesas com o turismo atingiram 109,62 milhões de dólares (cerca de um terço das receitas) no primeiro semestre deste ano, contra 98,97 milhões em igual período de 1982.

No conjunto do ano de 1982 as receitas do turismo atingiram 69,785 milhões de contos, contra 63,755 milhões em 1981.

Nestes dois anos as despesas foram respectivamente de 19,96 milhões de contos e 15,333 milhões.

Trezentos e treze oficiais do Exército têm em curso um processo reivindicativo para alteração do respectivo estatuto que consideram «ilegal na questão das promoções a capitão» — soube a ANOP de fonte militar.

Estes oficiais — dos quais 92 já apresentaram processo no Supremo Tribunal Militar — reuniram-se este fim-de-semana em Lisboa, para um almoço de confraternização em que o assunto foi abordado.

Segundo a mesma fonte, o almoço contou com 257 presenças.

O que está em causa é o processo como se faz a promoção a capitão — os estatutos de oficial da Marinha e da Força Aérea estão em concordância com a lei geral (promoção por diuturnidade), enquanto no Exército o acesso àquele posto se dá por antiguidade.

A diferença, segundo a mesma fonte, está em que, no caso das promoções por antiguidade, estas só se efectuam se houver vagas no posto.

O que se tem passado — o mesmo informador — é que, no Exército, só têm sido promovidos

a este posto os oficiais oriundos da Academia Militar que são colocados nas diferentes armas, onde há sempre vaga.

Os oficiais que chegam à situação de promoção a este posto, mas vindos do Instituto Superior Militar de Águeda (através do curso de sargentos) são colocados no serviço geral de quadros técnicos.

Nestes casos ainda não houve nenhuma vaga desde que as primeiras promoções deveriam ter começado a efectuar-se, em Agosto passado.

Foi a partir desse mês que os

92 oficiais que iam chegando à altura de promoção (se esta se efectuasse como nos outros ramos das Forças Armadas) foram sucessivamente recorrendo para o Supremo Tribunal Militar.

No entanto, já desde 1981 que estes militares vinham alertando quer o Conselho da Revolução — enquanto ecistiu —, quer o Estado-Maior do Exército, para a situação de desigualdade em que ficariam, se o estatuto de oficial do Exército não fosse modificado e se, como se verificou, não houvesse vaga nos quadros respectivos.

Em causa as promoções a capitão no Exército

313 oficiais reivindicam alteração do Estatuto

DO Natal

oferece electrodomésticos

aproveite as nossas facilidades pagamento

DEPALIS Rua Capitão Leitão, 47-A • TELEF. 2761631 • ALMADA

MONTEPIO GERAL
CAIXA ECONÓMICA DE LISBOA

ASSEMBLEIA GERAL
SESSÃO EXTRAORDINÁRIA

A realizar, por motivo de obras no edifício da Sede, na Associação Comercial de Lisboa, na Rua das Portas de Santo Antão, 89, em Lisboa.

Reúne-se no próximo dia 21, no local acima indicado, pelas 18 horas, em segunda convocatória, com a seguinte ordem do dia:

Discutir e votar as sugestões apresentadas pelo Banco de Portugal, para alteração de algumas disposições dos Estatutos da Caixa Económica de Lisboa, cuja redacção definitiva foi aprovada na sessão extraordinária de 20 de Dezembro de 1982.

comunicação social

Clube dos Jornalistas Abecassis promete instalações

A Comissão Instaladora do Clube de Jornalistas foi recenida sexta-feira pelo presidente da Câmara Municipal de Lisboa, eng.º Nuno Abecassis. No encontro, que decorreu nos Paços do Concelho em ambiente de cordialidade e franqueza, o presidente da CML mostrou-se muito receptivo em relação aos objectivos culturais, informativos, de intercâmbio e convívio que o Clube de

Jornalistas se propõe, dando a Lisboa e aos jornalistas portugueses um espaço idêntico aos que

já existem noutras capitais europeias.

O eng.º Nuno Abecassis manifestou a sua disponibilidade no sentido de vir a ser solucionado o problema da sede do Clube de Jornalistas, admitindo ser possível, num futuro próximo, o recurso a instalações pertencentes ao património municipal.

O presidente da Câmara de Lisboa reconheceu e sublinhou o papel e a importância que o Clube de Jornalistas virá a ter na actividade informativa e na vida cultural da cidade.

Pela comissão instaladora do CJ estiveram presentes os jornalistas Silva Costa, Emídio Rangel, Francisco Belard, Nicole Guardiola, Pedro Oliveira, Pedro Vieira e Vítor Santos, que fizeram entrega dos estatutos do clube ao presidente do município.

O Clube de Jornalistas, que viu há pouco consagrada legalmente a sua constituição, conta já com largas dezenas de sócios, tanto dos jornais como da Rádio, da Televisão e das agências noticiosas.

“Linha da Frente” — cooperação noticiosa

As agências noticiosas dos países da “Linha da Frente” assinaram recentemente acordos de cooperação entre si e protocolos de trabalho.

Durante três dias, na primeira quinzena do mês que ora finda, directores de agências da “Linha da Frente” reuniram-se na capital angolana para fortalecerem a cooperação entre os seus órgãos de informação.

Um comunicado de Imprensa indica que os participantes pedi-

ram à Angop para iniciar o mais rapidamente possível serviços em língua inglesa, a exemplo dos já existentes nas demais agências da região, incluindo a moçambicana (AIM).

Os directores das agências dos demais países saudaram a Angop e a AIM por terem oferecido lugares nas suas agências ao ANC (Congresso Nacional Africano) e à Swapo.

Delegações daqueles movimentos de libertação participaram na reunião de Luanda.

Encerrado na Turquia o diário “Liberdade”

A notícia sobre a morte, no exílio, do líder do Partido Comunista Turco, İsmail Bilen, foi o motivo de encerramento do diário “Hurriyet” (“Liberdade”) que se publica em Istambul.

Embora não fossem divulgados os motivos, a Anop soube que o encerramento por tempo indeterminado do mais importante diário da Turquia prende-se com aquela notícia publicada no dia 1 do corrente.

Até agora, 14 jornais foram encerrados provisoriamente na Turquia ao abrigo da Lei Marcial, ainda em vigor, apesar das eleições de 6 de Novembro último.

O diário “Hurriyet” tem uma tiragem de 600 mil exemplares por dia, publicando em todas as suas edições fotos a cores. Este diário tem uma edição impressa na Alemanha Federal, onde vive cerca de um milhão de emigrantes turcos.

Colóquio no SJ sobre a revisão da Lei de Imprensa

Conforme já foi anunciado, efectua-se amanhã, às 21 horas, na sede do Sindicato dos Jornalistas (Rua Duque de Bragança, 7, 2.º), um colóquio subordinado ao tema “A revisão da Lei de Imprensa: que futuro para a Informação?”.

Confirmou já a sua participação neste debate, que tem o maior interesse para a classe, o secretário de Estado adjunto do ministro do Estado, Anselmo Rodrigues.

Como é óbvio, e devido ao seu interesse, solicita-se a maior presença de jornalistas.

História Geral do Socialismo — por Jacques Droz

Obra colectiva, publicada sob a direcção de Jacques Droz, a “História Geral do Socialismo” dedica os seus 7.º e 8.º volumes ao “Mundo Soviético” e ao “Socialismo Europeu de 1918 a 1945”. Desde a obra do historiador inglês G. D. H. Cole, “Socialist Thought”, publicada nos anos cinquenta, que não aparecia nenhuma obra de conjunto com o desenvolvimento desta “História Générale du Socialisme” que as Presses Universitaires de France lançaram em 1977. A tradução portuguesa é assinada pela dr.ª Maria Antonieta Azevedo.

O 7.º volume abrange: “O Mundo Soviético”, Capítulo I. “A construção de uma sociedade socialista: a URSS” por Roger Portal; Capítulo II — “A III.ª Internacional”, por Annie Kriegel; e “O socialismo Europeu de 1918 a 1945”, Introdução e os seguintes quatro capítulos: “O socialismo na Grã-Bretanha”, por

François Bédarida; “O socialismo nos países do Norte”, por Jacques Droz; “O Socialismo italiano”, por Paul Guichonnet; “O socialismo na Alemanha”, por Jacques Droz.

No 8.º volume conclui-se o estudo histórico do moderno socialismo europeu: capítulo V — “O socialismo na Europa Central: Hungria, Áustria, Checoslováquia”, por Jacques Droz; Capítulo VI — “O socialismo nos Estados secundários da Europa Ocidental: Bélgica, Holanda, Suíça”, por Jacques Droz; Capítulo VII — “O socialismo no Leste e no Sudeste europeus: Balcãs e Polónia” por Georges Castellan e Pavel Karzec; Capítulo VIII — “O socialismo em França”, por Georges Sefranc; “O socialismo em Espanha (1917-1945)”, por Pierre Villar.

Para cada capítulo é indicada uma bibliografia. Edição de “Livros Horizontais”, Lisboa, 1983.

Economia e Socialismo — revista trimestral de economia política

O n.º 59 de “Economia e Socialismo”, referente ao trimestre de Outubro a Dezembro, de 1983, inicia uma nova série de publicação. Numa circular endereçada aos assinantes a revista esclarece que a longa interrupção se deveu «não a dificuldades internas da redacção mas a dificuldades da editora que assegurou a produção material da revista, durante quatro números, embora com irregularidade, e que posteriormente se revelou totalmente incapaz de fazê-lo. Daí o regresso à fórmula anterior: contrato directo da «E.S.», com a tipografia e a distribuidora Dijonai. Claro que esta situação envolve consideráveis riscos financeiros, que esperamos reduzir ao mínimo através das próprias receitas da revista».

Neste sentido, — “Economia e Socialismo” — contamos com o apoio dos assinantes, dispostos a prosseguirem o projecto “E.S.”... “Melhor do que quaisquer discursos de intenções vale o conteúdo concreto, do número agora saído que reflecte, assim o cremos, o esforço de aprofundamento e seriedade com que nos mantemos fiéis ao estatuto editorial, inalterando desde o primeiro número da revista, publicado há mais de sete anos” — diz-nos a direcção de “Economia e Socialismo”.

“Economia e Socialismo” projecta para Janeiro, numa sala do ISCTE, um colóquio público para discussão da temática deste número. Os leitores serão oportunamente avisados da data exacta da iniciativa. Projecta, também, um próximo número centrado em problemas da África de expressão portuguesa, a sair no primeiro trimestre de 1984.

O n.º 59, que inicia esta nova série, é dedicado, em particular à “crise da Economia, crise da política económica em Portugal”. O tema é tratado por Mário Teixeira, Augusto Mateus, J. M. Brandão de Brito.

“Primeiro de Janeiro” elega CR

Os jornalistas do matutino “O Primeiro de Janeiro” acabam de eleger um novo conselho de redacção.

Votaram 40 jornalistas, entre os quais 32 da redacção central do Porto e oito da delegação de Lisboa.

O novo CR é composto por Rogério Gomes (23 votos), José Vale (22), Manuel Tavares (18), Afonso Gomes (16) e Bruno Neves (16).

A votação foi feita nominalmente e em grupos de cinco jornalistas.

NO NATAL UM BOM ROMANCE é um presente que nunca se esquece

Uma editora sabe que a sua força provém dos bons livros que edita. Neste NATAL, a Europa-América concentrou toda a sua força nos bons romances... para que o leitor possa dar e receber presentes inesquecíveis.

Comece pela nova colecção a que estou particularmente ligado: “Nébula”



STAR WARS O REGRESSO DE JEDI

James Kahn O episódio mais fascinante da saga “Guerra das Estrelas”, concebida

por George Lucas. A ALIANÇA REBELDE, numa única e gigantesca armada, defrontará a ESTRELA DA MORTE, o centro de comando das tropas do IMPÉRIO...

Uma saga que ficará como marco da história do cinema e da literatura de ficção científica.

Recorde-a no futuro com o livro da nova colecção:

NEBULA

HAVAI

JAMES A. MICHENER

Um impressionante e poderoso romance no estilo peculiar do autor de “FILHOS DE TORREMOLINOS”, “A PONTE DE ANDAU” e “CHESAPEAKE”. Um colorido painel, onde a violência, a miséria, o sacrifício humano e o amor não estão ausentes. A epopeia das HAVAI. Um romance que se lê e relê.



Rescaldo dos Heróis Kirst

Quando já se perderam todas as normas, no final de 1944, conta apenas uma: sobreviver. Com O RESCALDO DOS HERÓIS completa-se a trilogia começada com a NOITE DOS GENERAIS e continuada com FÁBRICA DE OFICIAIS. Um aliciente que trará muitas surpresas aos fiéis leitores de KIRST.

Angélique

A CONSPIRAÇÃO
DAS SOMBRAS

Anne e Serge Golon

Da França ao Brasil, da U. R. S. S. aos E. U. A., milhões de leitores lêem fiel e apaixonadamente as aventuras de Angélique. Neste novo livro ela ver-se-á perseguida por um misterioso navio. Nele viaja um emissário do rei de França.



ESQUECIDOS DE DEUS



UM NOVO
ROMANCE DE

IVAN
HAMEL

Através do deserto de cactos onde escorpiões e serpentes são o menor dos males, os inesquecíveis Porta, Miudinho, Legionário e Velho, mais uma vez respiram o bafo pútrido da guerra... Um alucinante romance-documento em que a segunda guerra mundial é relatada com toda a crueza.

PUBLICAÇÕES EUROPA-AMÉRICA

de ontem para hoje

Farmácias mantêm crédito a beneficiários da Previdência

A Associação Nacional das Farmácias deliberou ontem manter o fornecimento de medicamentos a crédito aos beneficiários dos Serviços Médico-Sociais nos distritos de Aveiro, Braga, Castelo Branco, Guarda, Leiria, Lisboa e Vila Real. Em comunicado, aquela Associação refere que a suspensão de fornecimentos prevista para hoje e amanhã se mantém «nos distritos de Coimbra e Porto». O texto sublinha que «as farmácias portuguesas nunca desejaram conflitos com o Governo, pretendendo apenas que o Estado lhes pague nos prazos contratualmente fixados».

Um livro de Maria Rosa Colaço



A escritora Maria Rosa Colaço irá lançar esta tarde, a partir das 18 e 30, na Casa do Alentejo (Rua das Portas de Santo Antão, 58) o seu último livro «Maria Tonta, Como Eu». Na sessão irão participar a também escritora Matilde Rosa Araújo, o cantor Francisco Ceia e o actor brasileiro Badaró. «Em Maria Tonta, Como Eu» — escreve Maria Rosa Colaço — há uma ponte que pode ligar o teu coração ao Mundo. Lê-o e ajuda-nos a atravessar essa ponte que parece tão longe e pode ser tão perto.»

Encerrado «casino» clandestino

Elementos da Secção de Justiça da PSP, alertados por pessoas da vizinhança, fecharam em Lisboa um «casino» clandestino e detiveram o seu proprietário, um comerciante de 46 anos, cuja identidade estranhamente não foi revelada e muito quatro dos jogadores. No «casino», localizado na Rua Marques da Silva aos Anjos, jogava-se forte na roleta e ao bacará. Os agentes apreenderam mesas e material diverso de jogo.

Pastor Valente mata lobo a soco

Um pastor da aldeia de Rebordainhos, no concelho de Bragança, matou ontem a soco um corpulento lobo que lhe atacara o rebanho, apossando-se de um pequeno cordeiro. João Baptista Valente perseguiu o lobo com os seus cães e dominou-o, apanhando-lhe a língua, en-

quanto lhe vibrava fortes socos na cabeça. O pastor disse que «a luta mais renhida» foi travada no caudal de uma ribeira, para onde homem e animal caíram enquanto lutavam. João Valente acabou por matar o lobo, conseguindo assim evitar que o cordeiro fosse devorado.

Vila Real quer linha do Corgo

A Assembleia Municipal de Vila Real, reunida extraordinariamente, no domingo, aprovou por unanimidade um documento que reprovava o eventual encerramento da linha férrea do vale do Corgo. Os autarcas prometem lutar contra tal decisão e repudiam a «degradante actuação da CP», exigindo do Governo medidas urgentes para a manutenção da via.

«Rádios-relógios» de Hong-Kong

A Guarda Fiscal apreendeu em Linda-a-Velha e numa rua da Baixa lisboeta 1690 rádios-relógios originários de Hong-Kong no valor de 5150 contos. Pelo mesmo motivo, a Guarda Fiscal apreendeu, em Elvas, blusões de cabedal e alguns

artigos de latão avaliados em cerca de mil contos. Finalmente, a GF apreendeu na Ericeira e em Vila Franca de Xira máquinas de jogos avaliadas em quinhentos e mil contos, respectivamente.

Participou no assassinio dum soldado da GNR

Rufo António Jacinto, um dos membros do grupo que, em Junho de 1982, abateu um elemento da GNR nas proximidades de Pombal, foi condenado em três anos e um mês de prisão pelo tribunal de Figueiró dos Vinhos. O réu, que na altura da detenção tinha em seu poder uma pistola, era ainda acusado de ter participado no assalto a uma fábrica de lanifícios em Santo Tirso. Recorde-se que o autor dos disparos, Arlindo Pinto Rebelo, que provocou a morte do guarda Manuel Ferreira, acabou por ser abatido pela GNR, no dia 4 de Julho do mesmo ano, em Almada.

Hospedeira esfaqueada em Santarém

A proprietária de uma residencial em Santarém, Lúcia Madeira, de 52 anos, foi agredida à facada, no tórax e no pescoço, por um indivíduo que acabara de alugar, no quarto, encontrando-se em estado grave no Hospital de S. José. Desconhece-se o móbil da agressão, embora esteja posta de parte a hipótese de furto, segundo afirmou ao «DL» um porta-voz da PSP daquela cidade. Uma vizinha revelou, entretanto, ter visto um jovem a abandonar o local. A residencial fica localizada na Rua 25 de Abril.

A vítima tinha apenas sete anos de idade

Condenado em 24 anos de prisão o pedreiro que violou e afogou uma prima

Com a sala de audiências do Tribunal de Paredes repleta, conclui-se ontem, ao fim da tarde, o julgamento de José Barros Gomes, de 20 anos, morador em Tourilhe que estava acusado da prática de um duplo crime — violação seguida de homicídio — contra uma prima de sete anos. Na sequência das várias sessões, ficaram integralmente provados os factos constantes da acusação, tendo, por isso, o tribunal colectivo, presidido pelo juiz dr. Jorge Lopes, condenado o réu na pena máxima actualmente em vigor em Portugal, ou seja, 24 anos de prisão. Para além da pena de prisão, José

Barros Gomes foi ainda condenado a pagar 400 contos de indemnização a favor dos pais da vítima que eram, aliás, quem lhe dava de comer e lhe tratava das roupas.

Discutida a causa ficou provado que em 12 de Maio último o pedreiro José Barros Gomes atraiu a sua casa a pequena Paula Fernanda, sua prima, de 7 anos, e, com o intuito de saciar o seu apetite sexual, fechou-se com ela num quarto, até «consumar um contacto físico à cópula». Depois, com receio que a prima fosse contar o que se passara aos pais, o pedreiro

meteu-a numa banheira, onde a estrangulou, ao mesmo tempo que a cobria de água.

Consumados os crimes, José Barros Gomes tentou encobri-los, mantendo o cadáver num saco de plástico e escondendo-o atrás da porta da sua residência. Seguidamente, foi janatr calmamente com os tios (pais da jovem vítima), dispondo-se, até, a colaborar com estes nas buscas que foram efectuadas para encontrar a pequena.

O cadáver acabaria por ser encontrado por um soldado da GNR, depois de o pedreiro ter logrado ludibriá-lo três vezes.

Pelas razões apontadas e dado ainda o facto de o réu não ter confessado os crimes, os magistrados que o julgaram consideraram-no um «elemento hostil à sociedade que se vê, assim, obrigada a expulsá-lo do seu seio».

A sentença foi de uma forma geral bem recebida por todas as pessoas que enchiam a sala de audiências, mas o mesmo não se poderá dizer em relação às pessoas que ficaram no exterior e que, talvez por desconhecimento da lei, exigiam uma condenação ainda mais severa para o réu.

Autor de disparo defende a tese de acidente

Mecânico português alvejado por agente da Polícia em Paris

Um mecânico português de 26 anos, Armindo Alves, foi gravemente ferido a tiro no domingo em Paris, por um polícia que disparou sobre ele à queima-roupa, ao cabo de uma perseguição automóvel nas ruas da capital francesa. O agente André Deschamps, foi ontem ouvido longamente pela Inspeção-Geral dos Serviços da Prefeitura de Polícia (IGS) considerada a «Polícia das Polícias» regressando depois a casa, onde irá agora aguardar que o Ministério Público decida sobre a sua

eventual inculpação.

Segundo o depoimento de Deschamps, conhecido como polícia ponderado e com boa reputação, Armindo Neves aproveitou a manhã de domingo para reparar o seu automóvel, um Peugeot-604. Ao princípio da tarde fez um ensaio no 10.º bairro. Circulava velozmente, para experimentar o veículo, facto que chamou a atenção do polícia, em missão de vigilância no bairro.

Deschamps tentou então deter a viatura, mas o jovem português

não lhe teria obedecido: o guarda lançou-se então em sua perseguição, de táxi, tendo mesmo mudado de táxi enquanto o seguia. Quando o Peugeot parou numa rua do 9.º bairro, Deschamps, de pistola em punho, fez descer Armindo Alves e ordenou-lhe que se voltasse para a parede, para o revistar. Aconteceu, porém, que o polícia «carregou acidentalmente no gatilho» segundo as suas próprias declarações, e Armindo Alves caiu gravemente atingido nas costas.

Policlínicos organizam encontro nacional

realizar em Lisboa, nos fins de Janeiro, uma Conferência Nacional dos Médicos Policlínicos, destinada a elaborar documentos que servirão de base nas negociações com o Ministério da Saúde (MS).

De momento, afirma o Sindicato dos Médicos da Região Sul, «não há motivos para se encetar novas formas de luta, uma vez que uma das reivindicações principais dos médicos policlíni-

cos foi atendida pelo Ministério». O Governo, entretanto, comprometeu-se a não despedir qualquer jovem médico até à conclusão de um estudo sob as necessidades reais em vagas.

Os sindicatos afirmam que, no entanto, não existem garantias de que as reivindicações irão ser aceites pelo ministro Maldonado Gonalves. Mas se o estudo governamental não satisfizer as suas reivindicações, os policlíni-

cos estão dispostos a encetar novas formas de luta.

Ainda de acordo com os sindicatos, a elaboração do estudo governamental ficou a dever-se à inconsistência dos argumentos apresentados para despedir cerca de dois mil policlínicos.

A Conferência Nacional dos Policlínicos reunir-se-ia em três secções, de forma a abranger todos os problemas com que os médicos se debatem e apresentar soluções.

Intitulando-se médica enfermeira fez várias burlas

Acusada da prática de vários crimes de burla, foi julgada e condenada ontem em quatro anos e meio de cadeia a enfermeira Maria Margarida Martins Ferreira, de 52 anos, com última residência conhecida na Rua Pedro Hispano, 830-2-C no Porto.

A discussão da causa teve lugar no 1.º Juízo Criminal daquela cidade, em tribunal colec-

tivo presidido pelo juiz dr. Celsino Nogueira.

De acordo com a acusação e com a prova produzida em tribunal, ficou a saber-se que em 19 de Maio de 1977, em casa de um seu sobrinho — António Armando Veloso Ferreira — Maria Margarida apoderou-se de um livro de cheques que passou a utilizar como se fosse seu.

Intitulando-se médica, Maria Margarida dirigiu-se a vários es-

tabelecimentos do Porto onde efectuou as mais variadas compras, desde um casaco de anti-lope a artigos fotográficos, no montante de 80 contos. Montante que tenderia a subir, caso Maria Margarida não tivesse sido presa como foi. Acontece, porém, que foi entretanto posta em liberdade, pelo que não compareceu ao julgamento. O tribunal decidiu, por isso, emitir os respectivos mandatos de captura.

Quando atravessavam de barco o rio Douro, frente à freguesia de Melres, a fim de se dirigir a casa, o casal, constituído por Alfredo Moreira, de 67 anos, e sua esposa Maria José Martins da Cruz, de 66, ambos residentes no lugar de Areja, Gondomar, e reformados, foram subitamente projectados da embarcação em que seguiam, mergulhando nas águas do rio Douro, que nessa zona tem uma profundidade bastante considerável.

Apesar dos esforços desenvolvidos por uma equipa de mergulhadores do Batalhão de Sapadores Bombeiros do Porto, os dois corpos ainda não apareceram. Entretanto, apurou-se que o acidente foi provocado por um balde de extracção de areia.

Não é o primeiro acidente deste tipo que se regista no Douro e por certo não será o último, já que não há qualquer espécie de fiscalização ao trabalho efectuado pelos areeiros que proliferam nas margens do rio e aí obtêm chorudos lucros.

Resta aguardar que estas duas mortes agora registadas sejam capazes de sensibilizar os responsáveis para a grave situação que se vive nas margens do rio Douro.

HOSPITAIS CIVIS DE LISBOA

DIRECÇÃO DOS SERVIÇOS DE APROVISIONAMENTO
SERVIÇO DE AQUISIÇÕES

Concurso Público n.º 3-0094/84
Aquisição de Estimuladores Cardíacos durante o ano de 1984

Recebem-se propostas até às 9.30 horas do dia 28 de Dezembro corrente para o mencionado concurso.

Os concorrentes poderão pedir no Serviço de Aquisições de (Campo dos Mártires da Pátria, 91) todos os dias úteis das 9 às 11.30 e das 14 às 16, as respectivas condições.

Lisboa, 13 de Dezembro de 1983

O CHEFE DO SERVIÇO
a) **Ilídio Luís de Sousa**

HOSPITAIS CIVIS DE LISBOA

DIRECÇÃO DOS SERVIÇOS DE APROVISIONAMENTO
SERVIÇO DE AQUISIÇÕES

Concurso Público n.º 3-0093/84
Aquisição de válvulas aórticas e mitrales durante o ano de 1984.

Recebem-se propostas até às 9.30 horas do dia 28 de Dezembro corrente, para o mencionado concurso.

Os concorrentes poderão pedir no Serviço de Aquisições (Campo dos Mártires da Pátria, 91) todos os dias úteis das 9 às 11.30 e das 14 às 16, respectivas condições.

Lisboa, 13 de Dezembro de 1983

O CHEFE DO SERVIÇO
a) **Ilídio Luís de Sousa**

Decidido ontem num Conselho de Ministros restrito

Governo abriu crédito de 6,5 milhões de contos para vítimas das cheias de 19 de Novembro

O Governo, no final da reunião de ontem, e pela voz do ministro da Administração Interna, Eduardo Pereira, revelou ter desbloqueado a verba de 6,5 milhões de contos destinada a fazer face aos prejuízos causados pelas cheias de 19 de Novembro último. Deste total, dois milhões destinam-se às autarquias, 1,5 milhões à indústria, 1,2 milhões ao comércio, trezentos mil à agricultura e quinhentos mil para reparações e recuperações de casas. Recorde-se que, logo após a catástrofe, Eduardo Pereira afirmara que essas ver-

tas dificilmente iriam ultrapassar os 2,5 milhões de contos, mas o Primeiro-Ministro, Mário Soares, durante a sua participação, há duas semanas, no programa televisivo «Primeira Página» já avançara com o quantitativo agora fixado.

Nas suas declarações aos jornalistas, Eduardo Pereira, referiu que, durante o Conselho de Ministros restrito de ontem, foi feito o balanço das acções desenvolvidas para minorar os efeitos das cheias, de forma a fazer face aos problemas por elas gerados. Na reunião, presidida por

Mário Soares, participaram os ministros das Finanças, Equipamento Social, Agricultura e Indústria, os secretários de Estado do Tesouro, Comércio e Segurança Social e o presidente do Serviço Nacional de Protecção Civil, general Neves Cardoso.

Eduardo Pereira disse que «o sistema está em marcha» e que se procedera ao arranjo da coordenação das diversas medidas, nomeadamente as linhas de crédito às autarquias, empresários e desalojados atingidos pelas cheias, «as quais vão ser implementadas a partir de

agora».

O titular da pasta da Administração Interna lembrou que há ainda quinhentas famílias sem casa e referiu ter-se decidido à distribuição de verbas aos municípios para, de forma provisória, através de habitações pré-fabricadas ou com subsídios para ajudar e alugar casa ou parte de casa, valer a esses desalojados.

O ministro frisou que, do Orçamento Extraordinário de 1983, houve um reforço de 500 mil contos destinado às autarquias e ao Ministério do Equipamento So-

cial e que igual verba fora consignada no de 1984, «sem obediência aos duodécimos», para colmatar os prejuízos causados pelas enchentes de 19 de Novembro.

Salientou que, embora não se evitando a mistura entre o auxílio para a solução provisória e a definitiva, o Conselho de Ministros criou esquemas que evitassem sobreposição de concessões de crédito pois os contactos feitos pelos atingidos, quer a nível autárquico quer com equipas governamentais, que se deslocarão às zonas sinistradas, serão

posteriormente examinados antes da decisão final.

Esses contactos, no caso dos empresários, serão depois canalizados para os bancos com que eles habitualmente atrelam e que lhes darão os créditos necessários à recuperação económico-financeira do seu comércio ou indústria.

Quanto aos empréstimos para a habitação, processar-se-á, essencialmente, através do Crédito Predial Português, depois de cumpridos os trâmites das autarquias locais, que emitirão parecer nesse sentido.

Correio do Património

SALPA (Setúbal) edita revista de intervenção

Entre o impasse e uma certa «recuperação» do movimento das Associações de Defesa do Património, que o I Encontro Regional do Sul recentemente realizado veio pôr a nu, que espaço existe ainda para uma afirmação independente, autónoma e criativa?

Nem todas as respostas apontarão, certamente, no mesmo sentido, mas o lançamento do primeiro número de «Património», revista trimestral da Associação para a Salvaguarda do Património Cultural e Natural da Região de Setúbal (SALPA), constitui uma das vias possíveis.

Ao comemorar o seu quarto aniversário em Julho deste ano, a SALPA terá apontado para a concretização de uma ideia «que vinha desde a fundação da Associação». A ideia fez-se obra, e este primeiro número de «Património» integra uma importante colaboração que cobre áreas tão diversas como a história local e o urbanismo, a etnografia e a mu-

seologia, a ecologia e a medicina popular.

A importância do trabalho de uma iniciativa de cidadãos, como a Salpa, assume ainda maior evidência, quando é um facto incontestável — como Arlindo Mota, director de «Património» sublinha que — as entidades oficiais não conseguiram ao longo dos anos definir «uma política cultural, a consequente ordenação de prioridades e a eficácia técnica».

E, afinal, são tão «simples» as coisas que os «activistas» setubalenses pretendem: «actualização da legislação em vigor, promoção de um inventário do património histórico-artístico regional e local, elaboração de planos de salvaguarda para os centros históricos e a preservação de imóveis de valor histórico-artístico, protecção do artesanato, etc.».

«Património» surgiu para, na medida das suas possibilidades tornar este programa uma realidade. Custa 100 escudos e pode

ser pedida para o apartado 210.2903 Setúbal Codex.

«Mínia»: aventura e desafio

«Mínia», revista da ASPA (Associação para a Defesa, Estudo e Divulgação do Património Cultural (Braga) saiu para a rua pela sexta vez.

Não sem dificuldades, como é testemunhado pelo seu director Henrique Barreto Nunes, em editorial:

«E cada número novo de «Mínia» é simultaneamente uma aventura e um desafio». A aventura passa pela incerteza na obtenção de subsídios que permitam pagar os custos da defesa do património. O desafio tem a ver com a circunstância da ASPA persistir «em manter uma revista de qualidade que complete e conserve para o futuro o seu combate quotidiano em prol da defesa, estudo e divulgação do Património Cultural e Natural».

Perseguir (e prosseguir) um tal «programa», em Portugal, tem um preço. Os animadores da ASPA sabem-no bem, porque entre a ausência de perspectivas e apoios a nível do Poder Central e a hostilidade dos órgãos do poder local, a margem de manobra de uma associação de defesa do património é escassa e só pode trazer «amargos de boca».

«Mínia» número seis, ano quinto, 1982, vale pelos temas tratados e estudados nas suas páginas — arqueologia, teatro, artesanato e museologia, entre outros. Merece também referência pela coragem demonstrada por quantos a tornam possível, nos combates quotidianos em defesa da «memória colectiva do povo e da região minhota».

A revista custa 350\$000 e pode ser solicitada para ASPA, Palácio dos Biscaínhos, 4700 Braga.

Carlos Pessoas

Comissão de Turismo do Algarve critica iniciativa do PSD

O presidente da Região de Turismo do Algarve considerou ontem que a realização do Congresso de Turismo, organizado no fim-de-semana pela distrital do PSD, foi um acto «inamistoso» para com o Partido Socialista.

Filipe Madeira (PS), que falava na reunião mensal da Comissão Regional de Turismo do Algarve perante 27 dos 34 membros que compõem aquele órgão da RTA sublinhou que condenava frontalmente a atitude dos organizadores (PSD) ao quererem «ignorar ostensivamente» personalidades de cúpula do turismo da região.

Tal atitude — acrescentou o presidente da RTA — significa que se pretende penalizar a região de turismo algarvia pelo facto de ter um presidente socialista.

Também o presidente da Associação dos Hoteleiros Algarvios criticou o facto de solidarizar-se com Filipe Madeira.

Cabrito Neto (PSD) manifestou estranheza pela forma como foram endereçados os convites para a participação naquele congresso, excluindo o presidente da RTA, mas incluindo responsáveis por outras regiões de turismo do país.

Igualmente o presidente em exercício da Câmara de Loulé José Cavaco (PSD), se solidarizou com Filipe Madeira e fez notar que a concelhia do PSD de Loulé, não tinha sido convidada.

O delegado da secretaria de Estado da Cultura, Tomás Ribas, apresentou uma proposta manifestando repúdio pela atitude da distrital do PSD em relação ao presidente da RTA.

A proposta foi retirada a pe-

dido do pró prio Filipe Madeira, argumentando que o documento poderia ser considerado hostil para com um partido que — frisou — «não pode ser responsabilizado no todo por um acto de um ou vários militantes».

O Congresso de Turismo do PSD, organizado pela distrital de Faro, e em que ocupou lugar de primeiro plano o ex-secretário de Estado da Emigração José Vitorino, realizou-se sábado no Alvor e contou com a presença do ministro do Comércio e Turismo, Álvaro Barreto, e dos secretários de Estado do Turismo, Ferreira do Amaral, entre outros especialistas do sector.

Criado grupo de trabalho sobre o nudismo

A Comissão Regional de Turismo do Algarve decidiu ontem a constituição de um grupo de trabalho que se ocupe de um estudo pormenorizado sobre o turismo, suas vantagens e desvantagens.

O grupo que será constituído por sete elementos — representando autarquias, associação de hoteleiros, Departamentos Marítimo, Direcção de Portos e presidente da RTA — terá 90 dias para apresentar as suas conclusões.

Além dos aspectos sociais que possam advir da eventual criação de zonas reservadas à prática do nudismo, aquele grupo ocupará-se das vantagens turísticas que daí possam resultar.

Embora não exista em Portugal lei que autorize aquela prática, o grupo tem também por missão elaborar um projecto de regulamento que poderá, se for o caso disso, ser posto à consideração da Assembleia da República.

Ministério da Cultura atribui subsídios ao teatro profissional

O Ministério da Cultura tornou pública a lista das companhias de teatro profissional contempladas com os subsídios para a temporada de 1983/84, que atingem um total de 101 mil e 900 contos.

«A decisão final regista a intenção de, apesar das carências financeiras conhecidas, apoiar de forma significativa aqueles grupos cujo trabalho desenvolvido ao longo dos anos apresenta a a garantia de profissionalismo e continuidade», afirma-se no comunicado do Ministério da Cultura.

Das 24 companhias contempladas com subsídios regulares

por um ano, apenas sete têm sede em Lisboa, enquanto metade se encontra localizada fora dos grandes centros de Lisboa e Porto.

Os subsídios de montagem contemplam outras treze companhias, sendo ainda atribuídos três subsídios de montagem a novas entidades (Teatro do Actor, mil contos; Teatro do Século e Pequeno Teatro, 400 contos cada).

É a seguinte a lista completa das companhias contempladas com subsídio regular por um ano: Centro Cultura de Évora e Cornucópia, 6400 contos; Comuna,

Barraca, Seiva Trupe e Campolide, 5400; Teatro Estúdio de Artes Realista, Teatro Experimental de Cascais e Casa da Comédia, 4500; Bonifrates, Teatro Animação de Setúbal, Teatro de Ensaio Transmontano, Novo Grupo e Marionetas de S. Lourenço e o Bando, 3800; Cena, Joana, Pé de Vento, 2800; O Semeador, Teatro Laboratório de Faro, Teatro em Movimento, O Realejo, Teatro Experimental de Leiria, e Columbina, 2000 contos.

No que se refere a subsídios de montagem, o Teatro do Mundo, Companhia de Teatro de Lisboa, Teatro Estúdio de Lisboa

e Teatro Experimental do Porto, receberão 1000 contos cada; a Companhia de Teatro de Santarém, Grupo de Teatro Hoje, Teatro Ibérico, e Teatro Infantil de Lisboa, 800 contos cada; Máscara, Papa Léguas e Lanterna Mágica, 400 contos cada; Geraldo Tuché e Miguel Yeco, 300 contos cada um.



TEMPO DE ANTENA DA CGTP-IN

21-12-83

(Quarta-Feira)

RDP — Depois do jornal da tarde — das 13.00h — Antena 1

22-12-83

(Quinta-Feira)

RTP — Depois do Telejornal das 20.00 h. — Canal 1

Que Natal?

- Sem Salários
- Sem o 13.º Mês
- Sem emprego

E os preços continuam a subir...



Se conduzir não beba

ALCOOL E CONDUÇÃO

Pessoal da EPAL vai lutar pelo AE

Os trabalhadores da Epal (empresa Pública das Águas de Lisboa) reúnem-se em plenário amanhã, às 10 horas, nas instalações da Avenida da Liberdade, a fim de analisarem a situação resultante do impasse em que se encontram as negociações de revisão do acordo de empresa.

Segundo o Sindicato dos Metalúrgicos, os trabalhadores vão decidir as formas de luta «que entendem necessárias no sentido de defender uma revisão justa do AE, que passa pela reposição do seu poder de compra,

cada vez mais fortemente reduzido face à política dos últimos Governos, nomeadamente o Governo Soares/Mota Pinto».

A situação de impasse, refere a nota sindical, deve-se ao facto «do mandatário do conselho de gerência, à mesa das negociações (dr. Abel Mesquita, figura de proa da CIP) manter posições irredutíveis no que se refere à tabela salarial, ou seja, propõe aumentos de 18 por cento contra a proposta de 25 por cento da CNS dos metalúrgicos».

Autocoop Governo PS/PSD congela subsídios devidos por lei e anteriormente garantidos

O actual Governo, através dos secretários de Estado do Fomento Cooperativo e do Emprego, congelou o processo (que estava em fase de conclusão) de concessão do subsídio de juros, devido por lei à Autocoop (Cooperativa de Táxis de Lisboa). Trata-se de uma decisão enquadrada na política desenvolvida pelo ministro das Finanças Ernâni Lopes, no sentido de cortar radicalmente todos os subsídios a «fundo perdido». No entanto, a lei que garante este tipo de subsídios mantém-se, bem como o estudo elaborado em Setembro de 1982 pelo Inscop, por incumbência das duas secretarias de Estado e em cujas conclusões gerais se afirma que a Autocoop «revela potencialidades de recuperação económica e financeira».

Foi com base neste estudo que o secretário de Estado Fomento Cooperativo (do último Governo AD) Bento Gonçalves, garantiu que seriam entregues à Autocoop os 19.199 contos correspondentes aos subsídios de juros, bem como a concessão de um empréstimo para a manutenção e ampliação dos postos de trabalho.

De sublinhar que a Autocoop, como acontece com a maioria das cooperativas tem direito por lei a 50 por cento dos juros pagos pelas dívidas de financiamento que constituem o subsídio em questão.

José António Rosado, presidente da direcção da Autocoop declarou ao «DL» que os actuais secretários de Estado do Fomento Cooperativo e do Emprego, fazendo tábua rasa das decisões tomadas pelos seus predecessores, «pretendem reverter todo o processo e transformar o subsídio, devido legalmente à cooperativa, em empréstimo reembolsável». A nova posição governamental — acrescentou — «foi-nos comunicada pelo então secretário de Estado do Fomento Cooperativo, Mesquita Machado, numa reunião que com ele tivemos no

Porto a 1 de Outubro último».

Por seu turno, António José Damásio, presidente do Conselho Fiscal da Cooperativa de Táxis de Lisboa, adiantou-nos que a Autocoop «a aceitar a re-conversão do subsídio em empréstimo veria prejudicado o pedido de empréstimo de 50 mil contos feito em Abril, deste ano, à comissão de financiamento do Inscop e que se destina à renovação da frota de automóveis».

A.J. Damásio afirmou ainda que a Autocoop «além do mais sente-se espoliada em relação aos 19.199 contos que por direito lhe cabem e com os quais contava para fazer face a compromissos assumidos», nomeadamente com o Banco de Fomento Nacional.

Grande esforço dos cooperantes

Os dois dirigentes da Autocoop revelaram-nos que, apesar da falta de apoios, a que tem direito a cooperativa tem vindo a renovar a sua frota, actualmente constituída por 150 viaturas, «mercê do grande esforço, desenvolvido pelos seus cooperantes, o que no entanto é manifestamente insuficiente para viabilização de uma empresa deste



Os dois dirigentes da Autocoop, quando prestavam declarações ao «DL»

tipo».

Referiram em seguida as dificuldades que o sector está a atravessar, resultantes da degradação do nível de vida da produção como o gasóleo peças, acessórios e as próprias viaturas.

Uma das sugestões apresentadas pelos dirigentes da Autocoop para obviar a esta situação, e recentemente veiculada pelo «DL», seria a bonificação dos combustíveis e outras isenções de que certos sectores, como a agricultura e pescas, já beneficiam.

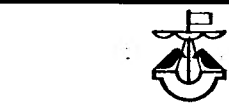
«Um novo aumento do gasóleo — salientaram — vai obrigar a um novo aumento da tarifa, que terá como consequência uma menor utilização dos táxis por parte do público, o que mesmo neste momento já se nota em larga escala».

Na sequência de uma assembleia geral realizada no dia 9 de Outubro de 1982, os sócios da Autocoop têm desenvolvido várias medidas tendentes a viabilizar a empresa, sendo exemplos

disso o aumento de capital social para 3 000 contos e a abdicção do subsídio de férias e de Natal. Puseram ainda em prática um novo esquema de trabalho que obriga o sócio-motorista a fazer «um mínimo de produção, de acordo com os custos fixos».

Mas todo este esforço esbarra com a incompreensão e a falta de vontade política do Governo. A cooperativa necessita de dinheiro para desenvolver a sua actividade e segundo os dois dirigentes ouvidos pelo «DL», «depois das promessas que nos foram feitas, não vieram a curto prazo a ser implementadas medidas que a viabilizem a situação tornar-se-á muito grave. E não serão certamente os trabalhadores os responsáveis pelas consequências resultantes da não viabilização económica da Autocoop».

A responsabilidade, essa — sublinharam — «cabe inteiramente ao Governo», já que os trabalhadores e cooperantes «fizeram e fazem tudo o que está ao seu alcance» para melhorar a situação económica e financeira da Autocoop.



TEATRO MUNICIPAL DE
SÃO LUIZ

RUA ANTÓNIO MARIA CARDOZO 40-TELEF. SECRETARIA 327500/365359-BILHETERIA 327172

PROGRAMA

DEZEMBRO — 1983



Espectáculos da

Companhia
Nacional
de Bailado

em colaboração com a

CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA

Dias 21, 22, 28 e 30 às 21.30 horas; Dias 23, 27, 29 e 31 às 18.30 horas

«PAQUITA»

Coreografia — MARIUS PETIPA
Música — LUDWIG MINKUS
Cenário — LUÍS FILIPE DE ABREU

«VARIÇÕES NOSTÁLGICAS»

Coreografia — ARMANDO JORGE
Música — SERGE RACHMANINOF
Cenário e Figurinos — DA SILVA NUNES

«BAILE DOS CADETES»

Coreografia — DAVID LICHINE
Música — JOHANN STRAUSS
Cenário — MANUEL LAPA
Figurinos — HUGO MANUEL

ARTISTAS CONVIDADOS

nos espectáculos de 29, 30 e 31

NATÁLIA ARKIPOVA e LEONIDE NIKONOV
solistas do Teatro Bolchoi de Moscovo

Direcção Artística: ARMANDO JORGE

BILHETES À VENDA A PARTIR DO DIA 14

(Descontos a jovens até 25 anos, 3.ª idade e grupos de mais de 20 pessoas)

MAIORES DE 3 ANOS

MT decide elaboração de PRT para a Metalurgia

O ministro do Trabalho e Segurança Social, por despacho de 13 de Dezembro, determinou a constituição de uma comissão técnica para a elaboração de uma portaria de regulamentação do trabalho do sector da metalurgia e metalomecânica.

O Ministério considera preenchidos os requisitos legais dos diplomas que regulamentam as relações colectivas de trabalho.

As negociações para a revisão do contrato colectivo de trabalho vertical dos trabalhadores do sector da indústria metalúrgica e metalomecânica arrastam-se desde 1981,

altura em que entrou em vigor o actual contrato.

Em 1982 as partes não chegaram a um acordo sobre os montantes do aumento salarial, mas na maior parte das empresas os trabalhadores reivindicaram e obtiveram aumentos.

A proposta, apresentada este ano pela comissão negociadora sindical da Federação dos Sindicatos da Metalurgia, Metalomecânica e Minas, aponta para aumentos na ordem dos 58 por cento em relação aos mínimos contratuais de 1981, o que representa encargos de cerca de 19,5 por cento para o patro-

nato, dada a actualização já efectuada nas empresas.

As associações patronais apresentaram na altura uma contraproposta de aumento de 35 por cento (encargo de 7,6 por cento para as empresas).

As negociações foram finalmente interrompidas em Julho último por decisão do patronato, tendo a comissão negociadora sindical pedido nessa altura a passagem do processo de revisão do CCTV do sector à fase de conciliação do Ministério do Trabalho.

As associações justificaram a interrupção das negociações por dificuldades no sec-

tor, referindo uma degradação na situação económica e financeira na generalidade das empresas e a falta de definição da política económica da empresa.

O CCTV do sector da metalurgia e metalomecânica envolve — segundo dados da Federação de Sindicatos — cerca de 160 mil trabalhadores de um dos principais sectores da economia nacional.

A exigência de resolução da questão foi acompanhada de paralisações em diversas empresas do sector, tendo sido efectuada, em 27 Outubro uma jornada nacional de luta.

Em fins de Janeiro

Policlínicos vão realizar conferência nacional

O Sindicato dos Médicos da Região Sul vai organizar no próximo dia 28 um encontro nacional de médicos policlínicos.

O encontro realiza-se na sequência da greve dos policlínicos a 11 de Novembro, a que se seguiu um compromisso assumido pelo Ministério da Saúde para o não despedimento de qualquer

jovem médico «até à conclusão de um estudo governamental sobre as necessidades reais em vagas», conforme o Sindicato exigiu uma semana depois.

«Trata-se — afirmaram fontes sindicais — de uma trégua negociada, destinada a estabelecer alternativas».

Antecipadamente, os jovens

policlínicos conseguiram, segundo afirmam, obter a garantia de que «o exame dos P/3 que deveria realizar-se em Janeiro, fosse adiado para fins de Março». De acordo com a mesma fonte, o ministro admitiu «não haver médicos a mais, mas sim especialistas a menos e não existirem limitações financeiras

para a colocação dos policlínicos».

Estes têm continuado a receber manifestações de solidariedade por parte das autarquias que «exigem do Ministério da Saúde medidas concretas para a cobertura médica das respectivas áreas».

Fará tremer a coligação governamental?

Socialistas de Faro demitem-se de Câmara em "ruptura financeira"

Os vereadores socialistas da Câmara de Faro anunciaram que apresentarão hoje o seu pedido de renúncia durante a habitual reunião semanal do executivo. Concretizar-se-á, desse modo, o anunciado objectivo por elementos do secretariado distrital de «devolver a resolução dos problemas ao povo», ou seja, provocar novas eleições.

A evolução no município de Faro ficará agora dependente da opção dos dois vereadores eleitos pela APU, Eurico Antunes (PCP) e Lúcio Beles (MDP). Ambos nos afirmaram que a sua tomada de posição ficaria dependente da análise da situação concreta após a demissão dos socialistas.

UM outro factor a considerar quanto à possibilidade da queda do actual executivo com a realização de eleições autárquicas é a possibilidade de o actual presidente da Câmara se demitir. «A minha saúde começa a ceder» — afirmava-nos, na semana passada, Negrão Belo.

«O Partido Socialista que tenha cuidado porque esta Câmara pode pôr em causa a coligação governamental» — acrescentava ainda o presidente da Câmara de Faro, como o nosso jornal noticiou. O seu alerta não terá, contudo, encontrado o desejado eco, no sentido de que fossem contidos os impetos da distrital socialista de Faro, afecta ao «ex-secretariado».

As previsões dos resultados de novas eleições são, no caso de Faro, relativamente complicadas, à partida. Nas últimas autárquicas, este foi um dos poucos concelhos em todo o país em que a AD conseguiu concretizar listas e apresentar-se como coligação ao eleitorado. A cabeça apresentava, contudo, um independente, o coronel Manuel da Silva, que se demitiu há cerca de dois meses. A coligação AD também já foi formalmente dada como finda, há algum tempo, por iniciativa do CDS.

Os resultados de 1982 também não alimentam grandes previsões: a AD obteve, então, três vereadores, contra dois de cada uma das duas outras forças, PS e APU. Mas a diferença entre os dois partidos, mais votados foi muito pequena, cerca de 600 votos para a Câmara Municipal.

Os eleitos da APU, a propósito, não alimentam grandes esperanças no caso de se concretizar nova consulta, embora prevejam uma subida.

Mas, para já, a própria APU afirma «que não vai cair no engodo» lançado pelos socialistas,

como nos afirmava esta manhã o seu vereador Eurico Antunes. E acrescentava este eleito que a demissão dos homens do PS até é conveniente, uma vez que se encontravam na Câmara, mas se recusavam a trabalhar.

«Desde que nos dêem condições para trabalhar não renunciaremos, a não ser que as condições sejam muito alteradas» — prosseguiu Eurico Antunes.

Uma Câmara deficitária

Elementos do secretariado de Faro do PS mostram-se particularmente críticos relativamente à gestão que a AD tem imprimido à Câmara local desde que em 1979 ganhou as eleições e assumiu os seus destinos.

Lembrando que ao sair do município os socialistas tinham deixado um saldo positivo de 30 mil contos, um elemento do secretariado distrital lembrava-nos que o défice actual deverá rondar os 260 mil contos.

A situação difícil da Câmara de Faro do ponto de vista financeiro é unanimemente reconhecida. O que parece não estar perfeitamente estabelecido é o quantitativo do défice que foi legado pelo executivo que terminou o mandato em 1982.

«A situação financeira está clarificada, vão ser levadas a reunião de Câmara as conclusões de um estudo que mandei fazer e as medidas preconizadas para resolver a situação» — garante-nos por seu turno Negrão Belo. De acordo com esse estudo, acrescenta, o défice situa-se nos cem mil contos.

«Quando o coronel Manuel da Silva aceitou candidatar-se nas listas da AD nunca lhe disseram claramente qual era o saldo negativo» — diz-nos por seu turno, Eurico Antunes, da APU. Ele tinha a ideia de que seriam 30 mil



A Câmara de Faro: onde os socialistas recusam trabalhar, preferindo devolver a palavra ao eleitorado

contos, mas ficou assustado quando começou a mexer nos Serviços Municipalizados, porque havia mais de uma centena de milhares de contos em dividas».

As previsões da APU quanto ao défice existente, antes de conhecidos os resultados do referido estudo já concretizado, também apontavam, entretanto, para umas dezenas de milhares de contos mais do que os cem mil referidos por Negrão Belo — cerca de 180 mil.

«A confusão aqui na Câmara é tão grande que toda a gente faz requisições, os fornecedores mandam facturas quando lhes apetece, nem sequer se sabe em que são aplicados os materiais requisitados» — confia-nos, ainda, Eurico Antunes.

«A Câmara está sem rei nem roque» — diz-nos por seu turno um elemento do secretariado do PS. «A situação é tão grave do ponto de vista financeiro que há fornecedores a recusarem fazer mais fornecimentos» — acrescentou. E deu como exemplo o que se passa com os combustíveis. «De um momento para o outro podem ser cortados» —

garantiu-nos o mesmo socialista.

Projectos feitos não concretizados

A actual posição dos socialistas, no sentido de fazer cair a Câmara de Faro e devolver «a palavra ao povo», baseia-se numa análise da situação que se vive no município desde 1976, quando se realizaram as primeiras eleições autárquicas.

«O PS encontrou uma cidade e um concelho sem programa e sem projectos» — dizem-nos elementos do secretariado distrital. «Em 1976 ganhámos e foi o engenheiro Belchior que desenvolveu os projectos» — diz.

«A força que veio a seguir, a AD, encontrou tudo isto pronto. Não quer dizer que o PS não tenha feito muito em termos culturais, ou na habitação (iniciámos os blocos da carreira-de-tiro ou saneamento básico)» — consideram ainda os responsáveis socialistas.

O que agora parece doer aos socialistas é que a AD, em 79, ganhando as eleições autárquicas, encontrou tudo preparado mas ou «não soube aplicar ou

aplicou mal». E, acrescenta a nossa fonte, «Faro é agora o concelho do Algarve onde se tem verificado menor desenvolvimento».

«Não há um mínimo de planificação» — reconhecem, por sua vez os dois vereadores da APU. «As coisas não andam minimamente». E contam que os tais blocos da carreira-de-tiro só agora foram desbloqueados, depois de terem marcado passo com a falência, durante anos latente, da empresa que tinha obtido a adjudicação.

«Vai mal a Câmara de Faro» — concorda, por seu turno, o actual presidente, Negrão Belo. Mas considera que o grande mal têm sido os interesses políticos do PS, sempre visando fazer cair o executivo». E prossegue, dizendo que os socialistas «não têm em vista o interesse da população, o de ir modificando as coisas para melhor».

«O PS perdeu a cabeça» — conclui Negrão Belo.

Freguesias rurais sem saneamento

«A água é outro dos nossos

grandes problemas» — entende, ainda Eurico Antunes, em jeito de balanço. «O que se tem feito até agora é sob a forma de desmascaramento» — prossegue, recordando embora que a Câmara até tem, actualmente, o homem conhecedor nesse domínio.

O resultado é visível, no que se refere ao saneamento básico. Ainda não possível fazer chegar esse benefício a nenhuma das freguesias rurais, embora estejam enterradas as repectivas condutas. Mas continuam a faltar as estações elevatórias e de tratamento, como os depósitos de regularização para que, por exemplo, seja possível ligar a água.

O que é constatado neste sector alarga-se a quase todos os outros: no ensino, Faro tem escolas em estado caótico «Quase todos os recreios foram já ocupados por barracões» — diz Eurico Antunes. Há casas para vender mas não quem as compre.

«Em termos culturais, acusa o PS, foram concedidos subsídios com algumas diferenciações inexplicadas. As muralhas estão inalteráveis, a zona velha degrada-se, não se vêem medidas».

Além do mais consideram os socialistas, o funcionamento da Câmara decorre hoje em moldes antidemocráticos. Como exemplo, dão a recusa de Negrão Belo em aceitar que as suas posições sejam ditadas para as actas. Esta acusação do PS é extensiva ao que se passa na Rua Formosa, dizendo que Negrão Belo assumiu compromissos pessoais com o Departamento Marítimo sem ouvir o executivo camarário.

Por outro lado, o intuito de repetir eleições é optimizado, para os socialistas, com o facto de hoje já não substituir o suporte político que levou o coronel Manuel Silva, primeiro, Negrão Belo, depois, à presidência da Câmara de Faro.

«O PSD anda a fazer o jogo do consenso à esquerda e à direita» acusa um elemento do secretariado distrital. E isso depois de o CDS ter assumido publicamente a ruptura da coligação AD que a nível concelhio se apresentou ao eleitorado há cerca de um ano.

Rogério Vidigal

Nem sempre solidariedade é uma palavra vã...

Cimeira de Bissau atenta ao drama de Timor-Leste

Cinco países demonstraram nos últimos dias que, pelo menos eles, ainda não esqueceram o drama que desde o fim de 1975 se vive no território de Timor-Leste. Os Estados africanos de língua oficial portuguesa, reunidos em Bissau, souberam reiterar a sua solidariedade para com a luta do povo maubere e preconizar um plano de acção que faça avançar no campo diplomático a causa da autodeterminação de Timor-Leste.

UMA altura em que a Assembleia da República portuguesa demora alguns meses para concretizar a entrada em funcionamento de uma nova comissão debruçada para os assuntos de Timor-Leste, em Bissau defendeu-se a ideia de que é necessário intensificar a acção mobilizadora em todas as instâncias regionais e internacionais para que o mundo não esqueça.

Tal como centenas de parlamentares norte-americanos, europeus e australianos, também na África há felizmente quem se continue a preocupar com um povo vítima de genocídio físico, cultural e religioso.

As diversas instâncias portuguesas do poder (Presidência da

República, Assembleia da República e Governo) terão agora de ter em conta, também, o desejo dos Estados africanos de língua oficial portuguesa de que o caso de Timor-Leste não fique vagamente entregue aos cuidados da comunidade internacional, mesmo que seja por intermédio de uma personalidade respeitável como é o secretário-geral das Nações Unidas.

Cobre e petróleo

O país que até 1975 administrou Timor-Leste, a partir do século XVI, parece a muitos olhos que deverá ser o primeiro a actuar, com todo o seu meio, para que a comunidade internacional, designadamente as grandes potên-

cias com poder para isso, force a Indonésia a reconsiderar a sua posição face aos mauberes.

Nunca é de mais escrever que nos 14 925 quilómetros quadrados de Timor-Leste vive um povo de menos de um milhão de habitantes que há oito anos tem estado a ser dizimado, torturado, proibido de ter língua e cultura próprias, mas que continua a lutar contra uma potência gigantesca maior.

A ilha de Timor é montanhosa e o monte Ramelau chega aos 2960 metros. No subsolo há cobre e, possivelmente, petróleo, riqueza esta que muito bem poderá justificar, para além de outras razões, o apego indonésio a um território que tanto dinheiro e tanto descredito internacional lhe tem custado.

Até 1975 a cultura principal foi o café (80 por cento das exportações) e a população, embora com um baixo nível de vida, não sofria fome, dado que tinha cultura de subsistência e criava gado.

Mas nos últimos anos teve de fugir para as montanhas ou foi encerrada em aldeamentos-prisão, impedida de trabalhar os seus campos tradicionais, e daí veio a fome, que conjuntamente com a guerra e a doença a tem dizimando.

3,5 milhões de mortos

Ninguém imagina o drama e o sofrimento que hoje dominariam a sociedade portuguesa se desde há oito anos tivesse perdido três milhões e meio dos seus filhos. Contudo, em Timor-Leste o drama atingiu e atinge proporções semelhantes, dado que se receia ter já perecido um terço de toda a população...

Diziam as autoridades lisboetas anteriores ao 25 de Abril que Portugal ia do Minho a Timor, mas os governos portugueses sempre demonstraram muito pouco interesse por uma colónia tão linguqua. E após o 25 de

Abril o interesse não aumentou muito mais.

Foi em Dezembro de 1975, horas depois de terem deixado Jacarta o presidente norte-americano Gerald Ford e o secretário de Estado Henry Kissinger, que as Forças Armadas da indonésia entraram em Timor-Leste, julgando aparentemente que ao fim de alguns dias dominariam o território.

No entanto, o povo que durante a Grande Guerra Mundial se levantara contra os invasores japoneses também se ergueria em grande número contra o novo invasor, demonstrando uma capacidade de resistência que era difícil de adivinhar.

Por mais de uma vez as autoridades indonésias disseram que a resistência era conduzida apenas por algumas centenas de guerrilheiros da Frente Revolucionária que defendia a independência de Timor-Leste (Fretilin), mas o tempo se encarregou de demonstrar que os resis-

tes não eram de forma alguma apenas algumas centenas.

A generalidade da população da antiga colónia portuguesa da Oceania acabou por diversas formas de se constituir em bloco de resistência ao poderoso vizinho invasor e por mais batalhões que desembarquem a luta não acaba e nenhuma das anunciadas «pacificações» acaba por ser definitiva.

Entretanto, de acordo com a Constituição, Portugal continua vinculado as responsabilidades que lhe incumbem, de acordo com o direito internacional, de promover e garantir o direito à independência de Timor-Leste.

Foi isso que a cimeira de Bissau agora veio recordar: essas responsabilidades que Portugal terá de assumir, de uma vez por todas e como premente questão de Estado, de modo a que um doloroso peso não fique a pesar na consciência nacional.

Jorge Heitor (Anop)

24 horas

Atentado contra israelitas

Uma granada de mão foi lançada hoje de manhã, pouco depois das 10.00 h locais (08.00 h tmG), contra uma patrulha israelita, na Praça Central de Saida (cidade mais importante do sul do Líbano), indicou a emissora oficial libanesa. Rádio-Líbano não deu qualquer indicação sobre eventuais perdas israelitas.

Explosões na África do Sul

Duas bombas explodiram segunda-feira à noite em departamentos governamentais da localidade de Kwa Mashu, habitada por negros, situada na periferia da cidade sul afri-

cana de Durban. As explosões nos escritórios da junta da Administração Naval do Porto, não causaram feridos nem danos materiais.

Acordo condenado na ONU

A Assembleia Geral da ONU aprovou segunda-feira à noite uma moção que condena o recente acordo firmado entre os Estados Unidos e Israel, assim como outras quatro resoluções sobre a situação no Médio Oriente. O texto, a respeito do acordo americano israelita, que foi apadrinhado pelos países árabes (menos o Egipto, foi aprovado por 81 votos, contra 27 dos Estados Unidos, e Israel incluídos) e 29 abstenções.

Acções militares em Moçambique

As Forças Armadas moçambicanas destruíram na semana passada dois «importantes acampamentos» inimigos no distrito de Murrombene, província de Inhambane — foi ontem oficial-

mente anunciado, em Maputo. Os grupos armados adversários do regime sofreram «pesadas baixas» em homens e material preciso o comunicado oficial.

«Linha da Frente» em Estocolmo

Os ministros dos Negócios Estrangeiros dos seis países da «Linha da Frente» reunem-se em Abril de 1984 a capital sueca. Os chefes da diplomacia dos Estados da Europa setentrional participarão como observadores na reunião dos seus homólogos de Angola, Moçambique, Zâmbia, Tanzânia, Zimbábue e Botswana.

Walter Mondale favorito

Uma terceira sondagem em menos de uma semana volta a indicar Walter Mondale como o candidato com mais possibilidades de ser eleito pelo Partido Democrata para as eleições presidenciais de 6 de Novembro de 1984. Esta sondagem, ontem publicada pela revista «Time», atri-

bui a Mondale 34 por cento, 18 por cento a John Gleen e 6 por cento a Jesse Jackson e George McGovern. Na sondagem, o presidente Reagan obteve 60 por cento de pareceres favoráveis dos inquiridos relativamente à sua Administração da Casa Branca.

Distúrbios na Argentina

Os confrontos registados na noite de ontem em Buenos Aires entre a polícia e grupos de populares, causaram vários feridos e mais de 50 detidos, informou hoje uma fonte oficial argentina. Os incidentes começaram no centro de Buenos Aires, quando a polícia deteve três jovens que empunhavam um cartaz pedindo «marijuana livre». O público, numeroso nas ruas à hora da saída dos cinemas, vaiou a intervenção da polícia. Carros patrulhas e tropas de infantaria e vários carros blindados dirigiram-se ao local para apoiar as forças de segurança e a situação degenerou em autêntica batalha campal.

Pacifistas detidos em Londres

Foram presas quinze pessoas, esta manhã, durante uma manifestação do CND (Campanha para o Desarmamento Nuclear) numa rua de grande movimento de Londres, segundo anunciou a Polícia. Os manifestantes, que protestavam contra o pro-

grama de defesa civil do Governo em caso de ataque nuclear, bloquearam o tráfego durante meia hora. As 15 pessoas detidas foram inculpadas de distúrbio da ordem pública e deverão comparecer ainda hoje em tribunal.

ETA reivindica atentado

A Organização Independentista Basca ETA Político-Militar reivindicou ontem num comunicação um atentado cometido na véspera em San Sebastian (País Basco espanhol) contra um polícia. Anselmo Gonzalez, de 27 anos, tinha sido gravemente ferido pela explosão de uma bomba colocada debaixo do seu carro, tendo sido amputado do pé direito.

Feridos e detenções no Ulster

Dois homens foram feridos a tiro pela polícia ontem em Londonderry, no norte do Ulster, e dois outros foram presos, indicou fonte da polícia norte-irlandesa. A polícia, que

efectuava uma patrulha, disparou contra os dois homens e recuperou armas. Não foi revelado mais nenhum dado sobre o incidente.

Guerrilheiro capturado

O ministro peruano do Interior informou ontem da captura de um dos principais dirigentes e ideólogos do grupo maoísta «Sendero Luminoso». O dirigente capturado na cidade de Haraz, 409 quilómetros ao Norte de Lima é Emilio António Diaz Martinez, de quem o ministro Percovich disse ser «talvez o número um ou o número dois do Sendero Luminoso» a actualidade.

Aproximação Washington-Bagdad

Enviado especial de Reagan em visita de surpresa ao Iraque

Inesperadamente chegou segunda-feira à noite a Bagdad (capital do Iraque) o enviado especial do presidente norte-americano para o Médio Oriente, Donald Rumsfeld. É a primeira viagem que um responsável norte-americano faz ao Iraque desde que Bagdad rompeu relações com os EUA, há 16 anos, por altura da guerra dos «seis dias» (1967).

A agência iraquiana INA, que anunciou a chegada de Rumsfeld, não deu nenhuma indicação sobre o programa de estadia do representante de Reagan. Rumsfeld avistou-se com o vice-ministro iraquiano, Tareq Aziz, e não foram dados pormenores sobre o teor da entrevista. Anteriormente Rumsfeld tinha-se avistado em ARIad com o rei Fahd da Arábia Saudita, na presença do príncipe Sad Al Faical, ministro dos Negócios Estrangeiros do reino saudita. O objectivo deste encontro também não foi revelado.

As relações entre o Iraque e os EUA têm vindo a conhecer certa melhoria, desde que em 1982 os EUA retiraram Bagdad da «lista negra» e passaram a fornecer-lhe equipamento militar (sabendo-se que ao menos 60 helicópteros). Em Outubro desse mesmo ano, após um encontro em Nova Iorque entre os dois ministros dos Negócios Estrangeiros, os EUA concederam 230 milhões de dólares para a compra de produtos alimentares. Em Maio deste ano, Tareq Aziz avistou em Paris com George Shultz.

A aproximação entre o Iraque e os EUA não é surpresa para os círculos bem informados. Ulti-

mamente, e, como o «DL» já informou, a imprensa norte-americana tem vindo a sugerir que Reagan apoie o Iraque na luta contra o Irão.

Saliente-se que a passagem de Rumsfeld pela capital saudita, principal financiador do esforço de guerra do Iraque e promotor da guerra no Golfo, para afastar a então designada «ameaça iraniana», sugere que qualquer coisa de muito importante se está a passar e que pode constituir um prelúdio à intervenção norte-americana no Golfo. Aliás, os observadores pensam que os recentes atentados no Kuwait preludiam essa esperada intervenção. Na verdade, a campanha imediatamente desencadeada contra o Irão como agente desestabilizador da região do Golfo indica que os atentados foram explorados (se não mesmo cometidos — nesta matéria todas as especulações são possíveis) pelos defensores de uma intervenção norte-americana no Golfo.

A visita que o ministro dos Negócios Estrangeiros do Egipto, Butros Ghali, está a efectuar aos EUA decerto terá também o seu papel nesta questão, pois o Egipto e o Iraque reconciliaram-se e o Cairo é definitivamente favorável a uma vitória de Bagdad e tem prometido todo o auxílio, inclusive militar directo. Aliás, há quem afirme que tropas egípcias já têm combatido junto dos iraquianos.

A intervenção dos EUA no Golfo teria agora um momento muito oportuno. Na verdade, o relatório apreciado no Congresso sobre o atentado de Bei-

rute contra os «marines» e do qual resultaram 231 mortos entre os fuzileiros norte-americanos, é arrasador.

A subcomissão das Forças Armadas da Câmara dos Representantes concluiu que os responsáveis militares não lançaram mão de todas as medidas de segurança que se exigiam e levanamente não prestaram o devido cuidado às informações prévias que tinham sobre a eventualidade de um atentado com um camião explosivo. Segundo o relatório — citado pela AFP — o edifício dos «marines» estava menos protegido que a embaixada dos EUA em Beirute e houve sérias negligências das autoridades dos serviços de espionagem que tiveram consequências directas na capacidade de defesa da unidade.

Este relatório arrasador vai decerto causar profundas reacções nos EUA, onde são cada vez mais fortes as vozes contrárias à manutenção dos «marines» no Líbano. Aliás, ontem a Casa Branca já se começava a defender ordenando a um porta-voz (Larry Speakes) que anunciase a eventualidade da saída dos «marines» do Líbano, se o chamado congresso da Fecundação Nacional do Líbano não conseguisse chegar a resultados concretos. Recorde-se que esse congresso está praticamente paralisado, não conseguindo as diversas partes chegar a acordo para o recomeço dos trabalhos depois da digressão do presidente Gemayel por várias capitais.

A.N.

Barcos chegaram a Trípoli

Primeiros fiéis de Arafat começaram a ser evacuados

Os combatentes palestinos fiéis a Yasser Arafat começaram esta manhã às 8,15 a embarcar no Naxos, um dos cinco «ferry-boats» gregos com bandeira da ONU chegados pouco antes ao porto de Trípoli (Líbano) escoltados por navios de guerra franceses.

Segundo a rádio do exército israelita, as vedetas israelitas iniciaram a sua retirada para o lado de Trípoli. Mas o governo israelita lembrou no mesmo momento que continua a reservar-se a possibilidade de intervir em qualquer altura e em qualquer lugar contra o terrorismo.

Recorda-se que a partida, do porto de Larnaca, em Chipre, dos cinco navios gregos foi retardada por várias vezes devido aos bombardeamentos de domingo e segunda-feira pela ma-

rinha israelita.

Dois ministros israelitas deixaram no ar uma ameaça contra os guerrilheiros da OLP. O vice-ministro David Levy entendeu que depois da partida de Yasser Arafat e dos seus fiéis deixará de haver uma OLP para haver duas. Por seu lado, o ministro da Defesa, Moshe Arens, que garantiu que Arafat não sairia vivo de Trípoli, recusou-se a especificar que atitudes iria o seu país tomar para «vingar» o recente atentado que em Jerusalém custou a vida a 12 pessoas.

A chegada dos barcos gregos a Trípoli e a saída dos israelitas foram precedidas de um apelo dirigido pelos EUA a Televisão no sentido de deixar evacuar os palestinos, apelo esse que continua também uma acusação contra Israel por este país estar a

criar obstáculos à saída dos palestinos.

Ontem os israelitas começaram já a atacar posições dos «dissidentes» da OLP. Embora a evacuação agora pareça garantida tudo ainda é possível, pois para Israel a parada é de monta; por mais complicações que possa haver — e de acordo com certos países árabes eles existem — entre a facção de Arafat, os EUA e a Jordânia, o certo é que para Israel a liquidação dos quatro mil guerrilheiros seria muito importante. Para Israel a tentativa será grande: desmantelar esta OLP de Arafat e depois prosseguir desmantelando esta OLP de Arafat e depois prosseguir desmantelando a OLP de Abu Mussa. Poderia ser para a causa palestina o destino tão temido das...arménias.

Fuga de generais

Presidente argentino ordena investigação exhaustiva

O presidente argentino, Raul Alfonsín, pediu ao ministro da Defesa uma «investigação exhaustiva» ao caso dos aviões da Força Aérea, com carga e passageiros não identificados, que escalaram um aeroporto espanhol.

Fontes governamentais revelaram que o chefe de estado e o ministro Raul Borrás já reuniram para discutir esse caso e outras questões relacionadas com as Forças Armadas.

Borrás encontrou-se depois com o chefe de Estado Maior da Força Aérea, brigadiero Teodoro Waldner, a quem solicitou completa informação sobre aquele caso que está a gerar diversas

especulações na imprensa.

Fontes próximas de Alfonsín adiantam que o governo tenciona aplicar «severas medidas disciplinares» se forem confirmadas as irregularidades denunciadas.

Este caso nasceu da denúncia de fontes do aeroporto de Ezeiza a uma agência noticiosa, segundo as quais um avião «Boeing 707» militar teria partido com rumo a Las Palmas, transportando dez passageiros não identificados e «documentação secreta».

Um segundo avião, um «Hércules», escalou domingo o mesmo aeroporto espanhol e aterrou em Chateauroux, Sul de

França.

Fontes oficiais espanholas afirmaram que os dois aviões tinham autorização para efectuar as escalas, consideradas normais, e um porta-voz da base de Chateauroux, sem confirmar que se tratava do «Hércules», disse que aterrou uma viajante argentina que transportava apenas os tripulantes.

Um porta-voz do ministério francês dos Negócios Estrangeiros declarou que não foi informado da chegada do avião e considerou «realmente curiosa» a hipótese de se transportar «documentos comprometedores» para os militares argentinos.

— Na véspera

Madrid (do correspondente Jauregui) — A Esquadra de novo nas «oferpeias» que tão escassos até ao momento. O presidente Gonzalez, partiu hoje, inesperada, onde terá um

UMA nova etapa, abre-se surpreendentemente, para esta luta. A falta de cooperação que generaliza a atitude das autoridades gaulesas, suscitou uma «guerra suja» no sul de França. Dois meses depois do sequestro de dois refugiados da ETA político-militar próximo de Biarritz, ontem foi morto em Bayona o membro da ETA Militar Ramon Onederra. É surpreendente verificar que esta morte, reivindicada pelos ultradireitistas «grupos Anti-Terroristas de Libertação» (GAL) ocorreu na véspera da comemoração do décimo aniversário do assassinato pela ETA do presidente do Governo tranquista, almirante Luis Carrero Blanco. Há cinco

A reeleição, por uma estreita margem de votos, de Geraldo Iglesias, 37 anos, mineiro asturiano, como secretário-geral do Partido Comunista de Espanha, não termina com a crise aberta no PCE, segundo pensam a maioria dos observadores. Iglesias obteve mais do dobro de representantes da sua linha no comité central do Partido, onde Santiago Carrillo apenas dispôs de 30 por cento. Dolores Ibarruri, a mítica «Passionária» foi, por sua vez, reeleita por unanimidade Presidente do PCE.

Se a crise não está resolvida, também é certo que a unidade do PCE parece, por agora, salvaguardada. Carrillo

Ceausescu

Reunião dos dois

A paragem da instalação dos novos mísseis americanos na Europa e a cessação das medidas de retorsão que o Tratado de Varsóvia está disposto a aplicar para responder àquilo que considera ser uma situação de desequilíbrio estratégico no Velho Continente foram medidas solicitadas em comunicado comum por Nicolau Ceausescu, da Roménia, e André Papandreu, da Grécia, no final da visita do primeiro-ministro de Atenas a Bucareste.

O presidente Ceausescu tem-se multiplicado ultimamente em declarações à imprensa nacional e estrangeira, transmitidas pela agência Agerpress. A visita oficial de Papandreu à Roménia e o tom do comunicado conjunto podem fazer supor que os dois dirigentes (favoráveis ao recomeço das negociações de Genebra sobre euromísseis) estarão novamente empenhados em discutir planos anteriores sobre as posições dos dois países em cada um dos blocos político-militares em que recentemente se inserem.

Ceausescu coloca-se — ou pretende colocar-se — na vanguarda da defesa do diálogo Leste-Oeste, agora que o Tratado de Varsóvia decidiu cortar todas as pontes por considerar

Na agenda CEE e terrorismo

Felipe Gonzalez encontra-se hoje com François Mitterrand

era da reunião do conselho hispano-luso reina pouco optimismo em Madrid

espondente do «DL», Fernando A Espanha parece ter-se lançado em ofensivas diplomáticas euro- assos resultados lhe têm dado presidente do Governo, Felipe je, para Paris, de uma forma á uma Cimeira com Mitterrand,

re-se anos, numa acção similar, um dos dirigentes máximos da ETA «ia pelos ares» no Sul de França, num atentado muito parecido ao que custou a vida a Carrero Blanco.

Tudo isto parece fazer crer na existência de grupos paralelos ou para-policiais que organizam «guerras sujas» por sua conta e risco, provavelmente sem excessiva complicitade do Governo. Por outro lado, ainda está na memória de todos, o caso de três polícias espanhóis, surpreendidos pelas autoridades francesas quando tentavam sequestrar no sul de França um dirigente «Etarra» ali refugiado. Os três polícias passaram um mês na prisão de Pau, e apenas há duas semanas

presumivelmente em torno das dificuldades colocadas pela França ao ingresso espanhol na Comunidade Económica Europeia. Espera-se, também, que a necessária cooperação francesa na luta contra o terrorismo da ETA, seja outro dos pontos da agenda.

foram postos em liberdade, sendo recebidos como heróis no departamento do Interior.

Relações hispano-lusas

Tudo isto contribui para um panorama de relações especialmente melindrosas com a França, o poderoso e pouco querido vizinho dos espanhóis. O encontro de Gonzalez com Mitterrand realiza-se, aliás, quando o ministro das Relações Exteriores, Fernando Moran, acaba de regressar de uma nova «ronda» negociadora com a CEE... com as mãos tão vazias como sempre.

No que se refere «ao outro» vizinho dos espanhóis, Portugal, fontes diplomáticas bem

colocadas expressaram ontem ao «DL» o seu pessimismo ante a primeira reunião do conselho hispano-luso, que terá amanhã lugar a nível de ministros dos Assuntos Exteriores.

Segundo as mesmas fontes, o encontro do Conselho realiza-se quando não se registou nenhum avanço concreto depois da «Cimeira» hispano-lusa de 11 e 12 de Novembro. O único avanço concreto que se espera é a designação dos dois secretários do Conselho. Para além disto, nem as pescas, nem a criação das câmaras culturais espanhola em Lisboa e portuguesa em Madrid, nem o problema das indemnizações a cidadãos espanhóis pelas

expropriações realizadas em Portugal, terão uma rápida resolução. É possível, no entanto, que ocorram avanços significativos nas possibilidades de abrir sucursais bancárias (ontem, uma delegação de banqueiros espanhóis, presidida pelo poderoso Alfonso Escamez, presidente do Banco Central e «cabeça» dos «sete grandes» da banca espanhola, visitou Mário Soares). A abertura, a partir de Janeiro, de mais postos fronteiriços durante 24 horas por dia, é outra possibilidade que poderá resultar da reunião do Conselho. Por outro lado, o designado cônsul espanhol em Lisboa, Marcelino Oreja, poderia, ao fim e ao cabo, não chegar a ocupar o relativamente modesto posto para o qual havia sido indicado, especialmente tendo em conta a sua qualidade de ex-ministro dos Exteriores. O Governo espanhol acabou de o designar candidato ao cargo de secretário-geral do Conselho da Europa.

O espectro de uma solução «à grega»

es-de e Igrejas foram juntos e sorridentes a uma conferência de imprensa depois do encerramento do Congresso, e ali asseguraram que a dissidência é boa para o Partido, que ninguém abandonará o PCE e admitiram a existência de duas correntes principais no seio do Partido, que continua a ser (apesar das reticências proovocadas «Eurocomunista».

Parece agora claro aos olhos dos observadores, que a verdadeira crise aberta no PCE não se situa entre «Gerardistas» e «Carrillistas». Concretamente, ela existe no risco de que no PCE se abra um cisma que conduza a uma solução «à grega», com a cria-

ção de um PC do interior, de carácter «eurocomunista», e outro do exterior, «pro-soviético». A ausência do ex-membro do comité central, Ignacio Gallego, demitido em Outubro por protagonizar a luta pela edificação de um partido de «unificação comunista» próximo das teses do Congresso. E, mais de uma intervenção pública, significou o fim da «mão estendida» ao regresso de Gallego e de quem com ele abandonou o Partido.

A actual situação é confusa: Gallego, ainda que não se encontre entre os dirigentes do

Partido, continua a sua militância no PCE. Mas, ameaça realizar em Janeiro o Congresso constituinte do seu «Partido de Unificação Comunista», baseado nas teses que contam com uma não dissimulada simpatia de sectores das organizações do PCE na Andaluzia, Catalunha e País Valenciano. Paralelamente, trata-se de «recuperar» o histórico dirigente «pró-soviético» para as fileiras do PCE, onde integraria uma facção «prosoviética», semelhante ao que ocorre no PC italiano com Armando Co-

Mas muita água ainda terá que correr debaixo das pontes

como afirmou Carrillo pouco antes da sessão de encerramento do Congresso, a crise do PCE não está fechada, pese embora o triunfo de Igrejas, Carrillo continua a controlar uma dezena de comités regionais, entre os de Madrid e do País Valenciano, os mais poderosos depois da «Geraldista» Andaluzia. A facção, muito minoritária, dos «pró-soviéticos» não parar de conspirar em torno de Gallego. E tudo isto, favorecido por um «documento político» sem vitalidade e contraditório, surgiu deste Congresso como consequência das concessões mútuas e das tensões internas.

F. J.

Ceausescu propõe

do de ministros dois blocos

dos que elas não eram pontes, mas simples alibis atrás dos quais a Administração Reagan prosseguia os seus intentos de rearmamento e conquista de hegemonia militar a nível nuclear e convencional, na Europa e no resto do mundo.

Em entrevista difundida pela agência romena, Ceausescu propôs que os ministros dos Negócios Estrangeiros do Tratado de Varsóvia se reúnam com os da NATO para decidirem o reatamento das negociações INF de Genebra, sob condição de ser suspensa a instalação dos «euro-mísseis» norte-americanos. Ceausescu defendeu também o encontro mais urgente possível entre os ministros dos Negócios Estrangeiros soviético (Andre Gromyko) e dos EUA (George Shultz). Para o presidente romeno, a retomada das conversações de Genebra deveria ser acompanhada da criação de uma comissão consultiva dos dois blocos para examinar a eventualmente participar na «concretização de um acordo adequado».

Um dos aspectos em que Ceausescu batalha é a participação dos Estados europeus na consecução dos acordos entre as duas partes.

Na sua homilia de Natal

Chefe dos católicos polacos pede aos padres que abandonem a política

O chefe da Igreja Católica polaca, Cardeal Josef Glemp faz eco na sua mensagem de Natal das queixas do Governo, e pede aos sacerdotes que «deixem de se ocupar da política». Glemp reclama também do regime polaco «a reconciliação nacional».

O Primaz da Polónia afirma na sua homilia, que será lida em todas as igrejas do país no próxima noite de Natal, que a palavra «reconciliação» já perdeu todo o sentido e que não existe programa que a apoie.

Mas, «apesar disso há que salvar a Polónia, há que despertar o instinto da conservação em cada uma das partes que se opõem», acrescenta o primaz.

A homilia enfrenta com delicado equilíbrio os temas mais candentes na actual conjuntura polaca e se bem que não poupe críticas ao regime do General Jaruzelski, também defende posições que lhe são gratas.

As relações Estado Igreja sofreram uma forte aumento de tensão devido às queixas do governo de que alguns sacerdotes utilizavam o púlpito como plataforma política para as suas críticas ao governo e ao sistema socialista.

A este respeito o último epi-

sódio crítico ocorreu na semana passada quando as autoridades detiveram durante mais de 24 horas o padre Jerzy Popiluszko, acusado de ter na sua posse material político comprometedor.

O sacerdote Popikuszko, assim como o padre Henryk Jankowski, pároco de Santa Brígida de Gdansk e amigo e conselheiro do líder do «Solidariedade», Lech Walesa, estão a ser objecto de uma investigação, acusados de abusar da liberdade religiosa e de actividades políticas antigovernamentais.

Ambos os sacerdotes defendem abertamente o «SZLIDARIEDADE». O governo queixou-se às autoridades eclesiásticas sobre as atitudes de vários religiosos que, segundo fontes católicas, integram uma lista de 69 padres e alguns bispos.

Monsenhor Glemp assinala na sua mensagem de Natal que o episcopado polaco advertirá os sacerdotes para que estes se não ocupem da política.

O Primaz, numa alegoria sobre a situação no presépio de Belém, fala «das ordens das autoridades, na crise de habitação e na desconfiança humana»,

numa alusão à actual situação no seu país, mas acrescenta que a Belém chegou Deus para promover a salvação da Humanidade.

Glemp também lembra «as verdades teológicas do ano da redenção e as alegrias religiosas e nacionais que a Polónia tem vivido, apesar de ser «tão forte o sentimento de ameaça e de ressentimento» que existe no país.

O cardeal recorda que durante o ano que agora termina o Papa João Paulo II realizou a sua segunda peregrinação à Polónia, que se cumpriu o aniversário da Virgem Negra de Jasna Gora (patrona do país), que foi o ano dos «prémios pacíficos» — o Nobel da Paz foi atribuído a Lech Walesa — e o ano do regresso aos seus lares de muitos detidos e presos políticos.

Recordar estas alegrias não oculta, porém, o enorme sofrimento que exprimenta a nossa sociedade», sublinha o prelado.

Glemp indica que as grandes tensões internacionais «incluem também o nosso país na ameaça geral que pesa sobre a Humanidade».

Grã-Bretanha

Anunciadas medidas contra o terrorismo

Com a Polícia agora mais visível, a população de Londres continuou ontem a fazer as suas compras de Natal, enquanto no Parlamento o ministro do Interior anunciava medidas de combate ao terrorismo.

As medidas anunciadas pelo ministro Leon Britton apontam para o reforço do contingente policial da área da grande Londres onde, durante o dia, muitas das ruas de maior comércio eram patrulhadas por polícias com cães.

Britton sublinhou o papel da população que deverá participar imediatamente às autoridades quaisquer volumes abandonados ou automóveis suspeitos.

Disse também que a brigada antiterrorista da Scotland Yard foi reforçada e que mais de 200 detetives estão a investigar o atentado de sábado no exterior dos armazéns Harrods.

O atentado provocou cinco mortos — dois agentes da Polícia, um jornalista, uma dona de casa e um turista americano — e 92 feridos, vinte dos quais ainda estão hospitalizados.

No seu discurso o ministro historiou as acções da Polícia nas horas que antecederam a explosão da bomba e revelou que as autoridades receberam durante a manhã de sábado 23 mensa-

gens a anunciar atentados, das quais apenas uma se provou ser verdadeira.

A caça aos homens do IRA — que no domingo à noite reivindicou em Dublin a autoria do atentado — estará também a contar com a participação de pessoas aliciadas com a oferta feita por um particular de 250 mil libras por qualquer informação que conduza à detenção de bombistas.

Entretanto, o conselho de ministros da República da Irlanda vai discutir hoje a possibilidade de proibir as actividades do Sinn Fein, ala política do Exército Republicano Irlandês (IRA).

Esta eventual medida segue-se ao atentado bombista perpetrado sábado em Londres pelo IRA, que o Sinn Fein criticou sem contudo condenar oficialmente.

O ministro da Justiça, Michel Noonan, apresentará ao primeiro-ministro irlandês, Garret Fitzgerald, um relatório no qual são apontadas as vantagens e os inconvenientes da proibição do Sinn Fein.

O Ministério britânico do Interior rejeitou no domingo à noite o comunicado do IRA no qual se dizia que o comando que perpetrara o atentado agiu sem a aprovação do conselho armado do IRA provisório.

Decréscimo da população preocupa alemães federais

A população da Alemanha Federal, que, actualmente, ascende a 56,9 milhões de habitantes, ficará reduzida a 38,3 milhões no ano 2030, se se mantiver o actual decréscimo de natalidade.

O número de nascimentos tem vindo a diminuir desde há dez anos e os peritos consideram esta tendência «verdadeiramente alarmante»: em 1972, havia 58,3 milhões de alemães federais e, no início deste ano, esse número baixou para 56,9 milhões.

Estes números, fornecidos pelo Governo de Bona, indicam que a Alemanha Federal, é o país com menor índice de natalidade no Mundo inteiro.

A pirâmide de idades também se tem desenvolvido no sentido de um aumento da percentagem de pessoas com mais de 65 anos e de uma redução do número de jovens com menos de 18.

Actualmente, na Alemanha Federal, 22 por cento das pessoas têm menos de 18 anos e 15 por

cento ultrapassaram os 65.

No ano 2030, a percentagem de jovens menores de 18 anos reduzirá-se a 15 por cento e a percentagem de pessoas com mais de 65 aumentará para 23,8 por cento.

Esta evolução terá, segundo os peritos, graves consequências na vida política e social do país, uma vez que, para financiar os subsídios da terceira idade, cada trabalhador terá de pagar 35 por cento do seu salário, em vez dos 18,5 por cento que desconta actualmente para efeitos de reforma.

Esta situação é ainda agravada pela tendência cada vez maior das pessoas para não se casarem e pela recusa de muitos casais em terem filhos.

No campo da produtividade, os efeitos serão ainda piores, uma vez que a população alemã federal terá que compensar o decréscimo populacional com a contratação de mão-de-obra estrangeira.

Eleições japonesas

Nakasone negocia maioria absoluta

Oito dos 16 representantes independentes japoneses eleitos no escrutínio de ontem integram-se nas fileiras do Partido LIBERAL Democrata (PLD — conservador) do primeiro-ministro Nakasone, assegurando a esta formação a maioria absoluta na câmara dos representantes com 258 lugares.

Falando ontem à tarde numa conferência de imprensa, Nakasone declarou, por outro lado, que continuará à frente do Governo.

Mais quatro deputados independentes anunciaram a sua integração respectivamente no Partido Socialista Japonês, no Partido Komeito de obediência budista, no Partido Democrata Socialista e no Partido Comunista Japonês.

Noticiário em colaboração com as agências ANOP, France Presse, Inter Press Service, Novosti, Prensa Latina

É a seguinte a nova distribuição de lugares na câmara dos representantes: Partido Liberal Democrata — 258 (286 antes da dissolução); Partido Socialista Japonês — 113 (101); Komeito — 50 (34); Partido Democrata Socialista — 39 (31); Partido Comunista Japonês — 27 (29); Clube Neo-Liberal — 8 (10); Partido Social-Democrata Unificado — 3 (3); Independentes — 4 (4).

**ARMÁRIOS
ESTANTES
ROUPEIROS**

**E OUTROS MÓVEIS
EXECUTAMOS TODOS
MODELOS E MEDIDAS**

MÓVEIS JORGE

Avenida Almirante Reis, 35
(junto à Igreja dos Anjos)
Telef. 83 21 61



PAGUE EM 12 MESES

SEM AUMENTO DE PREÇO

M.L. FERREIRA

RUA D. ESTEFÂNIA, 48 - A
AV. DA REPÚBLICA, 54 - B
1000 LISBOA

VILA FRANCA DE XIRA
BAIRRO DE POVOS
A 20 MINUTOS DE LISBOA
PARQUE RESIDENCIAL DO CABO

GRANDE CAMPANHA DE FIM DE ANO

APROVEITE A TABELA ESPECIAL DE REDUÇÃO DE PREÇOS

ANDARES DE 2,3 E 4 ASSOALHADAS COM E SEM ARRECAÇÃO

ANDARES PRONTOS A HABITAR

INFORMAÇÕES - Stand de Vendas no local, todos os dias, incluindo Sábados e Domingos - TEL. 23 54 7



PREDITUR

MEDIADORA DE PROPRIEDADES URBANAS E TURÍSTICAS LDA
Autorizada Oficialmente desde 1972

O BOM FUTURO PARA O NOVO ANO

AV. ELIAS GARCIA, 147 - 5º Dº - 1000 LISBOA Tels. 73 43 50 - 73 43 53 - 73 40 22

Em BUARCOS o **Diário de Lisboa**
vende-se na PAPELARIA SATÉLITE

OURO

TODOS OS OBJECTOS
MESMO DANIFICADOS, CAUTELAS
DE PENHOR, MOEDAS, PRATAS
• COMPRO A P/ PAGAMENTO •
das 10 às 12h. e das 14 às 18h.

Av. Alvarado Reis 173 1º (cinema IMPÉRIO)
VICTOR - telef. 53 82 20

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE OVAR

ANÚNCIO

Pela Segunda Secção e Segundo Juízo da comarca de Ovar na acção com processo ordinário movida por Lusotubo-Indústrias Têxteis Irmãos Rolas, S.A.R.L., com sede em Cortegaça, Ovar, contra M. Tavanês Ld.ª, com os seus legais representantes ausentes em parte incerta com sede conhecida na Rua Capitão Mala, Lote 4532, Quinta do Conde, Coima, comarca de Seixal é esta ré citada para contestar, apresentando a sua defesa em VINTE DIAS, que começa a contar depois de finda a dilação de TRINTA DIAS, contada da segunda e última publicação do presente anúncio, sob a combinação de vir a ser terna por confessados os factos articulados pela autora e consiste em ser devedora da importância de 847 495\$00 mais 21 175\$00 de juros vencidos à taxa legal e os juros vindos à mesma taxa até integral pagamento.

Ovar, 5 de Dezembro de 1983

O Juiz de Direito,

a) Luís Manuel de Vilhêgas Lucena e Vale

O Escrivão de Direito,

a) José da Costa Godinho

D.L. - 20/12/83 - 1.ª Pub.

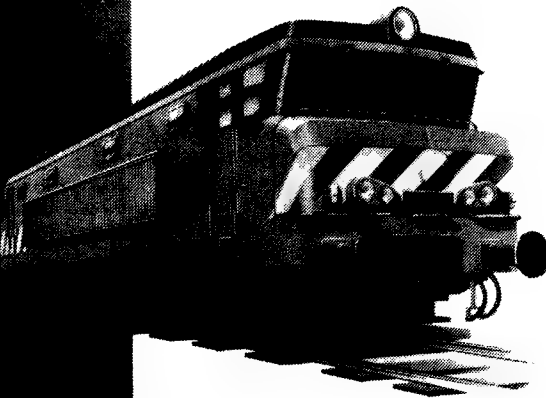
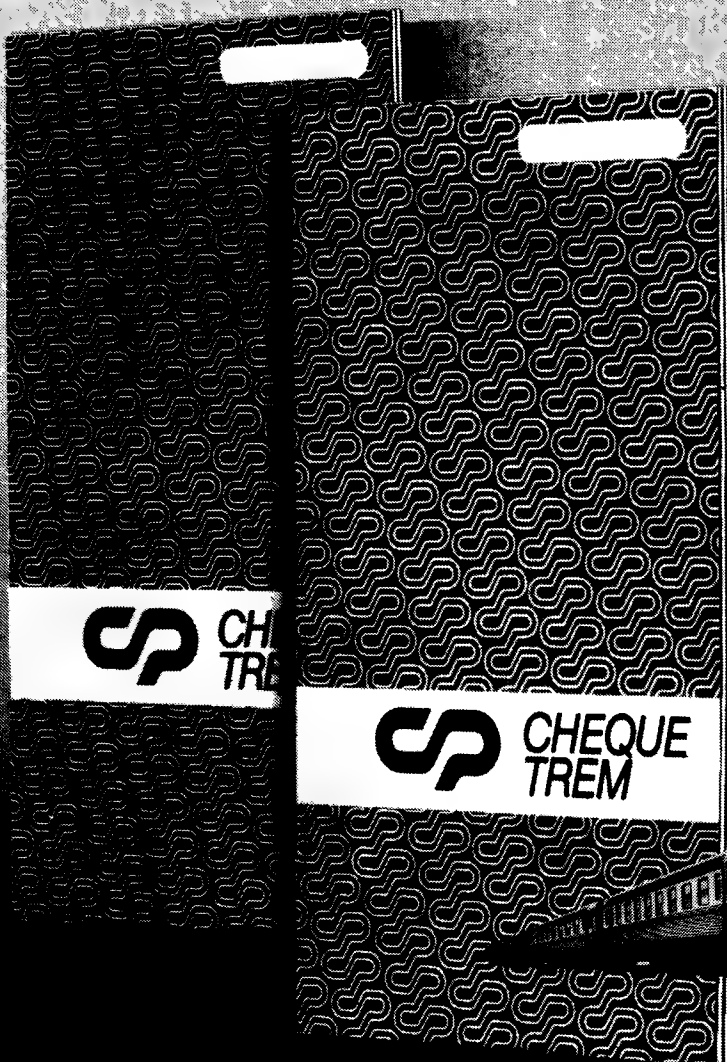
CHEQUE-TREM

Conta aberta na C.P.

O CHEQUE-TREM é um novo meio de pagamento que permite a aquisição sucessiva de serviços ferroviários. Apresenta-se em duas modalidades, nominativos e de Empresa, e com dois valores - 12.500\$00 e 17.500\$00 - beneficiando o comprador de uma redução de 15% no acto da compra. O CHEQUE-TREM é um novo título de transporte, com validade ilimitada, que pode adquirir todos os tipos de bilhetes para 1.ª e 2.ª classes para

comboios normais e rápidos, suplementos, reservas, despacho de automóveis e cobranças em trânsito. Não é válido, no entanto, para comboios transviários, nem nas áreas de utilização do passe social. O CHEQUE-TREM já entrou em circulação e encontra-o em qualquer estação da CP ou nas Agências de Viagens.

15%
de redução
imediata



caminhos de ferro - caminhos de futuro

Envie este cupão para
CP - Caminhos de Ferro Portugueses EP - Departamento Comercial Estação de Sta. Apolónia - 1196 LISBOA CODEX
Queiram enviar-me o folheto «CHEQUE-TREM - Conta Aberta na CP»
Nome _____
Morada _____
Localidade _____ Código Postal _____



Mais promessas de dinheiro do BEI

Duas empresas portuguesas poderão beneficiar no próximo ano empréstimos do Banco Europeu de Investimentos (BEI) no valor de 30 milhões de ECUS (unidade de conta europeia) (cerca de 3,2 milhões de contos) — informou o Gabinete para a Cooperação Económica Externa.

Os financiamentos que serão destinados a projectos da electricidade dos Açores e da Companhia Portuguesa de Locação Financeira Mobiliária (Locapor), inserem-se no prolongamento da ajuda de pré-aviso de Portugal à Comunidade económica europeia (CEE) cabendo a cada uma 15 milhões de ECUS.

As conversações para os financiamentos de projectos da electricidade dos Açores ocorrerão no primeiro trimestre do próximo ano, podendo também a assinatura do contrato ser assinada neste período.

Quanto às conversações para o financiamento do Bei à Locapor, elas devem realizar-se também no primeiro trimestre de 1984, mas a assinatura do contrato só poderá ocorrer no segundo trimestre.

Estas informações foram conhecidas ontem, quando eram assinados três outros importantes contratos de financiamento do BEI, no valor de 8,5 milhões de contos. Beneficiadas foram as empresas EDP, Ana (Aeroportos de Faro e Porto) e Caixa Geral de Depósitos para créditos a projectos industriais.

O ministro Ernâni Lopes, ao discursar no acto da assinatura considerou encorajante esta cooperação com o BEI, cujo Presidente Yves le Portz, se encontra em Lisboa tendo já sido recebido pelo Primeiro-Ministro e o Presidente da República.

Até à entrada na CEE

Portugal e Espanha vão negociar plano intercalar de comércio

As negociações oficiais entre delegações de Espanha e Portugal sobre as relações comerciais entre os dois países começarão no próximo dia 12 de Janeiro — informou a Anop, com base em fontes diplomáticas espanholas.

O objecto destas negociações é a aprovação de um plano intercalar até à entrada dos dois países ou de um deles na CEE que estabeleça as relações comerciais entre os dois países.

Estas relações estão actualmente reguladas pelo «Anexo P» que dentro do acordo Espanha-EFTA estabelece as normas que devem ser seguidas nos intercâmbios comerciais.

Em 1 de Julho de 1984 deveria entrar em vigor a segunda fase do referido «Anexo P» que em princípio deveria abranger o período até 1984.

Na «cimeira luso-espanhola» Portugal propôs que essa fase se transformasse num plano intercalar que contemplasse o período até à entrada dos dois países na CEE e que fosse negociado com esta perspectiva.

De acordo com os acordos da «cimeira», as negociações deveriam ter começado durante o mês de Dezembro, mas em virtude de dificuldades de calendário para as duas partes e do período das festas de Na-

tal, decidiu-se que se iniciassem a partir do dia 12 de Janeiro.

Embora as medidas, a entrar em vigor em Julho de 1984 devêssem estar aprovadas antes de 31 de Dezembro, fontes consultadas pela Anop disseram que «não há maior problema por este atraso».

Empresários em Lisboa

Os empresários e banqueiros espanhóis que, na sequência das decisões da cimeira luso-espanhola, se encontram em Portugal, almoçaram ontem com o Primeiro-Ministro, com quem debateram vários problemas.

Assistiram ao almoço os secretários de Estado do Orçamento e das Finanças, o governador do Banco de Portugal e o presidente do Instituto de Investimento Estrangeiro.

No final, Mário Soares declarou aos jornalistas ter havido durante o almoço um debate das relações bilaterais em que se tinham «aberto portas» para as possibilidades de investimento espanhol em Portugal e de investimentos conjuntos.

«Estudamos ainda — disse o Primeiro-Ministro — projectos de desenvolvimento de interesse comum», sendo também abordadas questões rela-

tivas à CEE.

Alfonso Escamez, presidente do Banco Central de Espanha, enalteceu os resultados da cimeira luso-espanhola, nos quais — disse — se incluía já a visita desta delegação empresarial formada por «empresas e investidores com a maior capacidade de intervenção nas relações económicas bilaterais».

Disse, ainda, que o Primeiro-Ministro português manifestara o desejo de um incremento das relações económicas entre os dois países e que os empresários espanhóis que actualmente visitam Portugal vão aproveitar a vontade política existente para que esse desenvolvimento seja uma realidade.

João Flores, dirigente da Câmara de Comércio e Indústria Hispano-Portuguesa, com sede em Madrid, afirmou que «todos os empresários espanhóis vão conscientes de que há firme vontade do Governo português em projectos concretos que possam desde já abrir caminho a uma intensa cooperação global entre os dois países».

O representante da Câmara de Comércio e Indústria Luso-Espanhola, Mastriani, considerou que se deu o primeiro passo para «a realização concreta a curto prazo de projectos de desenvolvimento comuns».

Em 1983

Produção de azeite reduzida

Um português, o engenheiro agrónomo Francisco José de Almeida, é o novo presidente do Conselho Oleícola Internacional (COI) — soube-se de fonte oficial.

Para vice-presidente foi eleito o marroquino Mohamed Tazi. Francisco José de Almeida, funcionário superior, aposentado, da Estação Agronómica Nacional foi eleito numa reunião agora realizada em Madrid para a nova campanha oleícola 1983/84.

Segundo as estimativas provisórias do COI, que tem sede na capital espanhola, a produção portuguesa de azeite que, na campanha 1982/83 foi de 82 mil toneladas métricas, deverá passar em 1983/84 para, apenas, 21 mil toneladas.

De acordo, ainda, com os dados do COI, Portugal, que foi em 1982/83 o quinto exportador mundial de azeite, consumiu 40,4 mil toneladas. A exportação portuguesa de azeite cifrou-se, na campanha de 1982/83, nas três mil toneladas.

O primeiro exportador, que não é o primeiro produtor mundial, foi, na mesma campanha, a Turquia, seguindo-se a Espanha, na exportação, mas na produção, o primeiro mundial é a Espanha.

Uma queda significativa nas remessas de emigrantes

As remessas dos emigrantes portugueses nos seis primeiros meses deste ano atingiram o equivalente em divisas a 96 205 milhões de contos — informou ontem o Banco de Portugal.

No mesmo período de 1982 as remessas ascenderam a 84 038 milhares de contos, o que significa que se assiste a uma queda significativa nos termos reais, atendendo à desvalorização do escudo e à inflação.

Em 1982, as remessas dos emigrantes foram de 208 380 milhares de contos, contra 175 126 milhares em 1981.

40 mil contos para o Pico

O plano de investimentos para 1984 do mais pequeno município português — o da ilha açoriana do Corvo — atinge os 40 milhões de escudos — informou ontem uma fonte municipal.

O plano, referiu a mesma fonte, prevê obras de beneficiação nos portos locais, abertura de novos caminhos de penetração e melhoria dos serviços eléctricos.

A ilha do Corvo, com 17 quilómetros quadrados de superfície, tem uma população de 380 habitantes.

Empréstimo do Lloyds Bank para estaleiros de Viana

O Lloyds Bank britânico anunciou que acaba de conceder um empréstimo de 4 674 000 libras aos Estaleiros Navais de Viana do Castelo para a aquisição, na Grã-Bretanha, do equipamento de quatro navios de cabotagem que ali vão ser construídos.

O material é fornecido pela firma britânica Cunlogan de Newcastle.

Previsões de Cavaco Silva

Desemprego e recessão no horizonte

O ministro das Finanças, de Sá Carneiro, Cavaco Silva, considerou ontem que com o Orçamento de Estado para 1984 parece provável que a economia portuguesa se encaminhe para uma profunda recessão com agravamento substancial do desemprego.

Falando na Associação Portuguesa de Economistas (APEEC), o antigo ministro das Finanças afirmou que em matéria orçamental «é grande a atracção dos governos pelo critério de facilidade», o que na gestão pública significa fazer cortes nas despesas de investimento, apesar de ser precisamente aí que económica e socialmente são menos justificadas as reduções.

Cavaco Silva assinalou que era bastante difícil atingir o objectivo do défice do sector público administrativo para 1984 constante da carta de intenções negociada com o FMI.

«Hoje há razões para nos interrogarmos sobre se esse objectivo não será excessivo e se não será economicamente inadequado face ao desenvolvimento da economia portuguesa», comentou. Adiantou que é de esperar que se mantenha a tendência actual de declínio da actividade económica, talvez mais acentuadamente do que o consumo.

Cavaco Silva acentuou que o Orçamento para 1984 aponta para uma queda de 20 por cento das despesas públicas em termos reais.

Criticou o sistema fiscal português que disse precisar de «uma reforma profunda e urgente».

O ministro das Finanças e Plano do Sexto Governo afirmou que desde 1974 a prática preferida das autoridades em matéria fiscal tem sido de ajustamentos pontuais, muitas vezes de sentido contrário ao aconselhado pelos

princípios que devem informar a política fiscal.

Afirmou que o imposto retroactivo de 2,8 por cento sobre os rendimentos de trabalho «deve ser o imposto mais inequitativo lançado em Portugal nos últimos 50 anos», sendo «altamente regressivo», e lança uma carga muito elevada sobre os indivíduos de mais baixo rendimento para quem «implica uma redução drástica e imediata do consumo».

Cavaco Silva abordou longamente o significado e consequências do défice orçamental, salientando que ele só tem significado se no seu cálculo entrarem todas as receitas e despesas e os seus critérios forem constantes.

Adiantou que é difícil conhecer o défice real, ou pela não inclusão de certas despesas nas contas públicas ou por adiamento no pagamento de outras ou por antecipação de cobrança de receitas.

Philips controla a Grundig a partir de 1 de Abril

O velho Max Grundig vai para a reforma com 7,2 milhões de contos

No dia 1 de Abril de 1984, quando Max Grundig — fundador da sociedade alemã — se reformar, o grupo holandês Philips assumirá o controlo da importante fabricante alemã ocidental de electrónica dos tempos livres, confirmou em Fuerth (RFA), o porta-voz da Grundig, Karl-Heinz Schmidt.

Será criada uma nova sociedade em comandita simples, denominada «EMV» (Elektro-Mechanische Versuchsanstalt Mac Grundig CO KG) para controlar a sociedade Grundig AG. A fundação Max Grundig, que

controlava até agora esta última, participará na «EMV». Max Grundig que tem 75 anos, será porém o Presidente do Conselho de Vigilância da Grundig AG, por poder, segundo o porta-voz, fazer com que a sua experiência seja útil à sociedade que ele criou há quarenta anos.

Nos meios industriais indicase que a Philips se aliou a um consórcio de bancos europeus para poder realizar esta operação.

Indica-se também que além do preço da transacção Max Grundig recebe em dinheiro 150 mi-

lhões de DM (7,2 milhões de contos) a título de conselheiro. A sua família receberá durante 25 anos um dividendo garantido.

Os elos entre os dois grupos já eram muito estreitos. Contra os 24,5 por cento que a Philips possui actualmente no seu capital, a Grundig possui 6 por cento das acções do grupo holandês e fornece-lhe anualmente o equivalente de 300 milhões de marcos de componentes electrónicos. No domínio dos magnetoscópios, os dois grupos criaram o sistema «video 2000».

INDÚSTRIA DO CIMENTO

PRODUÇÕES E SAÍDAS PARA O MERCADO INTERNO

NOVEMBRO DE 1983

	VALORES PARCIAIS			VALORES ACUMULADOS		
	TONELADAS		Variação 83/82 (%)	TONELADAS		Variação 83/82 (%)
	1983	1982		1983	1982	
	PRODUÇÕES					
1.º Trimestre	1509189	1500764	+ 0,6	1509189	1500764	+ 0,6
2.º Trimestre	1558975	1616698	- 3,6	3068164	3117462	- 1,6
3.º Trimestre	1629237	1385230	+ 17,6	4697401	4502693	+ 4,3
Outubro.....	529932	387512	+ 36,7	5227333	4890204	+ 6,9
Novembro	425019	511188	- 16,8	5652352	5401392	+ 4,6
	CONSUMO INTERNO					
1.º Trimestre	1588939	1600477	- 0,7	1588939	1600477	- 0,7
2.º Trimestre	1624776	1724615	- 5,8	3213715	3325092	- 3,3
3.º Trimestre	1702474	1524694	+ 11,7	4916189	4849786	+ 1,4
Outubro.....	504579	406363	+ 24,2	5420768	5256149	+ 3,1
Novembro	463000	608070	- 23,8	5883768	5864219	+ 0,3

NOTAS:

PRODUÇÕES — Em Novembro, a produção de cimento foi inferior em 16,8% à verificada no mesmo mês do ano anterior. Para a quebra de produção verificada contribuíram essencialmente as fortes chuvas de meados de Novembro. Em valores acumulados, desde o início do ano, verifica-se um acréscimo de 4,6% em relação a igual período de 1982.

CONSUMO INTERNO — Como reflexo das fortes chuvas verificadas no mês de Novembro as saídas de cimento para o mercado interno foram inferiores em 23,8% às verificadas no mesmo mês do ano anterior. Em valores acumulados, desde o início do ano, verifica-se um acréscimo de 0,3% em relação a igual período de 1982.

IMPORTAÇÃO — 220728 toneladas (valor acumulado do ano).

EXPORTAÇÃO — 1571 toneladas (valor acumulado do ano).

Estes valores incluem as produções e as saídas para o mercado interno das empresas:

CIMPOR — Cimentos de Portugal, E. P.

SÉCIL — Companhia Geral de Cal e Cimento, S. A. R. L.

E. I. I. — Entrepósito Industrial das Ilhas, S. A. R. L.

e englobam todos os tipos de cimento.



FÁBRICA NACIONAL DE AR CONDICIONADO, U.C.R.L.

CONVOCATÓRIA

Nos termos do artigo 44.º do Código Cooperativo, convoco a Assembleia Geral Ordinária de delegados da F.N.A.C. — Fábrica Nacional de Ar Condicionado, U.C.R.L., para reunir no dia 31/12/83, às 8 horas, na sua sede social, em Carnaxide, Estrada da Outorela, Lotes 20 e 21 com a seguinte ordem de trabalhos:

- 1) Discussão e votação do Plano e Orçamento para 1984
- 2) Discussão e votação da tabela salarial para 1984
- 3) Relações Comerciais — Exportação
- 4) Todos os assuntos de interesse da vida da União.

Lisboa, 16 de Dezembro de 1983

P'la Assembleia Delegados
FERNANDO QUIRINO CALADO DE BRITO

T e P Clima

COOPERATIVA DE TÉCNICA E PROJECTOS DE INDÚSTRIAS TÉRMICAS, C.R.L.

CONVOCATÓRIA

Nos termos do artigo 44.º do Código Cooperativo, convoco a Assembleia Geral Ordinária para reunir no dia 31/12/83, às 9 horas, na sua sede social, em Lisboa, na Rua do Arco do Carvalhão n.º 235 C, com a seguinte ordem de trabalhos:

- 1) Admissão de novos sócios
- 2) Discussão e votação do Plano e Orçamento para 1984
- 3) Discussão e votação da tabela salarial para 1984
- 4) Acções de formação: Técnica/Profissional e Cooperativa
- 5) Constituição da Comissão eleitoral para o triénio de 1984-1986
- 6) Marcação da data para eleições dos corpos sociais e do Conselho Consultivo relativo ao triénio de 1984 a 1986
- 7) Todos os assuntos de interesse da vida da Cooperativa

Lisboa, 16 de Dezembro de 1983

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
FERNANDO QUIRINO CALADO DE BRITO

T e P Clima

AR CONDICIONADO, C.R.L.

CONVOCATÓRIA

Nos termos do artigo 44.º do Código Cooperativo, convoco a Assembleia Geral Ordinária para reunir no dia 31/12/83, às 10 horas, na sua sede social em Lisboa, na Rua do Arco do Carvalhão n.º 282 C, com a seguinte ordem de trabalhos:

- 1) Admissão de novos sócios
- 2) Discussão e votação do Plano e Orçamento para 1984
- 3) Todos os assuntos de interesse da vida da Cooperativa

Lisboa, 16 de Dezembro de 1983

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
FERNANDO QUIRINO CALADO DE BRITO

T e P Clima

REFRIGERAÇÃO, C.R.L.

CONVOCATÓRIA

Nos termos do artigo 44.º do Código Cooperativo, convoco a Assembleia Geral Ordinária para reunir no dia 31/12/83, às 11 horas, na sua sede social, em Lisboa, na Rua do Arco do Carvalhão n.º 282 C com a seguinte ordem de trabalhos:

- 1) Admissão de novos sócios
- 2) Discussão e votação do Plano e Orçamento para 1984
- 3) Todos os assuntos de interesse da vida da Cooperativa

Lisboa, 16 de Dezembro de 1983

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
FERNANDO QUIRINO CALADO DE BRITO

DESPORTO

Renault Portuguesa na competição

Equipa "Renault-GALP" participará no Campeonato Nacional de Rallyes

A Renault Portuguesa apresentou no final desta semana, em Lisboa e no Porto, a «Equipa Renault-Galp» que participará no Campeonato Nacional de Rallyes de 1984. Para já haverá apenas um carro em prova — u Renault 5 Turbo «Tour de Corse» — tendo como piloto Joaquim Moutinho e co-piloto Edgard Fortes, dois nomes bem conhecidos do automobilismo português, qualquer deles detentor de um vasto palmarés desportivo.

A oportunidade serviu também para mostrar aos representantes dos órgãos de comunicação social o Serviço de Promoção Desportiva e Competição daquela marca francesa, que ficará integrado na Direcção de Comunicação e Relações Públicas, sob a responsabilidade de Ana Margarida Maia de Loureiro.

Explicando as razões do envolvimento directo da marca na competição automóvel, que já existe há muitos anos em França mas nunca tinha acontecido em Portugal, a responsável pelas Relações Exteriores da Renault afirmaria que «tendo dado prioridade aos compromissos assumidos com o Governo português e agora que estão cumpridos — alguns, como todos sabem, foram mesmo antecipados, outros ultrapassados — a Renault Portuguesa não pode continuar a ser a grande ausente na competição em Portugal».

Estruturado em tempo «record», o Serviço de Promoção Desportiva e Competição está dotado com instalações próprias situadas na Avenida Infante D. Henrique e de uma completa equipa técnica e de apoio.

A assistência às provas contará com dois furgons Renault



Joaquim Moutinho (à direita) e Eduardo Fortes respectivamente piloto e co-piloto da equipa Renault-Galp

Traffic, um furgão oficina Renault SG2, um carro oficial de acompanhamento de provas e um muleto (carro de treino) Renault 5 Turbo Cevennes (200 Cv) este pertencente a Joaquim Moutinho.

A GALP é o patrocinador principal, pelo que a equipa tem a designação de «Equipa Renault-Galp».

O Renault 5 Turbo «Tour de Corse» dispõe de um motor de 1397 cc, com cerca de 300 Cv, com injeção mecânica contínua e turbo-compressor «Garret».

O mesmo carro pode utilizar um outro motor com 265 Cv quando se trata de provas em asfalto.

A suspensão é independente, com triângulos sobrepostos e conjunto mola/amortecedor «Bilstein» de duplo efeito.

Estão previstos três tipos de combinação da suspensão, conforme se trate de pisos em asfalto, misto ou terra com mau piso.

Nos pisos de terra o «Tour de Corse» que veremos nas provas

do próximo ano, utilizará jantes «Minilite» 135x390 à frente e 150 ou 180x390 atrás, com pneus Michelin TRX, com pisos e misturas dos tipos J1, J2, M1 e M5.

Na apresentação da equipa estiveram presentes os principais responsáveis da Renault, designadamente o presidente do conselho de administração, eng. Vistulo de Abreu e o administrador-delegado, Louis Brun, o arquitecto Jorge Araújo, da GALP e outros convidados.

TRIBUNAL JUDICIAL DE SEIXAL

ANÚNCIO

São citados os credores desconhecidos que gozem de garantia real sobre os bens penhorados aos executados para reclamarem o pagamento dos respectivos créditos, pelo produto de tais bens, no prazo de dez dias, depois de decorrida a dilação de vinte dias, que se começará a contar da 2.ª e última publicação do anúncio.

Execução sumária n.º 538/83, 3.ª secção.

Exequentes — Portugal Previdente, Companhia de Seguros, S.A.R.L.
Executado — Januário Afonso Coelho, residente na Rua 1.ª de Maio, 382-B, Cruz de Pau, no Seixal.

Seixal, 23 de Novembro de 1983.

O JUIZ DE DIREITO,
a) José Eduardo Luís Manso
O ESCRIVÃO DE DIREITO,
b) Manuel Esteves Jácome

«DL» — 20/12/83 — 2.ª Publicação

Comarca do 5.º JUÍZO CÍVEL DE LISBOA

ANÚNCIO Para citação de credores desconhecidos

Pelo Juízo de Direito desta Comarca, 3.ª secção, correm editos de vinte dias, contados da segunda e última publicação deste anúncio, citando os credores desconhecidos da executada COOPERATIVA PROGRESSO UNIÃO AMORENSE, S.C.A.R.L. com

sede no Largo da Rosinha — Amora — Seixal, para no prazo de dez dias, posterior àquele dos editos, deduzirem os seus direitos na execução movida por SOCIEDADE DE REPRESENTAÇÕES FERNANDO S. AMARANTE, Lda, com sede em Lisboa, desde que gozem de garantia real sobre os bens penhorados (uma arca frigorífica e um frigorífico).

Lisboa, 9 de Dezembro de 1983

O Juiz de Direito,
Eduardo Nunes da Silva Baptista

O Escrivão,
José Luís Martins da Silva

D.L. — 20/12/83 — 1.ª Pub.

NATURA

FOI POSTO À VENDA O N.º 350 REFERENTE A NOVEMBRO

Se deseja evitar a doença e curar-vos dos vossos males, pelos meios puramente naturais, assinai já esta utilíssima revista de Higiene Geral e Alimentar de Saúde e Cultura Integral, podendo estar certos de que pelos ensinamentos recuperareis mais bem-estar e alegria de viver.

Director e Proprietário: **DR. INDIVIERO COLUCCI**

DO SUMÁRIO DESTACAMOS OS SEGUINTE ARTIGOS:

- 1 — Nem alopatia, nem homeopatia mas, sim, Terapêutica Natural.
- 2 — Medicina Natural Utopia ou possível futura realidade?
- 3 — Honroso Convite da Faculdade de Medicina de Paris, para o Dr. Colucci.
- 4 — Caderno de Aportamentos.
- 5 — Medicina e Escola Naturópatas.
- 6 — Cigarro desgraça de milhões.
- 7 — Podemos viver sem carne?
- 8 — O Tabaco e a Diabetes.
- 9 — Os malefícios da Aspirina.
- 10 — Como Emagrecer sem Perigo.
- 11 — Caspa e queda de cabelo.
- 12 — Frutos Agrícolas têm efeitos medicinais. As virtudes da Laranja e do Limão.
- 13 — Uma Dieta Saudável e Equilibrada, etc. etc.

TODOS OS PEDIDOS DEVEM SER DIRIGIDOS A ESTA ADMINISTRAÇÃO

RUA ANTERO DE QUENTAL, 35-1.º (ao Intendente)

Telefone 55 64 98

Assinatura anual: 400\$00 • Semestral: 250\$00

Estrangeiro: 750\$00 • Avulso: 40\$00



MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA

Direcção-Geral de Energia

EDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.º e nas Secretarias das Câmaras Municipais dos Concelhos de Albufeira, Loulé e Faro, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes editos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal-EDP, Direcção de Distribuição Sul, a que se refere o processo n.º 1/2260, arquivo 3861, para o estabelecimento na freguesia e concelho de Albufeira, nas freguesias de Almansal, Boliqueime e Quarteira, concelho de Loulé e freguesias da Conceição, Faro (S. Pedro) e Faro (Sé), concelho de Faro, de uma linha aérea dupla a 60 Kv, com 34 279 metros, da SE 60-30 Albufeira à SE 60-25 Faro (Torre) — LI 60-56 Albufeira-Faro (Torre).

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser apresentadas na referida Direcção de Fiscalização Eléctrica, ou nas Secretarias daquelas Câmaras Municipais, dentro do citado prazo.

Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, em 28 de Novembro de 1983.

O Engenheiro Director,
João Carlos Oudinot Larcher Nunes

DESPORTO

Mitos e símbolos

A dimensão educativa e cultural do Desporto

Manuel Sérgio

AO tratar do tema «a dimensão educativa e cultural do Desporto», há uma pergunta prévia a levantar: que se pretende fazer do homem, através da prática desportiva? Um sujeito? Um objecto? Um robot? Um ser livre e libertador? É esta pergunta que, nas épocas de crise, como a nossa, se torna árduo e difícil responder.

Se entendermos por **educação**, não o simples processo da didáctica escolar mas, em sentido mais lato, toda a aquisição, transmissão, renovação e criação de ideias, de comportamentos, de formas e de símbolos expressivos; em suma, se entendermos a educação como o reflexo e o projecto de uma cultura — a pergunta inicial surge-nos sempre intrínseca e incómoda.

Que espécie de homem queremos nós? Um homem comodista, tradicional, instintivo? Um homem empenhado, criativo e crítico? É que a educação como ciência pode importar-se tão-só com o método desprezando o conteúdo propriamente dito. Há quem se preocupe em fornecer uma congénie enorme de conhecimentos e dados, sem levar em suficiente linha de conta, nem a sua compreensão em profundidade, nem a sua integração numa totalidade mais vasta.

A **ciência** só não basta como fundamento da educação, se lhe falta a **consciência**. As duas unidas poderão constituir o magnífico par de asas com que o homem conseguirá erguer-se, bem acima de uma vida vivida ao nível do vegetativo e do rasteiro.

Mas onde ir procurar essa consciência surge, habitualmente, indispensável à edificação do homem novo? A Consciência como o resultado de uma aprendizagem, de um exercício, de um treino. E aqui a prática desportiva pode desempenhar, proporcionando saúde e aptidão, solidariedade e festa, recreação e jogo, capacidade de superar as limitações próprias e os obstáculos alheios.

É de intencionalidades, de objectivos e de fins, claros e precisos, que o homem de hoje necessita. Pelo menos, tanto como de instrumentos e de meios. O desporto há-de surgir como a concretização dos valores que tornam mais humana e fraterna a vida individual e social. A experiência do corpo, o movimento intencional e vivido, a coragem diante dos obstáculos, a procura da **performance**, a competição como diálogo — devem **reflectir** técnicas e valores e ao mesmo tempo **projectar** essas técnicas e valores, abertas todas as adaptações, correcções e supressões que o futuro necessariamente exige. Dumazedier assinala que o desporto pode apresentar-se como profissão, como educação e como lazer. Em qualquer destas manifestações desportivas o desporto deve ser **educação e cultura**... para que se transforme em **poder**, isto é, para que possa influir e agir, no sentido da transformação da Sociedade e da História.

Campeonatos açorianos

O Sport Praiense consolidou a sua posição de guia do campeonato da Terceira de futebol, quando se encontra já concluída a primeira volta da prova:

Resultados da sétima jornada: Marítimo-Angrense, 2-0; Leões-Vilanovense, 2-1; Praiense - Marítimo S. Mateus, 3-1; Barreiro - União, 1-1.

Classificação após a primeira volta: Praiense, 11 pontos, União, 9, Angrense, 7, Marítimo, Vilanovense, Marítimo S. Mateus e Leões, 6 e Barreiro 5 pontos.

★ ★ ★

Apesar de derrotado, no domingo, o Fayal Sport prossegue em primeiro lugar na classificação do campeonato do Faial. Resultados da sétima jornada da prova: Atlético-Flamengos, 1-1; Sporting - Fayal Sport, 2-1.

Classificação após a jornada: Fayal Sport, 7 pontos, Atlético e Flamengos, 6, Sporting, 5 e Sã-lão, 4 pontos.

★ ★ ★

O Madalena ascendeu, no fim-de-semana, ao primeiro lugar da classificação do campeonato do Pico, após a terceira jornada.

Resultados dos jogos do fim-de-semana: Boavista - Vitória, 2-0; Lajense - Madalena, 2-5;

Classificação após a jornada: Madalena, 4 pontos, Boavista, Operário e Lajense, 2 e Vitória, zero pontos.

★ ★ ★

O União Micaelense, ao ceder um empate na oitava jornada do

campeonato de S. Miguel de futebol da primeira divisão, foi alcançado no primeiro lugar pelo Águia dos Arrifes.

Resultados dos jogos efectuados no fim-de-semana: Oliveirense - Águia, 1-3; União Micaelense - Capelense, 0-0; Desportivo Vila Franca - Operário, 1-4; Sporting Ideal - Micaelense, 2-0.

Classificação actual: União Micaelense e Águia 13 pontos, Sporting Ideal, 11, Operário, 10, Oliveirense, 5, Micaelense, Desportivo de Vila Franca e Capelense, 4 pontos.

★ ★ ★

O Sporting de Guadalupe venceu domingo, por 2-1, o Graciosa, em jogo da segunda jornada do torneio de apuramento do representante da Ilha Graciosa à Taça Açores de futebol. Guadalupe e Graciosa comandam a competição, ambos com dois pontos.

★ ★ ★

O Atlético ascendeu domingo ao primeiro lugar da classificação do campeonato de S. Miguel de futebol da segunda divisão. Resultados da oitava jornada: Mira Mar - União Sportiva, 3-0; Vasco da Gama - Desportivo S. Roque, 3-1; Atlético - Vale Formoso, 7-0; União de Nordeste - Ribeirinha, 1-0.

Classificação actual: Atlético, 11 pontos; Marítimo e Mira Mar, 10, União de Nordeste e Ribeirinha, 9, Vasco da Gama, e Vale Formoso, 5, Desportivo de S. Roque e União Sportiva, 1.

Futebol em balanço de férias

Com o Benfica isolado no primeiro lugar, a dois pontos do Porto, o campeonato português de futebol da primeira divisão chegou à décima segunda jornada, entrando novamente de férias.

É precisamente para aproveitar tal interregno, motivado pelo Natal e por mais uma eliminação da Taça de Portugal, que vamos fazer o balanço das 12 jornadas já realizadas a poderem, em certos casos, fazer luz quanto ao que espera a alguns concorrentes nesta caminhada de 30 partidas a representarem dois mil e setecentos minutos sob chuvas torrenciais, frio e calor.

Começando pelo final da tabela, encontramos um Espinho a dar a sensação de condenado, pese embora algumas positivas exhibições, caso da última, frente ao Benfica.

Cinco golos metidos é francamente mau, pese embora no que concerne aos sofridos, 18, não haver muito a criticar dado que conjuntos bem mais credenciados poucos menos sofreram.

Com apenas mais um ponto encontram-se duas equipas já habituadas à primeira divisão, Penafiel e Estoril, especialmente este, tendo ambas metido seis golos, e sofrido 26 os penafielenses, e 20 o Estoril.

Situação preocupante, especialmente se recordarmos estarem já a três pontos do Salgueiros, a primeira das equipas situadas acima dos quatro últimos lugares.

Quase na mesma ingrata posição encontra-se o Águia, go-

leado domingo em Alvalade, mas sem ter sofrido golos na segunda parte, a turma que completa o quarteto dos últimos terá de rever o seu programa durante esta paragem a fim de se inteirar, convenientemente, dos motivos da sua posição e da forma de dela sair.

Vai com nove pontos o Salgueiros, a equipa que mais joga com o coração neste campeonato, como aliás lhe é tradicional, a qual sabe que também tem de cuidar da vida pois a zona de despromoção ainda não deixou de perseguir os benfiquistas do Norte.

Na próxima jornada vai a Penafiel, um jogo do seu campeonato e que bem lhe pode proporcionar, caso vença, o princípio da fuga, isto apesar de poucos acreditarem que os da casa percam a oportunidade de se aproximarem da fuga à despromoção.

Um trio com dez pontos vem a seguir, composto por Farense, Varzim e Setúbal, o grupo que, segundo tudo o indica, não pensa na despromoção nem na Europa.

De todos, o menos bom parece ser o de José Torres, não por lhe faltar bom padrão de futebol, tal como aos seus dois acompanhantes, mas por ser menos realizador do que estes, apenas com oito golos marcados para 11 sofridos.

Do Portimonense e Boavista, ambos com 12 pontos, até ao Guimarães, com 15, passando pelo Braga, com 13, e Rio Ave, com 14, encontra-se o «exérci-

to» que quer conquistar a Europa.

Qual deles o virá a conseguir, difícil será prognosticar com 18 jornadas por cumprir.

Tem neste momento vantagem pontual a equipa de Guimarães, mas esta poder-se-á diluir já na próxima jornada, a número 13 ainda por cima..., recordando que os vimeiraneses vão à Luz, jogo difícil, enquanto os de Vila do Conde se deslocam às Antas e o Braga recebe o Sporting.

Uma coisa para estas equipas é certa, a de não correrem grande perigo quanto à descida, podendo por isso estarem descansadas, e ainda lhe poder sair um prémio chamado Europa.

Finalmente os «três grandes», todos eles certos de que estarão presentes numa das provas da UEFA, apenas residindo a dúvida sobre qual se apresentará na Taça dos Clubes Europeus.

Neste momento, o Benfica vai bem encaminhado, com a sua vantagem de dois pontos, a representar três dada a vitória na Luz, sobre o Porto, e nada menos de cinco sobre o Sporting.

É certo que tudo se pode modificar, mas será difícil, até porque não somos nós a fazer a figura da onça, a pretender que todos vão ganhar e que o Benfica perca, isto porque não nos parece tal hipótese muito de aceitar.

Daí o pensarmos que no final do campeonato, mais pontos menos ponto, a posição das três equipas será exactamente igual à actual.

Finalmente, algumas curiosidades deste campeonato português de futebol da primeira divisão.

Até agora disputaram-se 96 jogos, correspondentes a 144 horas. Marcaram-se 227 golos, tendo a jornada oito sido a mais produtiva com 35 e a número dois, com dez golos, aquela em que os guarda-redes foram menos vezes ao fundo das balizas.

A média geral de golos por jornada foi de 18,9, cabendo ao Benfica, com 30 golos, a média mais elevada, exactamente 2,5.

No que concerne a golos sofridos, caminha isolado o Futebol Clube do Porto, com apenas um golo sofrido, frente ao Benfica, da autoria de Diamantino.

A equipa que mais golos sofreu foi o Penafiel, com 26.

Uma nota extra-campeonato, também com o seu interesse, é o facto de Beto, e consequentemente o Porto, apenas terem sofrido na presente temporada três golos, todos eles marcados por futebolistas do Benfica, sendo o primeiro a contar para o campeonato, na Luz, por Diamantino, o segundo por Carlos Manuel, nas Antas, que deu aos encarnados a Taça de Portugal, e o último por Manniche, na Luz em jogo da Supertaça.

O campeonato recomeça dia 7 de Janeiro, sábado com os jogos: Benfica - Guimarães, Porto - Rio Ave, Braga - Sporting, Varzim - Boavista, Águia - Portimonense, Estoril - Setúbal, Farense - Espinho e Penafiel - Salgueiros.

Placard

Terceira divisão: Moitense, 1-Torraltal, 0

O Moitense bateu o Torraltal por 1-0, em jogo a contar para o campeonato português da terceira divisão, série F, adiado domingo devido ao mau tempo.

O golo da vitória dos moitenses foi alcançado por México aos 29 minutos de grande penalidade.

Apesar desta derrota o Torraltal não perdeu o primeiro lugar, ficando com a companhia do Campinense com 19 pontos.

Junior do Vitória na primeira equipa

Alberto, extremo esquerdo dos juniores do Vitória de Setúbal vai ser lançado na primeira categoria no encontro da Taça de Portugal contra o Gil Vicente — disse à ANOP o técnico Manuel Oliveira.

Este é o terceiro junior, formado no clube sadino, que esta época passa a integrar o plantel principal do Vitória.

Os outros dois foram Hernâni e Teixeira.

O técnico setubalense referiu que «Alberto não fica a dever absolutamente nada a Jorge Plácido, quer na parte técnica, quer na forma de caminhar para a baliza e para o golo».

Esqui alpino

Foi a seguinte, a classificação do supergigante de Val Gardena, a contar para a Taça do Mundo masculina de esqui alpino:

1.º Pirmin Zurbiggen (Sui) — 1' 35" 33; 2.º Martin Hangl (Sui) — 1' 35" 76; 3.º Leonhard Stock (Aus) — 1' 36" 63; 4.º Hans Enn (Aus) — 1' 36" 72; 5.º Guido Hinterseer (Aus) — 1' 36" 79.

Após esta prova, são as seguintes as classificações gerais: Taça do Mundo — geral: 1.º Pirmin Zurbiggen (Sui) — 97 pts; 2.º Franz Heinzer (Sui) — 87; 3.º Urs Raebler (Sui) — 58; 4.º Andreas Wenzel (Lie) — 53; 5.º Todd Brooker (Can) — 50.

Taça do Mundo de «slalom» gigante — geral

1.º Pirmin Zurbiggen (Sui) — 65 pts; 2.º Hans Enn (Aus) — 49.

MICROSEPIO

Futebol brasileiro

Fluminense e Corinthians empataram domingo 2-2 no clássico do futebol que anualmente reúne os vencedores dos campeonatos estaduais do Rio de Janeiro e São Paulo.

Pugilista do ano

O americano Marvin Hagler, campeão do mundo dos médios, foi designado «pugilista do ano» pela WBA, por haver defendido vitoriosamente o seu título, em três vezes em 1983.

Depois de anunciar esta distinção, o venezuelano Gilberto Mendonza, presidente da WBA, precisou que o encontro Hagler-Duran em Novembro passado em Las Vegas, tinha sido qualificado de combate do ano.

Por outro lado, Mendonza revelou oficialmente que a sede da WBA será transferida de Caracas para o Panamá.

Futebol: adeptos condenados

Três adeptos do campeão da RFA de futebol, o Hamburgo SV, implicados na morte de um adolescente de 16 anos, apoiante do Werder de Breme, foram condenados pelo Tribunal de Hamburgo a penas de prisão ou a trabalho social compulsivo.

Em 16 de Outubro de 1982, durante um desafio da Taça entre os dois clubes do norte da RFA, Hamburgo e Breme, violentos confrontos opuseram fâs das duas equipas. O jovem Adrian Maleika foi atingido por uma pedrada na cabeça e morreu no dia seguinte em consequência do ferimento.

Uma história de sapatos

Os atletas que participem nos próximos Jogos Olímpicos de Los Angeles estão proibidos de mudar de marca de sapatos à

medida que se aproximem das finais — anunciou a Federação Internacional de Atletismo.

No termo de uma reunião da FIA em Manila Filipinas, um porta-voz da Federação justificou esta medida.

Trata-se de impedir que as firmas ofereçam dinheiro aos atletas qualificados para meias-finais e finais em troca da utilização de uma determinada marca de sapatos nas provas decisivas do atletismo olímpico.

Campeão da Colombia

O América, de Cali, sagrou-se campeão de futebol da Colombia.

Na última jornada do campeonato, o clube América empatou a um golo com o milionários.

Na segunda posição final da tabela situou-se o Atlético Junior, de Barrquilla, que assim também poderá tomar parte na próxima Taça dos Libertadores da América.

Festa de Natal da DGD

O secretário de Estado dos Desportos, Miranda Calha, deslocou-se esta tarde ao Centro de Estágio da Cruz-Quebrada, a fim de participar na Festa de Natal dos filhos dos funcionários da Direcção-Geral dos Desportos.

Animação para crianças e a habitual entrega de presentes completaram esta jornada de convívio dos Serviços Centrais da DGD, realizando-se nas delegações distritais reuniões semelhantes, em datas a anunciar pelos responsáveis das mesmas.

O secretário de Estado dos Desportos foi acompanhado por todos os elementos do seu gabinete.

TOTO BOLA

Os prémios do concurso número 48 do Totobola foram repartidos por mais de cem mil concorrentes — segundo o apuramento final do escrutínio divulgado pelas Apóstas Mútuas Desportivas.

Os totalistas foram 8764, cabendo a cada um 2.661 escudos.

Com 12 resultados certos foram apuradas 100 737 apostas, o que equivale a 323 escudos para cada.

Totalista em Espanha

Apenas trinta pesetas (25 es-

cudos) permitiram a um anónimo de Valência ganhar mais de sessenta milhões de pesetas (51 mil contos) no totobola espanhol.

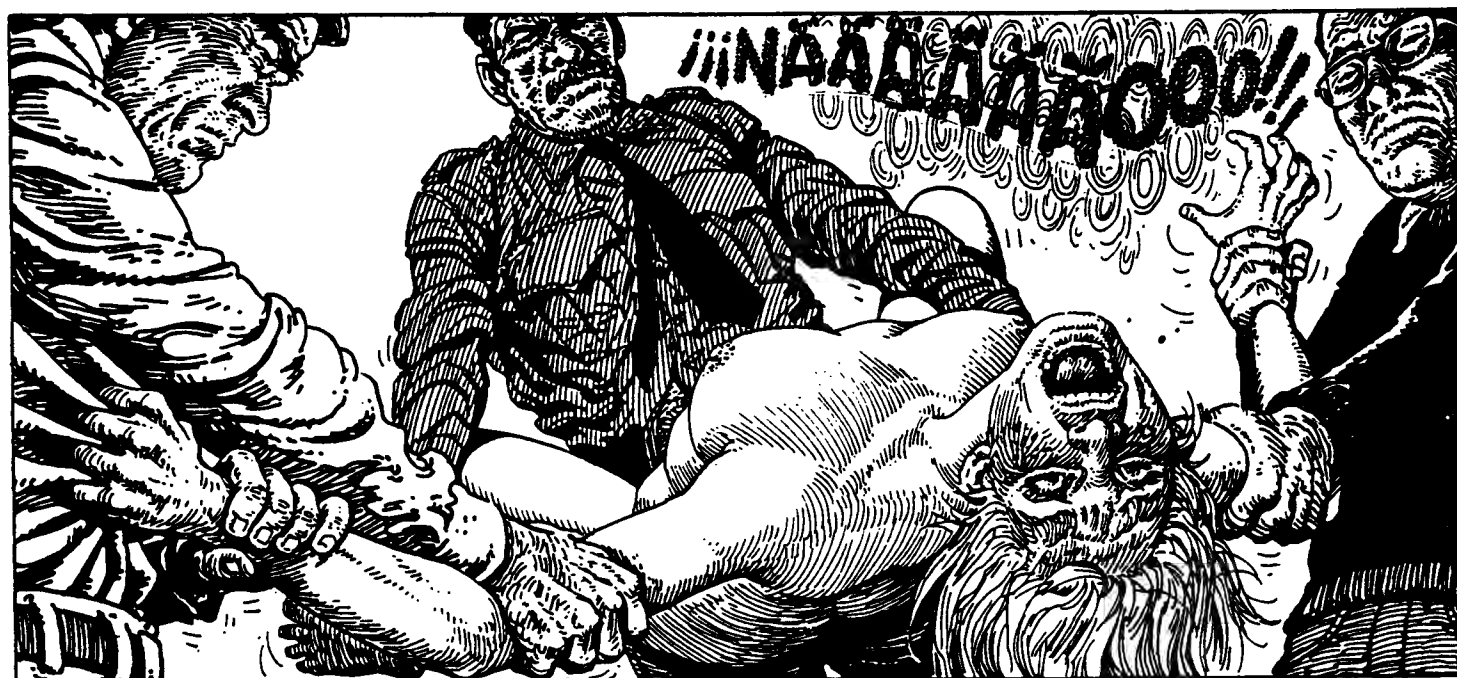
O totalista limitou-se a preencher duas colunas e dada a quantidade de empates e vitórias fora de casa que indicou poderá ter preenchido o boletim «às cegas» ou então não percebe nada de futebol — dizem os entendidos.

Exactamente porque os resultados da última jornada foram anormais só houve uma pessoa com os catorze prognósticos certos.

ANA

TEXTO: G. Solano
DESENHO: F. Solano

5



Continua

em duas palavras

Personalidades açorianas
contra armas nucleares

Um grupo de personalidades açorianas subcreveu um documento contra as armas nucleares, a entregar a Mota Amaral.

O abaixo-assinado, intitulado «A Paz é Possível» contém assinaturas de políticos, escritores, dirigentes sindicais e jornalistas de várias tendências partidárias. Consta dele nomes como os de Melo Bento (CDS), Vasco Garcia (PSD), José Decq Mota (PCP), Dias de Melo, escritor, e Alvaro França, escultor, entre cerca de 1300 assinaturas.

Trata-se de um documento da «Assembleia Mundial para a Paz e a Vida, Contra a Guerra Nuclear», assinado em Junho de 1983 em Praga. O documento apela, nomeadamente, a negociações políticas pacíficas «e não a confrontações militares e a um desarmamento geral e total».

Afirma, ainda, não ser tarde para impedir um holocausto nuclear e que a salvação está nas mãos dos homens e mulheres decididos a lutar conjuntamente pela paz.

Uma nota da comissão promotora da subscrição diz que, em caso de conflito nuclear, os Açores serão alvo preferencial de ataque, «devido à eventual e provável presença de armamento nuclear estacionado ou em trânsito pelas bases estrangeiras instaladas na região».

As assinaturas foram recolhidas nas ilhas açorianas de São Miguel, Santa Maria, Terceira, Pico e Faial.

Sismo em Lisboa
vai ter plano de emergência

As conclusões de um estudo científico sobre o risco sísmico na cidade de Lisboa, apresentadas no domingo no decorrer de uma reunião realizada em Sesimbra, aponta para a elaboração de um plano de emergência sísmica para todo o País, já em curso na região de Lisboa.

O estudo, elaborado ao longo dos últimos três anos por uma comissão de especialistas coordenada pelo Serviço Nacional de Protecção Civil, constitui a primeira fase de um projecto que, na segunda e terceira fases, abordará o risco sísmico nas áreas da Grande Lisboa e Algarve, e nas restantes regiões do continente, anuncia o MAI.

A apresentação das conclusões assistiram o Primeiro-Ministro, o ministro da Administração Interna e o secretário de Estado dos Transportes.

O estudo contou com a participação de cientistas de prestígio nacional e internacional em várias áreas, entre os quais, Sousa Oliveira, investigador do LNEC e professor do IST, Gomes Coelho, também investigador do LNEC, António Ribeiro, da Faculdade de Ciências de Lisboa, Moitinho de Almeida, investigador dos Serviços Geológicos de Portugal, Jorge Gaspar, geógrafo da Faculdade de Letras de Lisboa, Mendes Vitor, da Faculdade de Ciências de Lisboa e director-geral do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica.

Na área de história, deram a sua contribuição uma equipa coordenada pelo professor Matoso, do Departamento de História da Universidade Nova de Lisboa e o doutor Cordeiro Pereira, da mesma Universidade.

Corridas de touros:
a interdição polémica

A interdição das corridas de touros em Portugal é uma das propostas mais expressivas de um projecto de lei de defesa, protecção e bem-estar dos animais, revelou à ANOP um dirigente da Liga Portuguesa dos Direitos do Animal.

Este projecto de lei — da autoria do advogado António Maria Pereira, simultaneamente membro da Liga dos Direitos do Homem — será apresentado no princípio do próximo ano à secretaria de Estado do Ambiente por associações de protecção aos animais.

Segundo a Liga Portuguesa dos Direitos do Animal, o projecto do Ministério da Qualidade de Vida grande interesse e aceitação. Os defensores dos animais e inimigos das touradas introduzem pela primeira vez num debate que se prolonga há dezenas de anos, o tema económico, argumentando:

«Os criadores do chamado gado bravo cometem um verdadeiro crime económico ao desperdiçarem milhares de hectares de boas terras para conseguirem manter os bois em estado bravo (e nem isso conseguem...)»

Prosseguindo na tónica da economia, a Liga acrescenta: «Essas imensas e boas terras daniam muito mais riqueza a este país (e aos proprietários) se fossem racionalmente exploradas e o gado bovino criado semi/ou intensamente. Por essas e por outras, é que estamos a importar 70 por cento do que comemos».

A legislação para o bem-estar animal da CEE, que se refere ao transporte, abate e outras condições de vida (e morte) dos animais, não está a ser cumprida por Portugal, o que, na opinião da Liga, poderá levar a certos boicotes às actividades nacionais, especialmente o turismo.

Em relação às touradas, a Liga Portuguesa dos Direitos dos Animais conseguiu já obter dos comandos da Guarda Nacional Republicana a garantia de que cavalos e soldados daquele corpo militar deixarão de ser cedidos para as corridas à portuguesa, o que, na prática, inviabiliza a sua realização.

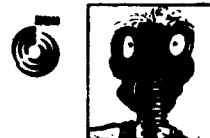
Uma nova legislação de protecção ao animal mostra-se necessária, na medida em que a actual está em vigor desde 1886.

FUMO

NÃO FUME

EM RECINTOS

FECHADOS



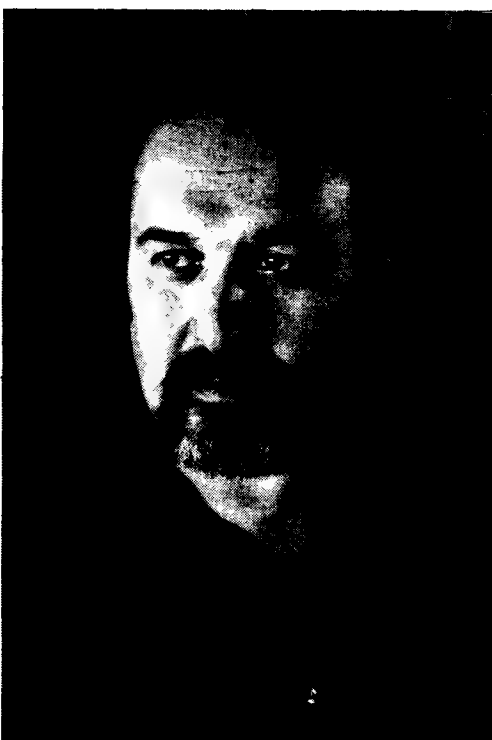
Tendo já em preparação outro "livro maldito"

João Alves da Costa e Miranda Castela reeditam "Droga e Prostituição em Lisboa"

Um redactor, João Alves da Costa, e um repórter fotográfico, Miranda Castela, penetraram nas manhãs, nas tardes, nas noites, nas madrugadas, da já não capital do Império, e, depois de transformarem em reportagem do quotidiano as suas experiências, bistrizaram-nas e deram «à luz» um livro «Droga e Prostituição em Lisboa», que assim se chamou em três edições quase consecutivas, até 1977. Para agora arvorar, Dezembro de 1983, o mesmo título, tal e qual, em quarta edição, revista e aumentada.

Escreve João Alves da Costa, em prefácio: «Seis anos volvidos sobre a terceira edição esgotada de «Droga e Prostituição em Lisboa» (1977), o título que parecia condenado tal como os heróis de Poe ao martírio emparelhado do esquecimento, ao vácuo gelado da não-existência, subitamente no Outono de 83, em vez de folhas caídas e amareladas, reganhou o sopro de vida e de actualidade (que nunca perdera, aliás), renasceu das cinzas brancas do papel impresso, para se reenvolver no País agravado pelas mazelas de toda a sorte — sociais, económicas, políticas, assistenciais, existenciais.»

Dois repórteres, o da escrita e o da imagem, immanados num objectivo comum (quem se atreve a dizer por aí, qual computador via satélite, sobretudo depois deste livro, que uma imagem vale mil palavras ou vice-versa, mas que ambas as formas de expressão sem interligam sem «racismos»?) e devassaram os bastidores da intimidade das nossas vergonhas, deles, dos puritanos da nossa vergonha. Construindo um «romance-reportagem» (a expressão pertence a João Alves da Costa) — «aquariano, perplexo entre a poeira da realidade e o brilho das estrelas». Com vi-



Alves da Costa e Miranda Castela: valorização, sem complexos, da palavra pela imagem e da imagem pela palavra

vências que passaram pelo Liceu Charles Pierre, Faculdade de Letras de Lisboa, conjuntos rock, Goethe Institut em Bad Rednchenhal (Sul da RFA), Jarrett Scholl of English, e Universidade de Kansas, EUA.

Sado-masquismo: a nova aposta

Os textos foram publicados ainda sob a forma de reportagem no «Diário Popular» cuja Redacção os dois autores pertenciam (Miranda Castela ainda lá «sobrevive») e tomaram depois a forma de livro, com base em influências «bebidas» (ou «comidas») em obras como «Voando sobre um ninho de Cucos», de Ken Kesey. Integrando uma colec-

tânea, a que pertencem «Violentar ou Recuperar Menores em Portugal» e «Bruxas à Portuguesa», que Alves da Costa designou por «Trilogia Maldita».

Tendo como paradigmas autores como Tom Wolfe, e como «rampa de lançamento» um país real, este País, e sobretudo a cidade onde nasceram. A partir de agora João Alves da Costa, e o sempre omnipresente Miranda Castela, têm já na forja um novo livro «O Sado-Masquismo em Portugal». Só que a realização deste projecto passa, segundo nos referiu Alves da Costa, por uma disponibilidade que, a sua actual condição de redactor de «A Bola» (Alves da Costa foi ainda com Francisco Nicholson o autor

da telenovela «Vila Faia») retarda, dadas as exigências de qualidade e de empenhamento que o trisemanário fundado por Ribeiro dos Reis e Cândido de Oliveira exigem.

Mas quem ousará travar dois repórteres, em pleno na Cidade Grande? Que tempo, que forças, que canseiras? Pela nossa parte, João Alves da Costa, Miranda Castela, acreditamos que nada nem ninguém. Nem sequer, coisas tais como a Secção de Justiça da PSP, a Polícia de Costumes, o Tribunal de Polícia, a Polícia Judiciária ou qualquer SIR. Ou vocês, companheiros de rota, não tivessem voado, com os três livros já publicados, muito para além deste e de outros ninhos de cucos!...

Manuel Geraldo

Inauguração é esta tarde

“O Camarim” — um bar diferente para animar a noite lisboeta

Na rua Heliodoro Salgado, no Bairro das ex-colónias, perto da Almirante Reis, vai abrir hoje um novo bar para animar os fins de tarde e as noites lisboetas. «O Camarim», é o nome.

Será um bar diferente — ou, pelo menos, assim o pretendem os responsáveis por esta iniciativa: José Jorge Letria, António Machado e Teófilo Silva.

«O Camarim» — dizem — «sendo embora um local para beber uns copos e comer uns petiscos, pretende também assumir-se como um espaço onde o espectáculo e aqueles que o fazem nunca deixem de estar presentes.»

Daí que estejam previstas várias iniciativas de carácter recreativo e cultural para animar aquele local de copos e petiscos. Ao longo das noites da semana, de quarta a sábado, haverá actuações de cantores, músicas, poetas declamadores e artistas circenses. Nas primeiras semanas J.J. Letria (naturalmente...) e Samuel lá estarão a cantar. Em Janeiro começarão as noites de poesia, com o arranque a cargo de Joaquim Pessoa. E uma das noites será dedicada, semanalmente, ao circo, com a presença, por exemplo, de ilusionistas e palhaços. Uma iniciativa inédita: com a regularidade possível ali surgirão contadores de histórias que tentarão estabelecer o hábito de pôr narradores da palavra escrita e oral em contacto com gente em tempo de laser. Tudo o que seja jovem cantor ou músico e tenha qualidade, ali encontrará igualmente um espaço e uma oportunidade para se fazer conhecido.

Debates

A partir de Janeiro e quando a tarde cai, os responsáveis de «O Camarim» vão organizar debates subordinados aos temas mais variados. Para já estão programados os seguintes: «Os instrumentos populares portugueses», «Uma nova literatura depois de Abril?», «O Jazz em Portugal», «Música portuguesa: que presente, que futuro?», «A situação dos grupos independentes», «A situação das orquestras em Portugal», «O Teatro de revista — uma tradição com futuro?», «Movimento editorial

português: que dificuldades, que perspectivas?», «O Circo em Portugal» e «O cinema português hoje».

Com estes debates — diz J.J. Letria — pretende-se criar, fora dos recintos convencionais, um espaço de discussão aberta sobre temas candentes da vida artística e cultural, que tão despolida se encontra por parte dos organismos responsáveis.

Decoração

«O Camarim» subdivide-se em três espaços diferentes que foram baptizados com nomes que são outras tantas homenagens a gente grande do espectáculo: «Camarim José de Castro», «Camarim Bernardo Santareno» e «Camarim Piaf/Gardel».

Dois destes espaços têm sonorização para espectáculo. O outro está preparado para exposições. A primeira será uma pequena mostra de trabalhos de Rogério Ribeiro, seguindo-se-lhe, em Janeiro, outras de artistas diferentes.

Nas paredes de «O Camarim», para além de espelhos de camarim, há cartazes, fotos e maquetas de figurinos e de cenários, bem como três máscaras originais criadas propositalmente pelo chefe-adequista Barros, do Teatro Nacional.

Entre os elementos de decoração, verdadeiramente original neste tipo de locais da noite lisboeta, contam-se um trapézio e um pequeno teatro de marionetas. Numa das paredes há ainda manuscritos de escritores acompanhados de um «poster» do II Congresso dos Escritores Portugueses.

Capas de música impressa no princípio do século, cartazes de cinema, fotos de destacados artistas de cinema e de cantores como Jacques Brel, Georges Brassens, Pete Seeger e uma de Carlos Paredes com Chico Buarque, são igualmente elementos da composição de «O Camarim», que a partir de hoje (a inauguração será às 18 e 30, com a presença de muita gente ligada aos livros, aos espectáculos, aos jornais e à política) estará aberto diariamente das 17 às duas da manhã.

Cary Grant à beira dos oitenta anos

Chegar a velho é sentir a morte, mas quando quem entra na velhice se chama Cary Grant é um prazer, como confessa o famoso actor norte-americano, que em Janeiro faz 80 anos.

O homem por quem centenas de mulheres se apaixonaram e com quem muitos homens desejariam parecer-se vive numa permanente juventude com a mulher, Bárbara, uma funcionária de relações públicas de 33 anos. Casaram-se em 1981.

Grant tem mais de um metro e noventa centímetros, pesa cerca de noventa quilos, exibe uma atraente cabeleira prateada, um bronzado de primeira classe e o mesmo olhar cintilante de sempre.

«Estou a encolher um pouco», admitiu o actor numa entrevista ao «Washington Post».

A escritora Pauline Kael afirma num ensaio sobre a vida de Grant que o actor «é imortal». A verdade é que, apesar de se sentir agora como nunca, Grant reconhece que a ideia da morte o aflige.

«Não sei que pensar da morte, agora que tantos dos meus amigos morreram», diz ao recordar nomes de Grace Kelly, Ingrid Bergman e David Niven.

«Gostaria de não incomodar quando a minha hora chegar e morrer durante o sono, como aconteceu com a minha mãe. Mas, quem sabe, talvez morra atropelado por um táxi».

Grant, retirou-se do cinema em 1966, um ano antes de nascer o



Gary Grant nos «bons velhos tempos»

seu único filho, uma menina chamada Jennifer, fruto do seu quarto casamento.

«Creio que Jennifer foi um bom motivo para deixar o cinema», disse recentemente.

«Gostaria de ter mais filhos e sinto-me ainda com forças», assegura Cary Grant, que se casou

cinco vezes. «Amei todas as minhas mulheres e tenho boas recordações delas».

Actuou em 72 filmes — «todos têm um grande valor sentimental para mim» — nunca ganhou o Oscar mas trabalhou com grandes directores, entre outros com Hitchcock, Howard Hawks, Leo

McCary e George Stevens. «De todos eles recordo a camaradagem».

Pode ser que Archibald Luch — que é o verdadeiro nome do actor — faça em 18 de Janeiro oitenta anos, mas será ele, e não Cary Grant, a sentir-se velho.

Grigori Alexandrov: morte aos 81

O realizador Grigori Alexandrov, um dos veteranos do cinema soviético, morreu aos 81 anos de idade na sequência duma longa doença, anunciou a agência TASS.

A sua necrologia é assinada pelo secretário-geral do PCUS e pelo chefe do Estado soviético Yuri Andropov, acrescenta a TASS.

Alexandrov começou a sua carreira em 1921, no teatro. De-

pois foi assistente de Eisenstein na «greve» e no «Couraçado Potemkin», sendo depois co-argumentista e co-realizador com Eisenstein de «Outubro» (1927) e da «Linha Geral» (1929). Também colaborou em «Que Viva México».

Alexandrov também se celebrou pela sua comédia musical «os Rapazes Alegres» (1934).

Grigori Alexandrov era «Artista do Povo» e presidente da Associação URSS-Itália.

Novos programas na RTP

A RTP acaba de negociar, em Madrid, com Ibañez Serrador, os direitos, para Portugal, do programa «1.2.3.». Trata-se de um programa-concurso, entre os de maior prestígio europeu, que há onze anos se mantém na TV espanhola, onde atingiu o mais elevado índice de audiência. Está, actualmente, em exibição, com enorme êxito, em Inglaterra e na Holanda. Extraordinariamente popular e engenhoso, mas inserido numa base cultural plenamente aceitável pelo grande público, será, em Portugal, apresentado por Carlos Cruz que procederá à sua adaptação às exigências do gosto português.

Artur Portela será o responsável por outro programa de grande audiência, denominado, provavelmente, «Feira das Vaidades», que introduzirá uma forma de sátira social e cultural ainda inédita entre nós, recorrendo, como, aliás, ocorre noutros países, a todas as virtuosidades dos processos «vídeo».



Primeiro Congresso Português de Literatura Brasileira

Representantes da cultura brasileira, nomeadamente escritores, poetas e professores, participam em Maio, no Porto, no Primeiro Congresso Português de Literatura Brasileira.

O Congresso, que decorrerá na Fundação Engenheiro António de Almeida, instituição que também organiza, apoia e colabora na iniciativa que se realiza nos dias 4 e 5 de Maio, deverá integrar actividades paralelas diversificadas.

Arnaldo Saraiva, um dos responsáveis pela iniciativa, afirmou que está programada uma exposição sobre o livro brasileiro para funcionar no âmbito do Congresso que integrará outras actividades no campo da música, artes plásticas, cinema e teatro.

«Fomentar o estudo da literatura do Brasil em Portugal bem como o seu aperfeiçoamento, para além de contribuir para uma ligação mais estreita das relações entre os dois povos para que não haja uma separação entre a literatura portuguesa e brasileira» — constituem alguns dos objectivos deste encontro cultural.

A Revolução de 1383-1385 na RTP

DEPOIS de termos efectuado no primeiro programa uma breve análise da governação fernandina, dedicámos o segundo programa essencialmente à revolução nas ruas de Lisboa.

A vitória da revolução lisboeta, para singrar, necessitava de apoios do resto do país. O poder legítimo para anular a derrota sofrida na capital precisava de isolar os insurrectos.

O primeiro grande embate entre as duas forças em luta consistia em captar adesões à sua causa.

A adesão efectiva pela rainha ou pelo Mestre dependia das forças em jogo. Onde a arraia miúda conseguia impor a sua vontade aumentava o apoio do Mestre, onde vencia o medo e o temor ganhava a rainha.

A opção era deveras difícil. Pela primeira vez na História de Portugal a população tinha de decidir qual o partido a seguir.

A experiência passada não existia, portanto nada ensinava, ou antes, antevia provável insucesso da causa lisboeta.

Os alarmados apregoavam que o rei de Castela já se encontrava em Portugal com todo o seu poder.

A notícia da eleição de D. João, Mestre de Avis, para o cargo de Regedor e Defensor

dos Reinos de Portugal e do Algarve corre como o vento.

Estremoz, Portalegre, Beja, Évora e outros castelos que os antigos reis «per longos tempos jazendo sobrelles, com força damas, nom podiam tomar, os pobooos meudos, mall armados e sem capitam, com os ventres ao soll, ante de meo dia os filhavom por força».

A razão da facilidade da conquista dos castelos residia na nova táctica utilizada. Os revolucionários não sitiavam os castelos como era habitual. Utilizavam outro método tão eficaz e tão usual que se tornou em autêntico jogo do povo miúdo.

Os populares prendiam e amarravam as mulheres e filhos dos defensores dos castelos, punham-nos em cima dos carros e ameaçavam: — Ou nos entregam o castelo ou queimamo-los todos. A defesa rendia-se.

O comportamento invulgar da população, durante aquele período convulsivo, e a morte violenta e desonrosa da abadessa de Évora, demonstra-nos que estamos perante uma situação extremista que caracteriza a revolução.

O povo miúdo não só conquistava os castelos aos nobres, mas também expulsava das suas terras os mais ricos e os mais honrados. Enfim, uns que detinham

essencialmente a força e o poder, outros que detinham os meios de produção. Era a vingança contra os seus exploradores.

Lisboa que era a força da revolução não podia enfrentar sozinha o poderoso exército castelhano apoiado por muitos portugueses renegados.

O governo revolucionário de Lisboa, consciente das dificuldades económicas e militares, enviava seus mensageiros ao país e ao estrangeiro.

Em Dezembro de 1383 partem para a Inglaterra Lourenço Martins, criado do Mestre de Avis, e Tomás Daniel, inglês, com a missão de assoldar ingleses para a defesa da sua causa.

Rui Pereira toma o caminho da cidade do Porto com a incum-

bência de guarnecer a nossa armada de homens e mantimentos.

Afonso Anes de Évora, depois de explicar no Alentejo as razões do levantamento lisboeta, pede um empréstimo para custear as despesas da guerra.

Sabemos que alentejanos e os portistas, apesar das dificuldades em que viviam, não deixaram de contribuir para a defesa de Portugal.

Inglatera é o primeiro país estrangeiro a reconhecer a revolução lisboeta. A satisfação dos ingleses chega ao ponto de emprestarem dinheiro para o pagamento dos vencimentos dos seus soldados.

Estavam, pois, criadas as condições mínimas necessárias para resistir ao invasor castelhano.

O programa terminou reclamando um monumento dedicado ao heróico povo de 1383-1385 a fim de preservar condignamente a sua memória.

Confessamos que ficaríamos extremamente gratos e satisfeitos se os nossos governantes e as câmaras municipais em particular satisfizessem o pedido formulado.

Valentino Viegas

1 Fernão Lopes, Crónica de D. João I, Parte Primeira, Imprensa Nacional Casa da Moeda, Lisboa, 1977, pp. 75 e 76.

(*) O autor e apresentador desta série televisiva é o dr. Valentino Viegas, assistente da Faculdade de Letras de Lisboa. Depuseram neste 3.º programa, os profs. Humberto Baquero Moreno e Armando Castro.

UMA PRENDA MUITO ESPECIAL!



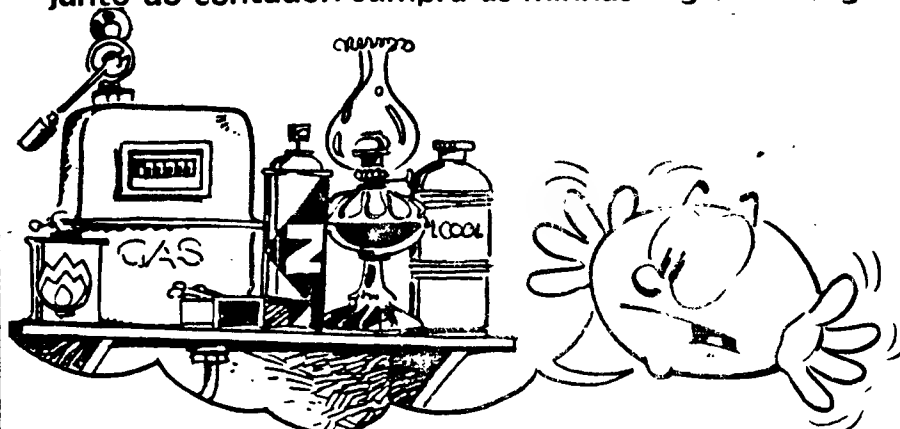
«COMO SE FORA SEU FILHO»

O ÚLTIMO ORIGINAL de ZECA AFONSO

PRODUZIDO E EDITADO POR TAMBÉM EM CASSETTE



Não coloque produtos inflamáveis ou de acção corrosiva junto do contador. Cumpra as minhas regras de segurança.



DGE / CAMPANHA DE SEGURANÇA NA UTILIZAÇÃO DE COMBUSTÍVEIS GASOSOS

Além do nosso tempo, além do nosso Universo, um planeta ameaçado.



- ALÉM DA IMAGINAÇÃO -

EM LIVROS EUROPA-AMÉRICA

COLUMBIA PICTURES PRESENTS A TED MANN-RON SILVERMAN PRODUCTION A PETER YATES FILM

KRULL

Starring KEN MARSHALL · LYSETTE ANTHONY · FREDDIE JONES · FRANCESCO ANNIS · Music by JAMES HORNER · Director of Photography PETER SUSCHITZKY · Production Designer STEPHEN GRIMES · Visual Effects Supervisor DEREK MEDDINGS · Written by STANFORD SHERMAN · Executive Producer TED MANN · Produced by RON SILVERMAN · Directed by PETER YATES

HOJE, ESTREIA À 1.ª MATINÉE

IMPERIO

CINE 222

TERMINAL

PARA MAIORES DE 6 ANOS

canal da crítica

MÁRIO CASTRIM

Sensibilidade...

Telejornal principiou com imagens da assinatura de um novo empréstimo, a fim de ajudar a nossa entrada na CEE. Entrada não se sabe bem por onde, pois isso de portas é coisa que lá falta. Não estará o Governo a tentar arrombar portas que não existem?

Entretanto. Ernâni Lopes discursa em francês. Pois. Quem pede, incluso da própria língua abdica.

Deve ter-se reunido depois toda a gente para almoçar. Como se fez com a delegação espanhola que esteve cá. Acabou tudo em faustosa jantarada. O industrial Alfonso Escamez agradeceu. Em castelhano, ora pois...

Igualmente o Jaime Gama, em Bruxelas jantou não me lembro com quem, por causa da CEE. Meu Deus, mas esta gente não faz senão empanturrar-se! Qualquer pretexto serve. Telejornal deve, acho eu, ser mais discreto na divulgação destas mastigações. Não fica bem, num País de famintos, pelo menos desalmoçados ou desjantados, como é o nosso.

Manda o bom-senso que a sensibilidade política se sobreponha à sensibilidade gustativa.

O País burocrático

Pode não haver notícias vivas. Faltará sempre o país trabalhador; não faltará nunca o país burocrático.

Mota Pinto seguiu para a Alemanha. Vai tratar de assuntos do Governo. Entretanto, aproveitará para se avistar com responsáveis do Partido Social Democrata alemão. Dois coelhos de uma cajadada. Sem falar, claro, no passeio propriamente dito.

Lucas Pires entrevistado a pro-

pósito de Marco de Canaveses. **ÚLTIMAS NOTÍCIAS** dirá, depois, que ele disse que, com a vitória em Março, o CDS se apresenta como alternativa ao Governo. Como anedota não está nada mal. Ah ah ah.

Imagens do Conselho de Ministros, com excesso de dentes e gengivas. Entretanto. Ernâni Lopes palita o cachimbo, uma agradável recordação.

Mário Soares preside a uma homenagem a António Sérgio. Declara: **Além de ser transitório Primeiro-Ministro, fui discípulo de António Sérgio.**

Tão jóia! Acrescentou: **Ele foi a figura tutelar da minha formação.**

Cuidado, homem. Que necessidade havia de as pessoas conhecerem essa particularidade da biografia de Sérgio?

"Já ninguém sabe..."

Continuemos ainda por algum tempo no domínio do telejornal, só para lembrar a entrevista com Cavaco Silva. Condenou o excesso de austeridade e a «manta de retalhos» que é o sistema fiscal. Predisse, com segurança, aumento da crise, que se tornará grave.

No seu «tempo de antena» a CIP, pela voz do seu presidente, o dr. Ferraz da Costa, pôs os pontos nos ii: **o ano de 84 vai ser de grandes dificuldades para todos os portugueses. Mais impostos, menos rendimentos, mais insegurança, menos paz — exactamente o contrário do que nos têm prometido.**

Dramático: **A situação é de tal modo grave que já ninguém sabe como resolvê-la.**

Um exagerado. Adianta informações concretas:

Em 1984, pagaremos ao estrangeiro, só de juros por empréstimos, 300 milhões de contos. Esclarece: **O que pedimos emprestado, serviu só para pagar gastos e desperdícios e não para investir no aumento da produção que se paga por si própria.**

Nova informação: 62 por cento dos industriais em reunião declararam-se impreparados para entrar na CEE. Atenção: é a própria CIP quem diz isto.

Afinal quem apoia o Governo?...

Tudo normal

A rubrica **Parlamento** é uma «telenovela» de origem portuguesa que veio para fazer concorrência ao «Pai Herói». Difícil. O enredo não presta.

Sejamos francos: é notório o seu esforço para o pluralismo. Reparemos só, o Jorge Nuno de Oliveira, um moço tão mocinho e como já sabe tanto. Quem será que o ensina?

Pluralismo, pois. Sobre o Orçamento em geral, inclui um membro do Governo, outro do PS, outro do PSD. Bravó! (Como se diz em S. Carlos) é preciso diversificar.

A seguir, no capítulo das autarquias aparece Silva Graça, do PCP, mas desmentido, duas vezes, pelo Alípio Dias. Uma espécie de polémica, onde Alípio atacava e Silva Graça não se podia defender! A montagem seguinte contemplava Morais Leitão do CDS, e Almerindo do PS, ambos tão delicados, tão punhos de renda...

Alguém dirá que aquilo que se fez em «Parlamento» é indecente. Deixem falar, leitores. Há sempre quem diga mal só pelo prazer de dizer mal. Foi tudo normal. Eu cá, se fosse doutra maneira é que me admirava...

O valor colectivo

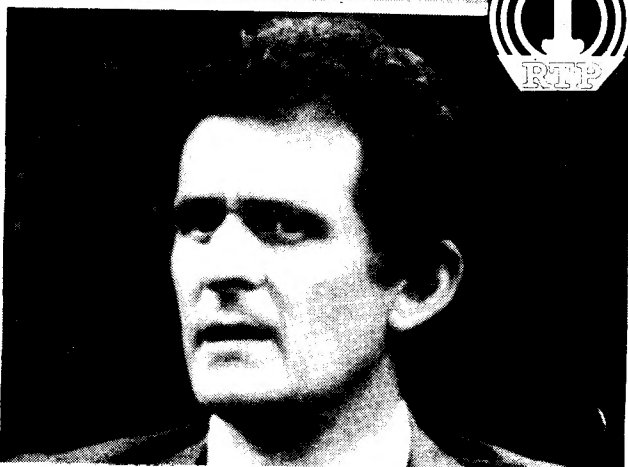
Foi a vez de Paulo de Carvalho. Foi a vez de um dos nomes mais importantes do cançonetismo português.

Houve espectáculo. Sabidamente, Paulo de Carvalho dividiu o primeiro plano com o seu conjunto e isso veio a reflectir-se na qualidade do programa que saiu mais variado e enriquecido. Alfredo Tropa fez o que devia ao trazer o artista e o conjunto musical para dentro da televisão: com Paulo de Carvalho sem plebeísmos, o risco era nenhum, os dividendos eram altos.

Não insistirei, por desnecessário, na qualidade de Paulo de Carvalho — a não ser que o seu potencial é de tal forma grande que parece desproporcionado ao material que usa. Digamos: o material na sua maior parte, não está à altura daquele instrumento vocal, de tão rica maleabilidade. Parece-me igualmente que faltam, no repertório de Paulo de Carvalho, canções de raiz melódica que poderiam ganhar com o valor expressivo da sua voz. A sugere ao aí fica.

Quanto à arquitectura da rubrica, em si mesma, continua o seu aspecto demasiado... artesanal. A altura de um Paulo de Carvalho ou de um Carlos do Carmo podem safar a coisa. Como será com outros — veremos...

Hoje



O episódio de hoje, na RTP-1, da série «Das 9 às 5» intitula-se «Nine to Five»

- 15.15 Mare Nostrum Patria Nostra
- 15.45 Sessão da Tarde — «The Baron's África War». Intérpretes: Rod Cameron, Joan Marsh, Duncan Renaldo e Lionel Royce. Realizador: Spencer Bennett. Ano de estreia: 1943.
- 17.25 100 Grandes Quadros — «A Bela Jardineira».
- 17.35 Os Grandes Clássicos — «D. Quixote».
- 18.00 Sumário
- 18.10 Janela Mágica
- 19.00 Teleregiões
- 19.30 Três Tons
- 20.00 Telejornal
- 20.30 Direito de Antena — Associação dos Empregados de Mesa de Portugal e Organização dos Trabalhadores Científicos.
- 20.35 Telenovela — «Pai Herói».
- 21.20 «Das 9 às 5» — «Nine to Five». Intérpretes: Rita Moreno, Valerie Curtin, Rachel Dennison, Peter Bonerz.
- 21.45 Grande Informação
- 22.45 Últimas Notícias



Na RTP-2 exibe-se mais um episódio da «Família Bellamy»



- 19.28 Eurovisão — futebol, Super Taça: Aberdeen - Hamburgo (2.ª mão). Transmissão, em directo, a partir de Aberdeen.
- 21.15 «A Família Bellamy»
- 22.15 Telenovela — «Gabriela».
- 22.50 Último Jornal

Amanhã



12.00: Meio-Dia; 13.00: Jornal da Tarde; 13.30: O Voo do Condor; 14.30: O Mundo Maravilhoso de Walt Disney; 15.30: Natal dos Hospitais; 15.30: «Sítio do Picapau Amarelo»; 19.50: Vamos Jogar no Totobola; 20.00: Telejornal; 20.30: «Pai Herói»; 21.15: Cinema Lumiar — com o filme «A Última Vez que Vi Paris»; 23.15: Últimas Notícias.

GRUNDIG

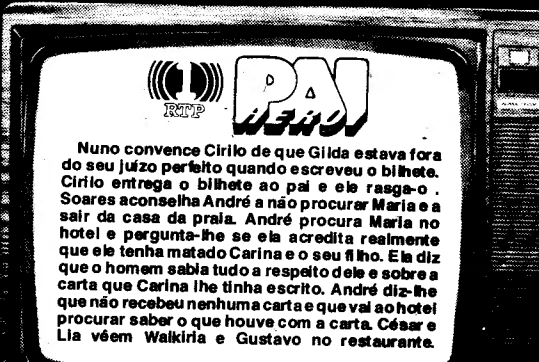
a segurança de um grande nome seleccionou para si...



«Das 9 às 5»
(21.20)



«A Família Bellamy»
(21.15)



Assistência Técnica Grundig
NACIONAL RÁDIO

Rua Bento Jesus Caraca, 17 - Cruz Quebrada - Telef. 2112871

VÁ depressa

levantar os 200.000 CONTOS da lotaria do NATAL à



CASA VIOLA

Rua da Assunção, 67
(6.ª-feira anda à roda)

Ainda temos a acabar em 39

OCARINA
ARTESANATO

Peças de Júlia Ramalho, Mistério, Ana Baraça;
Bonecos de Estremoz e Ribolhos;
Barros do Redondo
Brinquedos de folha e madeira
Mantas de Reguengos de Monsaraz

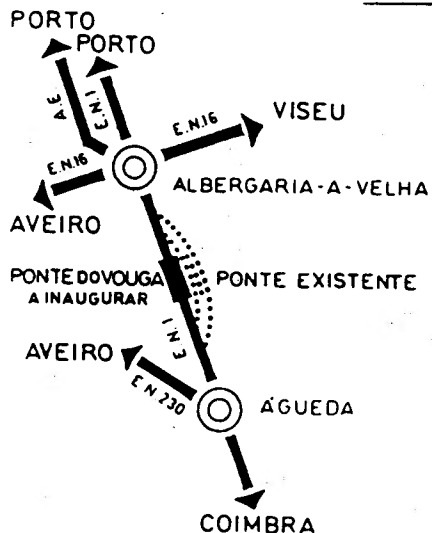
Aberto das 12 às 24 horas
Travessa do Poço da Cidade, 40
(ao Bairro Alto)

MINISTÉRIO DO EQUIPAMENTO SOCIAL • SECRETARIA DE ESTADO DAS OBRAS PÚBLICAS

JAE

SERVIÇO DE RELAÇÕES PÚBLICAS

EN 1 - PONTE SOBRE O RIO VOUGA



Informa-se que no próximo dia 22 de Dezembro será inaugurada na EN 1, em Lamas do Vouga, a PONTE SOBRE O RIO VOUGA e acessos imediatos, que corresponde à 1.ª fase da "Substituição das pontes sobre os Rios Vouga e Marnel e acessos imediatos".

Esta obra de arte que visa suprimir o principal estrangulamento da EN 1, tem uma extensão de cerca de 600 m, orçando o empreendimento, no seu conjunto, em 425 000 contos.



roteiro cultural

Bailado

Amanhã, pelas 21.30, estreia-se a temporada de Natal da Companhia Nacional de Bailado, no Teatro Municipal de S. Luiz, com o seguinte programa: «Paquita», coreografia de M. Petipa e música de L. Minkus; «Variações Nostálgicas», coreografia de Armando Jorge e música de Rachmaninoff; «Baile dos Cadetes», coreografia de Lichine e música de Strauss. Este programa repete-se nos dias 22, 28 e 30, às 21.30 e nos dias 23, 27, 29 e 31, às 18.30.

Os três últimos espetáculos terão a participação dos bailarinos solistas do Teatro Bolshoi, Natália Arkhipova e Leonide Nikonov, presentes pela segunda vez em Portugal (por intermédio da Associação de Amizade Portugal-URSS) que além de participarem do bailado «Paquita», com os restantes artistas da Companhia Nacional de Bailado, interpretarão ainda o «Pas-de-deux» «Casse-Noisette», coreografia de M. Petipa e música de P. I. Tchaikowsky.

Cinema

O ABC Cine-Clube de Lisboa exhibe hoje, às 18 horas, na Sociedade Portuguesa de Autores, o filme «Tomaz, o Impostor» (1965), realizado por Georges Franju, sob a supervisão de Jean Cocteau.

Música

Na Igreja de S. Julião, em



Um momento do «Baile dos Cadetes», pela Companhia Nacional de Bailado

Setúbal, tem lugar hoje, às 21.30, o tradicional Concerto de Natal organizado pelo Coral Luísa Todi. Actuarão neste concerto a Orquestra Sinfónica Juvenil e o Coral Luísa Todi. O concerto é aberto ao público geral, tendo a iniciativa o apoio da Câmara Municipal de Setúbal.

O pianista Arthur Greene, depois do êxito obtido em Faro, Beja, Castelo Branco, Guarda, Viseu, Braga, Porto,

Aveiro e Coimbra terminará a sua digressão de um mês por Portugal com um recital no Salão Nobre do Teatro de S. Carlos, hoje às 21.30, interpretando obras de Mozart, Liszt, Ives, Brahms e Hoiby.

Conferências

Na Sociedade da Língua Portuguesa realiza-se hoje,

às 18.30, com entrada livre, o quarto e último de um ciclo de colóquios programados para as «3.ªs feiras da SLP» a partir de propostas contidas no último livro de Maria Teresa Horta.

«Os Anjos» — a linguagem, a poesia e a androgenia é o tema geral do ciclo, sendo o quarto depoimento o da dr.ª Maria Belo.

A moderadora será a própria Maria Teresa Horta.

Exposições

O artista almadense, Carlos Alberto Sarti, vai realizar na galeria do Forno de Cima, no Pragal, uma exposição individual cujo início será hoje, prolongando-se a mesma até 4 de Janeiro. Em princípio, e devido às limitadas condições da galeria, serão apresentados cerca de 10 trabalhos, abarcando, materiais como pedra, bronze e ferro.

Gil Teixeira Lopes expõe pintura, desenho e gravura na Galeria Neupergama, em Torres Novas. A mostra pode ser visitada até ao fim do mês corrente, no seguinte horário: 2.ª a 6.ª feira, das 10 às 13, das 15 às 19 e das 21 às 23 horas; aos sábados, das 10 às 13 e das 16 às 18 horas; domingos das 16 às 18 horas.

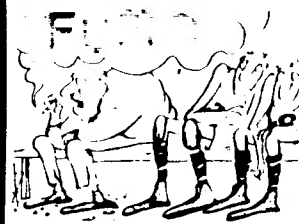
Ana Cassiano expõe «patchworks» e bonecas na Libris, Largo Trindade Coelho, 4, em Lisboa. Uma opinião de Manuel da Fonseca: «Só a realidade constrói a arte — eis a síntese de Ana Cassiano: a beleza nasce-lhe de pequenos nadas».

Na Leo, Trav. da Queimada, 48, ao Bairro Alto, encontra-se patente até 8 de Janeiro, uma exposição de autores portugueses que regista a presença de obras de D'Assumpção, Calhau, João Nascimento José Escada, José Pedro Croft, José Rodrigues, Lagoa Henriques e Luís Camacho. A mostra pode ser visitada de 3.ª a sábado, das 15 às 19 horas.

EM RECINTOS

FECHADOS

NÃO FUME

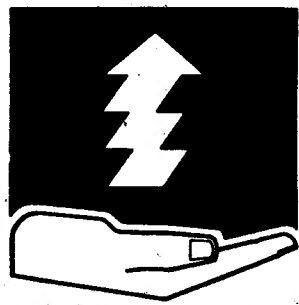


ENSINE O SEU FILHO

Ensine o seu filho a olhar para o lado esquerdo e para o lado direito antes de atravessar a rua



PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA



POUPE ELECTRICIDADE

AOS CONDUTORES

“Junto das paragens de transportes públicos, abrande a marcha, porque a qualquer momento pode surgir uma criança a atravessar, quer pela frente quer pela retaguarda do autocarro.”

PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA

CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

BANCO CENTENÁRIO

UM BANCO MODERNO

Banco fundado em 1864

COTAÇÕES DE NOTAS

	(Por unidade)	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	99\$20	105\$20	
ALEMANHA FED (marco)	48\$45	48\$45	
AUSTRIA (xelim)	6\$65	6\$65	
BÉLGICA (franco)	2\$159	2\$359	
BRASIL (cruzado)	\$060	\$110	
CANADÁ (dólar - notas de 1 a 2)	104\$85	106\$85	
(notas de 5 a 1000)	105\$35	107\$35	
DINAMARCA (coroa)	13\$05	13\$45	
ESPAÑA (peseta)	\$767	\$907	
EUA (dólar - notas de 1 a 2)	131\$25	133\$25	
(notas de 5 a 1000)	131\$75	133\$75	
FINLÂNDIA (marka)	22\$25	22\$85	
FRANÇA (franco)	45\$50	16\$20	
HOLANDA (florim)	42\$20	43\$20	
INGLATERRA (libra)	186\$70	190\$70	
IRLÂNDIA (libra)	147\$45	151\$45	
ITÁLIA (lira)	\$071	\$081	
JAPÃO (lêne)	\$528	\$563	
NORUEGA (coroa)	16\$80	17\$30	
SUÉCIA (coroa)	16\$15	16\$75	
SUIÇA (franco)	59\$35	60\$45	
VENEZUELA (bolivar)	8\$35	9\$35	

Observações:

1. - No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.

2. - Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 5 por mil

rádio

Antena Um

16.00: Batida de limão; 17.00: ZGHIBZ; 18.30: Informativo de trânsito; 19.00: Informação e música; 20.00: Folhetim — o espaço é seu; 21.00: A voz da solidariedade; 21.30: Viva a noite — as 3.ªs-feiras da Antena Um; 23.30: Último jornal. Noticiários intercalares às 16.00, 17.00, 18.00, 21.00 e 22.00 horas.

Programa 2

15.55: Três Sonatas, para claviórdio, de Carlos Seixas; 16.10: Concerto n.º 2, em ré maior, para trompa e orquestra, de Joseph Haydn; 16.30: «Grande Peça Sinfónica», para órgão, em fá sustenido menor, de César Frank; 18.05: Cultu-rando; 19.30: Música em diálogo; 20.10: Alfa e omega; 21.00: Escrever hoje; 21.35: Música vienense; 22.25: O gosto pela música; 22.55: Ciclo Wagner; 01.00: Fecho. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL

Onda Média (283, 290 e 397m)

14.00: Matinée; 17.00: Rápido das cinco; 19.00: Conta corrente; 20.30: Quando o telefone toca (3.ª edição); 22.00: Portugal e a CEE; 22.15: Programas religiosos; 22.30: 24.ª hora; 01.00: O passageiro da noite. Noticiários de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00: O vapor; 16.00: O som da frente; 18.00: Círculo em FM; 19.00: Em órbita; 20.00: Cinco estrelas; 21.00: Jazzofone; 22.00: Café concerto; 00.00: Dois pontos. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA

Rede Nacional de OM e FM

15.00: Clube da casa; 18.00: Jornal das regiões; 18.30: Transmissão do terço; 19.00: Programa da LAR; 19.50: Bola branca (2.ª edição); 20.00: Horizonte; 21.00: Hora de música; 22.00: Ouvir e pensar; 22.30: Máquinas ao vivo; 23.00: Última hora; 23.55: Meditando. Noticiários intercalares a todas as horas.

Rede Sul de FM

14.00: Duas vezes seis; 21.00: Quando o telefone toca; 21.30: Pentagrama.

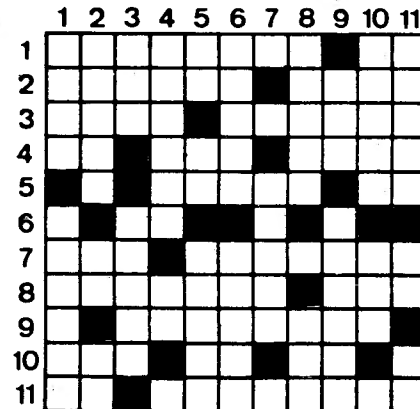
Tiragem média diária do mês anterior: 42.150-exs.

palavras cruzadas

COM PROVERBIO PROBLEMA N.º 13 912

HORIZONTAIS:

- Propensos. Mulo.
- Vasto. Costumes.
- Nível. Magia.
- Ondas curtas. Irmão do pai. Afecto.
- O mesmo que aer. Apelido.
- Abreviatura da palavra inglesa mister (senhor).
- Culpado. Arremessara com força.
- Rédea. Lirio.
- Cria de cabra enquanto muito nova. (pl).
- Clairidade. O sono das crianças. Isto é. (abrev).
- Európio (s.q.) Que têm creme.



VERTICAIS:

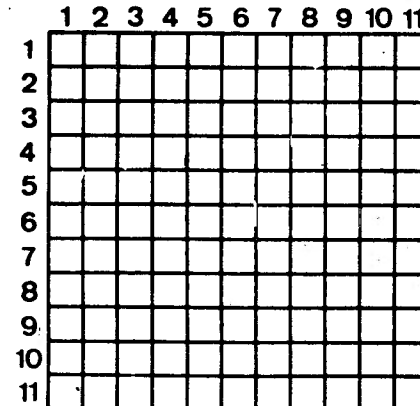
- Ácido. Considerável.
- Risco. Erbio (s.q.) Género de palmeiras do Brasil.
- Freguesia do concelho de Penafiel. Vila e sede de concelho (Vila Real).
- Cobrir de nata. Duas vogais desiguais.
- Idem. Isto é. Faina.
- Receio. Abale.
- Enfiteia.
- Chupas. Irmão do pai.
- Consentimento. Aerostatos.
- Criados. Zombas.
- Empregara. Carta de jogar. Nosso Senhor.

Resolveu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 9764

HORIZONTAIS:

- Uma das Grandes Antilhas. Arquipelago da Polinésia.
- Estava. Combinam.
- Movera os remos. Reza.
- Lavrás.
- Brisa. Chefe etíope. Autores.
- Rijas. Letra grega. Prasiódimo (s.q.).
- Preposição. Transformava.
- Folga. Macaco americano.
- Rénio (s.q.) Pedra de altar. Autores.
- Um dos estados do Brasil. Ruim.
- Terminariam.



VERTICAIS:

- Propriedades rústicas. Miriara.
- Medida de superfície. Sussurro.
- Antiga divindade da Índia deus da justiça e da morte. Possurá.
- Cingira.
- Palmeira da Amazônia. Catedral. Bolo de farinha de arroz e azeite de coco usado na Ásia.
- Oásis. Curar.
- Existe. Curo. Apelido.
- Para barlavento. Planta do pé. Em partes iguais.
- Dança popular portuguesa. Vai pelo ar com grande velocidade.
- Artilharia anti-aérea. Tocam apito.
- Falsificarão. Ouro (s.q.).

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 13 911

HORIZONTAIS:

- Caldeirão.
- Ócio. Raspar.
- Marte. Miara.
- Proe. Soa. IV
- So. Nôs.
- Rs. Labão.
- E. Ama. Sorri.
- Coara. Nelo.
- MMD. Catitas.
- MEIO. Rita.
- Milo. Alasca.

VERTICAIS:

- Compare.
- Ácaros. Amei.
- Lirio. Ardi.
- DOTÉ. UMA.
- Coa.
- Ir. Sol. CARA.
- Ramosas. Til.
- Ásia. BONITA.
- Opa. Caretas.
- Ani. Orla.
- Grava. los.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9763

HORIZONTAIS:

- Grata. Bogas.
- Destinara.
- Aro. Ser. Sal.
- Terra. Toa.
- Apa. Suara.
- Arm.
- Crateras. At.
- AT. Alamo. Ro.
- Liam. Srs.
- Arrasa. Emas.
- Mães. Sou. Sé.

VERTICAIS:

- Grata. Calam.
- Repartira.
- Adora. Are.
- Te. Ataras.
- Assas. Elas.
- Te. Ramas.
- Birra. Am.
- Nó. Raso. Eu.
- Gastar. SM.
- Arão. Marras.
- Salão. Tosse.

Provérbio: E meio dote uma cara bonita.

cartaz de cinemas e teatros

ALVALADE 897480

Av. de Roma

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- Para Todos
OS 101 DALMATAS

AVIS 547163

Av. Duque de Ávila, 45

Às 15.30, 18.30 e 21.30
- Int. men. 18 a.
JÚLIA E OS HOMENS

BERNA 776098

Av. Marquês de Tomar

Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30
M. 6 a.
FLASHDANCE
5.ª Semana

CALEIDOSCÓPIO 795093

Campo Grande

Às 15, 18.15 e 21.30
- Int. men. 13 a.
TESS
3.ª Semana

CASTIL 530194

Rua Castilho

Às 15.30, 18.30 e 21.30
- M. 12 a.
BANZAI, O GRITO DA VITÓRIA

CINE 222 579460

Av. Pr. da Vitória, 37 (ao Saldanha)

Às 14, 19 e 21.30 - Para Todos
O KRULL

CINE BLOCO 556824

R. Pinheiro Chagas, 10

Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30
OFICIAL E CAVALHEIRO
Às 24
VIOLAÇÃO DE UMA ADOLESCENTE

CINE CAMÕES 324194

Rua do Loreto, 15

Às 14.15, 16.30 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
GUERRA ABERTA

CONDES 322523

Av. da Liberdade, 2

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- M. 6 a.
OS MARRETAS CONTRA-TACAM

2000 2100055

Av. Bomb. Voluntários, lts. 113/4

Às 15.30, 18.30 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
O CLÁ DOS GRANDES LUTADORES

EDEN 320768

P. Restauradores, 21

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- N. ac. men. 18 a.
OFICIAL E CAVALHEIRO

ESTÚDIO 555134

Alam. Afonso Henriques, 35

Às 15.30, 18.30 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
OS DEUSES DEVEM
ESTAR LOUCOS
71.ª Semana

ESTÚDIO 444 779095

Av. Defensores de Chaves, 83-B

Às 15.30, 18.30 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
MARIA E JOSÉ

HOLLYWOOD Tel. 802859

Centro Comercial Alvalade

SALA 1

às 13.45, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30
e 23.45 - Para Todos
OS MARRETAS CONTRA-ATACAM

SALA 2

Às 14, 16.30, 19, 21.30 e 23.45
- M. 6 a.
O REGRESSO DE JEDI

IMPÉRIO 555134/5

Al. Afonso Henriques, 35

Às 15.15, 18.30 e 21.30
- M. 6 a.
KRULL

LONDRES 801313

Av. de Roma, 7-A

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- M. 16 a.
CLASSE

MONTECARLO 681117

Av. Pedro Álvares Cabral, 37

Às 14.15, 16.30 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
VAMOS A ISTO RAPAZES
Às 24
MAIS FORTE QUE BRUCE LEE

QUINTETO 573407

R. Actor Taborda, 27-B

Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30
- M. 12 a.
OPERAÇÃO THOR
Às 24
A CASA ENCANTADA

ÁVILA 539930

Av. Duque d'Ávila, 92-A

Às 14.30, 17, 19.10, 21.30 e 24
- M. 12 a.
OCTOPUSSY

NIMAS 574362

Av. 5 de Outubro, 42-B

Às 14, 16.30, 18.30 e 21.30
- M. 16 a.
CLASS

ODEON 328283/4

R. Condes, 12 a 20

Às 15.15, 18.15 e 21.30
- M. 12 a.
BONDITIS, AGENTE SECRETO...

POLITEAMA 326716

R. Portas S. Antão, 109

Às 14.15, 16.30, 19 e 21.30
- M. 6 a.
ESPIÕES POR CONTA PRÓPRIA

PATHE 821933

R. Francisco Sanches, 122

Às 14, 16.30 e 21.30
- M. 10 a.
AS AVENTURAS DO RABÍ JACOB



Uma cena de «Guerra Conjugal» realizado por Joaquim Pedro de Andrade em exibição no Quarteto e Xenon.

QUARTETO 771378

R. Flores de Lima, 16

SALA 1
Às 14.15, 16.30, 19 e 21.15
OS VIAJANTES DA NOITE
Às 23.30 - M. 18 a.
Rumos do Cinema
RECORDAÇÕES

SALA 2
Às 14.30, 16.45, 19 e 21.15
- M. 18 a.
QUERELLE
Às 23.30 - M. 18 a.
Rumos do Cinema
UM LANCE NO ESCURO
SALA 3
Às 14.15, 16.30, 19 e 21.15
O ANO DE TODOS OS PERIGOS
Às 23.30 - M. 18 a.
Rumos do Cinema
Os 3 DIAS DE CONDOR

SALA 4
Às 14.30, 16.45, 19 e 21.15
- M. 12 a.
O ESTADO DAS COISAS
Às 23.30 - M. 18 a.
ADEUS MACHO

ROMA 887778

Av. de Roma, 14 M-N

Às 15.30, 18.30 e 21.30
- Para Todos
ESPIÕES POR CONTA PRÓPRIA
c/ Terence Hill e Bud Spencer

ROXY 548560

Av. Almirante Reis, 20

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- Int. men. 13 a.
O MAIS DURO DO TEXAS

SÃO JORGE 579144-579344

Av. da Liberdade, 175

SALA 1

Às 15.15, 18.30 e 21.30
- M. 12 a.
NUNCA MAIS DIGAS NUNCA

SALA 2

Às 14, 16.30, 19 e 21.45
- M. 12 a.
OCTOPUSSY, 007 OPERAÇÃO
TENTÁCULO

SALA 3

Às 14.30, 18.15 e 21.15 h
- Maiores 12 anos -
SOPHIE'S CHOICE
1.ª Semana

TURIM 706666

E. de Benfica, 723-A

Às 14, 16.45, 19 e 21.30
- M. 6 a.
OS 101 DALMATAS

7.ª ARTE 730715

Av. República, à Est. de Entre Campos. Junto ao n.º 68

Às 14.30, 17, 19.10, 21.30 e 24
- M. 12 a.
NUNCA MAIS DIGAS NUNCA

STAR 815210

Av. Guerra Junqueiro, 14-C

Às 15, 18.15 e 21.30
- M. 12 a.
A VIDA É UM ROMANCE

TERMINAL 371573

Estação do Rossio

Às 11, 13, 15, 17, 19, 21.30 e 23.30
- M. 6 a.
KRULL

TIVOLI 570595

Av. da Liberdade, 188

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- Para Todos
OS 101 DALMATAS

VOX 880808

Av. Fr. Miguel Contreiras, Lote 879

Às 15, 18.15 e 21.30
- M. 12 a.
BANZAI, O GRITO DA VITÓRIA

XENON 368480

Av. da Liberdade, 9

Às 14.15, 16.30, 19 e 21.30
- M. 12 a.
O GOLPE DOS ENRASCADOS

outros cinemas

Lisboa

ALFA-1 - «Nunca Mais Digas Nunca», às 21.45 (12 anos)
ALFA-2 - «McQuade, o Lobo Solitário», às 21.15 (12 anos)
ROYAL - «As Insaciáveis», às 21.30 (18 anos)
CINE-ESTÚDIO ACS - «Querido Fantóche», às 21.15 (6 anos)
CAPITÓLIO - «1001 Noites Eróticas», às 21.00 e 23.00 (18 anos)
CITY-CINE - «O Pequeno Lord», às 21.30 (13 anos)
MUNDIAL - «Flashdance», às 21.30 (6 anos)
OLÍMPIA - «As Devassas de Pigalle», sessões permanentes (18 anos)
APOLO 70 - «A Estrada dos Malucos», às 21.30 (13 anos)
RETELO - «As Algemas do Fugitivo», às 21.30 (13 anos)
PROMOTORA - «O Dr. Jekyll Gosta de Delas Quentes», às 21.30 (18 anos)
ALFA-3 - «Flashdance», às 21.30

Outra banda

ALMADA - Cine-Almada - «Superman III», às 21.30 (6 anos)
COSTA DE CAPARICA - Silcine - «O Palco e a Vida», às 21.45 (13 anos)
ALMADA - Incrível - «Onde se Meteu a 7.ª Companhia?», às 21.15 (6 anos)
ALMADA - Académia - «Opção Final», às 21.15 (13 anos)
TRAFARIA - Pavilhão Jardim - «Perigo, Reação em Cadeia», às 21.15 (13 anos)

Linha de Cascais

ALGÉS - Stadium - «Angústia de Vi-ver», às 21.15 (18 anos)
PAÇO DE ARCOS - Chaplin - «Agente Secreto 101», às 21.15 (18 anos)
OELHAS - Oelhas-Cine - «Malícia», às 21.15 (18 anos)
PAREDE - Royal-Cine - «A Torre do Relógio», às 21.30 (13 anos)
SÃO JOÃO DO ESTORIL - Cinelândia - «O Incrível Hulk», às 21.15 (18 anos)
ESTORIL - Casino - «A Contagem Final», às 21.15 (13 anos)
CASCAIS - Impels - «Os Profissionais», às 21.30 (18 anos)
CASCAIS - Oxford - «A Fuga do Caça Soviético», às 21.30 (16 anos)

Linha de Sintra

AMADORA - Cine-Plaza - «Oficial e Cavaleiro», às 21.30 (18 anos)
AMADORA - Lido - «O Regresso de Jedi», às 21.30 (6 anos)
AMADORA - Cinestúdio - «Mega-força», às 21.30 (6 anos)
CACÉM - Cine-Estúdio Flores - «O Caso Danton», às 21.30 (12 anos)
SINTRA - Carlos Manuel - «A História de Bruce Lee», às 21.30 (12 anos)
ERICEIRA - Cinestúdio - «O Sobe e Desce», às 21.15 (6 anos)

Porto

OLÍMPIA - «Operação Zebra Força», às 21.30 (18 anos)
ESTÚDIO - «Django», às 21.30 (12 anos)
RAIONE - «Guerra das Estrelas», às 21.30 (13 anos)
RIVOLI - «O Regresso de Jedi», às 21.30 (6 anos)
TERÇO - «O Grande Zorro», às 21.30
VALE FORMOSO - «A Benção do Anjo Negro», às 21.30 (18 anos)
ÁGUIA - «A Luta dos Destemidos», às 21.30 (13 anos)
BATALHA - «Espíritos por Conta Própria», às 21.30 (6 anos)
TRINDADE - «Feliz Natal Mr. Lawrence», às 21.30 (12 anos)
SA DA BANDEIRA - «As Aprendizagens do Sexo», às 21.30 (18 anos)
CHARLOT - «O Regresso de Jedi», às 21.30 (6 anos)
BEBÉ - «Contos da Loucura Normal», às 21.30 (18 anos)
JÚLIO DINIS - «O Campo Infernal das Mulheres Perdidas», às 21.30 (18 anos)
PASSOS MANUEL - «Os 101 Dalmatas», às 21.30 (6 anos)
SÃO JOÃO - «Oficial e Cavaleiro», às 21.30 (18 anos)
COLISEU - «O Arco e a Flecha», às 21.30 (6 anos)
LUMIERE-A - «Octopussy», às 21.30 (13 anos)
LUMIERE-L - «Oh! Amigos Meus», às 21.45 (12 anos)
PEDRO CEM - «A Vida é um Romance», às 21.30 (12 anos)
FOCO - «Nunca Mais Digas Nunca», às 21.30 (12 anos)

Lisboa

PERMANENTE

ALVALADE - POTE D'ÁGUA: Paris, R. Reinaldo Ferreira, 5-A-B (T. 890131); AMOREIRAS - CAMPOLIDE: Pinto, R. de Campolide, 11 (T. 682610); ANJOS: Góis, R. dos Anjos, 12-12-D (T. 840101); AREIRO - APEADEIRO: Ideal, Av. Almirante Gago Coutinho, 49-A (T. 892803); BAIXA: Teixeira Lopes, R. do Ouro, 154-155 (T. 324816); CAMINHOS DE FERRO: Alves Carvalhal, R. Vale de Santo António, 7-9 (T. 840125); CAMPO GRANDE: Nova Torque, Av. Estados Unidos da América, 140-B (T. 760658); D. CARLOS e Lys, R. da Esperança, 17-19 (T. 660913); ENCOSTA DO RESTELO - MOINHOS:

teatros

Lisboa

TEATRO DA GRAÇA - «O Rufa na Escada», às 21.45 (13 anos)
MARIA VITÓRIA - «Quem Me Acaba o Resto?», às 21.30 e 22.45 (16 anos)
CASA DA COMÉDIA - «Marlowe», às 22.00 (13 anos)
PRAÇA DE ESPANHA - Circo Americano (6 anos)
MARIA MATOS - «Annie», às 21.00 (6 anos)
VILLARET - «Super Silva», às 21.30 (13 anos)
COLISEU - O Circo do Natal, às 21.30 (6 anos)
PRAÇA DE TOIROS DO CAMPO PEQUENO - Circo Chen, às 21.30 (6 anos)
ABC - «Todos Tesos», às 20.30 e 23.00 (18 anos)
VARIADADES - «Um Fantasma Chamado Isabel», às 21.30 (13 anos)

Porto

CAMPO ALEGRE - «Um Cálice de Porto», às 21.45 (13 anos)
TEP - Escola Académica - «Quase um Conto de Fadas», às 21.30 (13 anos)

farmácias

Linha de Sintra

AMADORA: Jardim, Av. Conde de Oeiras, 120, Reboleira (T. 928424). Permanente; Conflança, Av. D. Nuno Álvares Pereira, 115-A (T. 938149). Até às 22 horas; DAMAIA: Damais, F. Alexandre Gusmão, 9-A (T. 970523). Permanente; QUELUZ: Simões Lopes, Av. Elias Garcia, 51 (T. 960123). Até às 22 horas; CAMARATE: Nova da Charneca, R. Cidade de Lisboa, 9-A (T. 251872). Até às 19 horas; CACÉM: Guerra Rico, R. Combatentes da Grande Guerra (T. 9244002). Permanente; ALGUEIRÃO: Rodrigues Rato, R. dos Morés, 1 (T. 9212038). Permanente; MERCÉS: Cleo Russo, R. Abade Faria, 2-A (T. 9215275). Até às 22 horas; RINCHOA: Cargaleiro Lourenço, Até às 122 horas; SINTRA: Misericórdia, Vila (T. 9231070). Permanente; COLARES: Abreja (T. 9290088).

MOSCAVIDE: Banha, Av. Moscavide, 22-A (T. 2518518). Permanente; SACAVÉM: Cortes, Av. Maria Luísa Braamcamp, 2-A (T. 2519420). Até às 22 horas; LOURES: Seralva, Av. da República, 29 (T. 2531240). Até às 22 horas.

DE DIA E TODA A NOITE

GONDARÉM, R. de Gondarém, 380, Foz; ALBERTO FERREIRA, R. da Estação, 100; SÃO DINIZ, R. de São Diniz, 428; ANTUNES, R. do Bonjardim, 485; BATALHA, P. da Batalha, 26.

Coimbra

RODRIGUES DA SILVA, R. Ferreira Borges, 32 (T. 24348).

Linha de Cascais

TIRES: Guimarães, L. Duarte, lote A, r/c (T. 2441616). Até às 22 horas; AL-CABIDECHÉ: Carvalho, B. João P. Correia, 40-B (T. 2690363). Até às 22 horas; PORTO SALVO: Ferreira Bastos, R. D. Firmo Rebelo (T. 2421015). Até às 22 horas; MALVEIRA DA SERRA: Luz, Até às 22 horas; PAÇO DE ARCOS: Pargana, Av. Eng. Bonneville Franco (T. 2435147). Até às 22 horas; OELHAS: Oelhas, L. Henrique Paiva Couceiro (T. 2430485). Permanente; NOVA OELHAS: Leal, Quinta das Palmeiras, Lote 24, r/c (T. 2478737); CARCAVELOS: Central, R. 5 de Outubro, 25 (T. 2470037). Permanente; SÃO DOMINGOS DE RANA: Godinho da Silveira, Av. Sabóia, 29-B (T. 260085). Até às 22 horas; PAREDE: Alair, Av. Gago Coutinho, Bairro das Caixas de Previdência (T. 2472948). Permanente; SÃO JOÃO DO ESTORIL: São João, Quinta da Carreira, lote 29-A (T. 2681186). Até às 22 horas; SAS-SOEROS: Amaral Semblano, Quinta das Encostas, Até às 22 horas; MADRADA: Madeira, Até às 22 horas; AMOREIRA: Abrantes, Vinda Maria Carlos Anj. (T. 2682313). Até às 22 horas; CASCAIS: Nova, E. de Alvide, Fontainhas (T. 281044). Permanente.



Propriedade, Composição e Impressão:
RENASCENÇA GRÁFICA, SARL
Administração, Redacção, Publicidade
e Serviços Técnicos:
RUA LUZ SORIANO, 44 - 1200 LISBOA
TELEFONES: 321154/5 - 320271/2/3
Publicidade: 398749
Serviço de notas (diária das 21):
Porteiro: 321154
Redacção: 320271/2/3

Depósito Legal n.º 1428/82
Endereço Telegráfico DIBOA
Telex 12363 LISBOA PORTUGAL

DELEGACAO DO PORTO
Rua do Almada, 30-2 - 4000 PORTO
Telefones: 20954/5

Distribuição: INTERPRESS
Rua do Norte, 115-11 - 1200 LISBOA
Telefones: 322100-322204-320784

MARÉS DE HOJE
PREIA-MAR BAIXA-MAR

3.00	4,1 m	8.43	0,9 m
15.25	4,0 m	20.58	1,0 m
Dia 21			
3.03	4,2 m	9.27	0,9 m
16.11	4,0 m	21.41	1,0 m

TEMPERATURAS DO AR
AS 6 HORAS

VIAGENS DO CASTELO	14°
BRAGA	8°
VILA REAL	11°
PORTO	14°
COIMBRA	15°
CABO CARVOEIRO	15°
PORTALEGRE	10°
LISBOA	15°
ÉVORA	13°
BEJA	14°
FARO	17°
SAGRES	-
PONTA DELGADA	13°
FUNCHAL	17°

tempo

PREVISÃO DO TEMPO
PARA AMANHÃ

Céu geralmente muito nublado. Vento moderado ou forte de oeste. Agradáveis, sendo de neve nas terras altas do norte e centro. Pequena queda de temperatura.



Enxurradas mataram operário na Cedofeita

Zonas ribeirinhas do Porto alertadas para a possibilidade de cheia no Douro

Tal como toda a região Sul também as zonas Norte e Centro do País foram fustigadas por aguaceiros e vento forte, havendo já a lamentar a morte de uma pessoa no Porto, vítima das enxurradas. O acidente ocorreu, cerca das quatro horas, na Rua da Torrinha, na cave do prédio 332, habitada por três operários da construção civil, quando uma enxurrada proveniente das ruas da Cedofeita, Anibal Cunha, Álvares Cabral e Boavista venceu a oposição de um muro existente nas traseiras da Escola Secundária Rodrigues de Freitas e foi

invadir a cave do referido prédio, fazendo um morto. Trata-se de Serafim Novais Pinheiro, de 35 anos, natural de Marco de Canaveses, que sucumbiu afogado, não obstante ter sido ainda conduzido ao Hospital de Santo António, onde chegou já sem vida. De referir que os dois companheiros do infeliz operário aperceberam-se a tempo do perigo e conseguiram escapar antes que a água em fúria tapasse por completo a saída da cave. Enquanto isto, a Capitania do Porto do Douro advertiu a popu-

lação das zonas ribeirinhas para a eventualidade de uma cheia no rio Douro, na região do Porto. O nível das águas - de acordo com a Capitania - atingirá os maiores valores por altura da maré cheia. As próximas preia-mar serão hoje às 16,01 horas, quarta-feira às 14,20 horas e 16,46 horas e quinta-feira às 05,04 horas e 17,35 horas. O comunicado da Capitania avisa as populações ribeirinhas para que «tomem as precauções que entenderem convenientes».

Quanto às trovoadas e às fortes bátegas de água, deixaram ainda toda a região de Viseu privada durante horas de comunicações telefónicas e de telex. As avarias foram provocadas por descargas eléctricas no feixe artesiano de Trevem, localizado em Castanheira de Pera, no distrito de Leiria. Até ao momento, ao que apurámos, cerca de dez por cento dos feixes regionais de Viseu encontravam-se ainda avariados, impedindo a ligação de pelo menos 1500 telefones.

A situação no Ribatejo
Finalmente no Ribatejo, segundo nos afirmou um porta-voz do Serviço da Protecção Civil de Santarém, apenas se tinha registado o corte momentâneo da estrada Vale de Figueiras - Pombalinho. Quanto ao rio ainda não tinha atingido a altura preocupante, embora fosse de prever um aumento do nível das águas com a descarga das barragens portuguesas de Castelo de Bode e Fratel e das barragens espanholas, com destaque para a de Alcântara.

Em Lisboa e no Sul do País mau tempo não fez estragos

O mau tempo que se fez sentir a noite passada em quase todo o País não provocou em Lisboa, e na parte sul do território, os estragos que poderia imaginar quem se viu esta manhã a braços com a confusão que ele lançou no trânsito da capital. Para lá de umas tantas caves inundadas e de algumas ruas mais baixas cobertas por lençóis de água, o temporal não teve, na cidade, quaisquer consequências dignas de nota. Em certas áreas do distrito assinalaram-se algumas quedas de árvores e um ou outro aluimento de terras, mas não há a registar danos pessoais. O estado das estradas originou alguns acidentes que se limitaram a causar estragos materiais. Na Ponte 25 de Abril a circulação esteve condicionada durante um curto período da manhã, no sentido Norte/Sul, mas a normalidade foi restabelecida cerca das 11 horas, quando uma grua içou um enorme con-

tentor para cima do camião de que tinha caído. Quanto à circulação ferroviária a chuva e o vento forte apenas causaram descargas na catenária, originando um atraso de 19 minutos nos comboios da linha de Sintra. Por volta das nove horas a CP considerou reposta a situação normal. Em termos de circulação rodoviária, a Brigada de Trânsito da GNR informou-nos ao fim da manhã que a chuva tinha obrigado ao corte das seguintes estradas nacionais: n.º 365, entre Ribeira de Santarém e Alcanhões e entre Vale de Figueira e Pombalinho; n.º 378 (estrada que liga a auto-estrada do Sul a Sesimbra), junto às bombas de gasolina da Mobil e n.º 15 no Norte do País, que foi interrompida ao quilómetro 101, junto a uma localidade denominada Rabães. O mau tempo esteve também na origem de um aluimento que

levou à interrupção do tráfego na estrada nacional n.º 9, entre Pero Pinheiro e Mafra (km 26). Por outro lado, a queda de neve na serra da Estrela provocou o corte da generalidade dos acessos aos pontos mais altos da serra. **Situação normal para a época** «Trata-se de uma situação perfeitamente normal e característica da passagem de superfícies frontais, habituais nesta época do ano», disse-nos esta manhã, um informador do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica a propósito dos vendavais e da chuva que caiu na noite passada. Segundo a mesma fonte, as rajadas que sopraram durante a noite atingiram os 102 km/hora nas Penhas Douradas, os 72 em Lisboa e 75 no Porto. No dia 18 estes valores foram

largamente ultrapassados em boa parte do País com 125 km no Porto. Em Lisboa, porém, as rajadas de domingo ficaram-se pelos 70 km/hora. Quanto à chuva, a situação também não tem nada de invulgar, tendo-se registado apenas 8 litros por metro quadrado de precipitação caída em Lisboa, entre as 18 horas de ontem e as 6 de hoje. Em Vila Real choveu bastante mais e a pluviosidade atingiu os 60 litros por metro quadrado. As violentas chuvadas que fustigaram a capital entre as 6 e as 8 desta manhã e que levaram ao pandemónio no trânsito da capital, foram consideradas pela mesma fonte como «típicas da época». O que obviamente se tornou também típico da época foi a in-

capacidade dos sistemas de escoamento de águas darem vazão a chuvas «perfeitamente normais»... **Mais frio depois do Natal** Quanto à evolução do estado do tempo, a superfície frontal que nos atingiu esta noite tem-se estado a deslocar lentamente para Sul e Leste, devendo ter alcançado o Algarve ao fim da manhã de hoje. Daqui até ao dia 25, a situação vai manter-se com o aparecimento de novas superfícies frontais que provocarão chuva, neve, aguaceiros e vento e que alternarão com algumas abertas. A temperatura manter-se-á nos mesmos níveis, prevendo-se, no entanto, uma brusca mudança do estado do tempo no dia 26. A partir daí encaminhar-nos-emos para 1984 com temperaturas mais baixas e sem chuva.



Apesar de não se ter divorciado Carolina de Mónaco vai casar-se pela segunda vez

A princesa Carolina de Mónaco vai casar no próximo dia 29 com Stefano Casiraghi, anunciou oficialmente o Principado, adiantando o comunicado que o casamento será celebrado no Palácio dos Príncipes. Stefano Casiraghi tem menos quatro anos que Carolina e é herdeiro de uma das famílias mais ricas de Itália. Dirige várias sociedades, nomeadamente ligadas à exportação de calçado e vestuário. O comunicado do Principado não informa se houve ou não anulação do primeiro casamento, condição para que Carolina volte a casar pela Igreja. Recorde-se que Carolina de Mónaco tinha sido casada com Philippe Junot, um francês, de quem se tinha divorciado. Segundo o antigo código, o casamento dos soberanos, chefes de Estado e suas famílias releva directamente do Vaticano, a fim de evitar que os interessados possam exercer pressões sobre os tribunais da Igreja nacional. Foi assim que o pedido de Carolina, formulado há mais de um ano e dirigido directamente ao Papa, foi por este apresentado e transmitido à Santa Rota Romana para que esta nomeie logo uma comissão de três prelados encarregados de o examinar. No novo código que entrou em vigor no mês passado, as famílias dos grandes deses mundo são autorizadas a dirigir-se, tal como o comum dos mortais, à jurisdição eclesiástica local, o que deverá traduzir-se numa aceleração notável dos processos. O pedido, cujo exame já começou mas parece ainda não ter terminado, deverá ser julgado em duas sessões, de cada vez por três juízes eclesiásticos diferentes. Qualquer que seja a resposta, a princesa suportará os custos judiciais, que são calculados de acordo com a posse dos interessados. Comentando a notícia do casamento da Princesa, o Decano do Tribunal da Santa Rota Romana, monsenhor Artur de Jorio, declarou-se «extremamente surpreendido», tanto mais que o pedido de anulação não recebeu ainda resposta. «A princesa contentar-se-á provavelmente enquanto um casamento civil enquanto aguarda a decisão do Tribunal», considerou um prelado que solicitou anonimato.



Amnistia pelo Natal?

ISABEL DO CARMO e Carlos Antunes foram recebidos, a seu pedido, pelo ministro da Justiça, Rui Machete, a quem fizeram uma exposição sobre a necessidade de uma Lei de Amnistia. Segundo Isabel do Carmo, o ministro mostrou-se receptivo «ao problema humano» e prometeu que, pela sua parte, não haveria oposição à amnistia.

Taça "Jules Rimet" roubada

O Taça «Jules Rimet», que o Brasil conquistou definitivamente em 1970, no México, ao ganhar pela terceira vez o campeonato do mundo de futebol, foi roubada na noite de segunda para terça-feira por dois homens, da sede da Confederação Brasileira de Futebol, soube-se esta manhã no Rio de Janeiro. O troféu pesa três quilos de ouro puro.

Moçambique e África do Sul iniciam conversações

Um quadrilátero de influências
O encontro de hoje é o primeiro contacto oficial entre a República Popular de Moçambique e a República da África do Sul. No entanto, a nível militar já teria havido pelo menos mais um encontro, conduzido pela parte sul-africana pelo general Malan e da parte de Moçambique por uma entidade ao mais alto nível. Sobre a natureza da delegação moçambicana, Maputo nunca confirmou que a alta entidade se tratava do presidente Moisés Samora Machel como constou em diversos círculos jornalísticos. Apesar de este ser o primeiro contacto oficial, e das relações entre Moçambique e a África do Sul serem tensas, a delegação comercial sul-africana em Maputo nunca encerrou, canalizando-se através daquela representação diversos contactos informais entre os dois países. As conversações que hoje se iniciam na Suazilândia são também o resultado de um quadrilátero de influências. Assim, Lisboa serviu de ponte para com Maputo, enquanto Washington pressionava Pretória. O êxito destas conversações dependerá muito da «abertura» sul-africana a um ponto perante o qual Moçambique se mantem intransigente. Como referiu Samora Machel em Bissau, Pretória terá de cessar todo o apoio à denominada «resistência moçambicana».